

FACULDADE DE LETRAS
DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TEMA: MONTIJO, UM CONCELHO, UMA VISÃO.



SUSANA RAQUEL DA SILVA BATISTA
N: 44790

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E
AUTARQUICOS

Professor Orientador: Professor Doutor Pedro Barbosa
Orientadora da Entidade de Acolhimento: Dra. Maria Perpétua de Jesus

2012

Agradecimentos

Pretendo em primeiro lugar agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuiriam para que pudesse realizar este estágio.

A realização deste trabalho em muito se fica a dever a todos os elementos da Divisão de Cultura Bibliotecas e Turismo, da Câmara Municipal do Montijo a quem dirijo os meus mais sinceros agradecimentos, não só pela excelente experiência laboral e dogmática que me proporcionaram como também pelo contributo indispensável que me deram.

À Dra. Maria Perpétua de Jesus Abelhinha, por me ter aceitado na sua Divisão e por sempre me ter em consideração.

À Dra. Fernanda Pinho, que sempre teve tempo e paciência para me ajudar e por me ter apoiado durante todo o período de estágio e por toda a sabedoria que me transmitiu um especial agradecimento.

Ao técnico Joaquim Baldrico, por tudo o que me ensinou com propósito e especialmente pelo que me ensinou sem saber que o fazia.

Aos colegas da Promoção Cultural um grande abraço. Ao José Martins por me ajudar a resolver sempre as pequenas frustrações informáticas e à Dra. Lara Costa pelo apoio que demonstrou durante o estágio e por não se ter esquecido de mim nas suas viagens.

Aos colegas do Turismo também agradeço, pois apesar de não ter trabalhado directamente com eles, nunca me deixaram de apoiar e de me ajudar na concretização deste projecto.

Agradeço ainda à minha família, em especial à minha mãe, por nunca me ter deixado desistir e ainda à minha irmã que nunca me disse que não, de todas as vezes que lhe pedi apoio.

Índice

1. Introdução.....	7
2. Contextualização	8
2.1. <i>Caracterização do Concelho do Montijo</i>	8
2.2. Caracterização da Instituição	9
2.3. Caracterização dos Serviços	10
a) Departamento de desenvolvimento social, cultural e de saúde.....	10
b) Divisão de cultural, Bibliotecas e Turismo/Gabinete de Promoção Cultural ..	11
3. Projetos.....	Erro! Marcador não definido.
3.1. <i>Arte pública: um percurso pelo concelho</i>	12
3.2. <i>Círculo de Autores</i>	20
3.3. <i>Poemas à volta dos Moinhos</i>	21
3.4. <i>À descoberta do Património do Concelho – Conhecer e Preservar</i>	22
3.5. <i>As tradições da Quinta Nova da Atalaia – A Quinta Mágica – Uma Aventura na Quinta</i>	25
b) Lagar de Azeite:	26
c) Lagar de Vinho e Adega:	27
e) Pomar e Horta:	28
3.6. <i>Moinho de Vento - Moinho Misterioso – Moinho Encantado</i>	29
3.7. <i>Moinho de Maré – Jogo do Moinho da Maré – Exploradores do Moinho do Cais</i>	30
3.8. <i>Exposição do azulejo – Azulejos Indiscretos</i>	32
3.9. <i>Percurso Civil e Religioso Azulejar</i>	34
a) Percurso Civil:	34
b) Percurso Religioso	36
4.0. <i>Vamos Falar de Memórias</i>	36
4.2. <i>Conversa à volta dos livros</i>	38
4.3. <i>Da Aldeia Galega do Ribatejo ao Montijo. Exposição Permanente Museu Municipal do Montijo</i>	39
4. Pequenos projetos	43
4.1. <i>Figuras da nossa terra:</i>	43

4.2. Elaboração de <i>PowerPoint's</i>	44
4.3. <i>Dia Nacional da Proteção Civil</i>	45
4.4. <i>Visita ao Centro Histórico do Montijo</i>	46
4. Reflexão	47

Índice de Anexos

Anexo 1- Proposta para a elaboração da Exposição <i>Arte Pública, um percurso pelo concelho</i>	49
Anexo 2 – Proposta para Exposição permanente da Casa Tavares Mora / Museu Municipal do Montijo.....	89
Anexo 3 – Histórias lidas nas actividades – Poemas à volta dos moinhos e Moinho Misterioso.....	114
Anexo 4 – Registo Diário	118
Anexo 5 – Folheto Informativo sobre o Concelho do Montijo	139
Anexo 6 – Impresso Informativo sobre o Museu Agrícola da Atalaia.....	140
Anexo 7 – Impresso Informativo sobre as Rotas Turísticas no Montijo.....	141
Anexo 8 – Folheto Informativo sobre a Gripe A (H1N1)	142
Anexo 9 – Folheto informativo sobre Medidas de auto-protecção e defesa contra incêndios.....	143
Anexo 10 – Folheto Informativo da Protecção Civil.....	144
Anexo 11 – Impresso “Roteiro – O Azulejo no Montijo.....	145
Anexo 12 – Questionários <i>À Descoberta do Concelho</i>	146
Anexo 13 - Organograma da Câmara Municipal do Montijo.....	147
Anexo 14 – Programa de Estágio	148
Anexos Digitais	149
Disco 1	150
Fotografias das exposições – Cesário Verde; Luís Calado Nunes; <i>De Aldeia Galega a Montijo</i>	150
Disco 2.....	151
Fotografias das Actividades relacionadas com os Moinhos – Vento e Maré.	151
Disco 3	152
Fotografias e <i>PowerPoint</i> das actividades <i>Vamos Falar de Memórias e Conversas à volta dos Livros</i>	152
Disco 4	153
Fotografias da Exposição do Azulejo e dos roteiros – civil e religioso.....	153
Disco 5	154
Fotografias das actividades no Museu Agrícola da Atalaia/Quinta Nova da Atalaia.	154
Disco 6	155

Fotografias da actividade <i>À Descoberta do Concelho; Visita guiada à cidade aos turistas Norte-Americanos</i>	155
---	-----

1. Introdução

No âmbito do Mestrado de Estudos Regionais e Autárquicos, e em substituição da Tese de dissertação, optei por efetuar um estágio curricular.

Devido a factores relevantes, tais como localização, deslocação e situação profissional, não me foi possível beneficiar do acordo estipulado entre a Faculdade de Letras e a Câmara Municipal de Cascais, que providenciava aos alunos do mestrado acima referido, estágios curriculares. Assim sendo a tomei em mim encontrar o meu próprio estágio.

Para a concretização deste projecto escolhi a Câmara Municipal de Montijo como entidade acolhedora. Após alguma espera e ansiedade, fui convidada pela Dr.^a Perpétua de Jesus, no dia 29 de Setembro de 2011, para uma entrevista. Assim fui convidada a integrar a Divisão de Cultura Bibliotecas e Turismo, com o intento de não só participar e colaborar na dinamização do Programa Educação para a Cultura, que envolve projetos direcionados ao público escolar, público sénior e público em geral, como ainda colaborar nas montagens de pequenas exposições intituladas *Ciclo de Autores de Língua Portuguesa, Figuras da Nossa Terra e Arte Pública, um percurso pelo concelho*. Contudo, como projecto principal deste estágio iria participar na elaboração, planificação, elaboração e montagem de um projecto referente à exposição permanente a realizar na Casa Tavares Mora/ Museu Municipal do Montijo, com inauguração prevista para 26 de Junho de 2012.

O programa geral empreendia um apoio logístico ao funcionamento e produção do departamento, uma observação e acompanhamento das actividades e iniciativas da divisão e uma observação e acompanhamentos dos processos de planificação de actividades. Em termos de organização iria estabelecer contactos com as diferentes áreas do trabalho implicadas e oferecer um apoio logístico ao funcionamento do departamento (documentação e reprodução de materiais, receção de chamadas, uso de sistemas informáticos). Já a nível de produção e pós-produção de projectos e actividades, iria observar estas e acompanha-las com os monitores e os grupos. Iria ainda oferecer um acompanhamento e participação na criação de projectos e materiais em colaboração com outros elementos da divisão.

No dia 2 de Novembro iniciou o meu primeiro dia na Divisão. Apresentei-me às 9h00 onde foi recebida pela minha orientadora de estágio, Dra. Perpétua de Jesus. Após uma

visita às instalações, local de permanência, conheci a equipa técnica da Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo, seguindo-se uma reunião com a orientadora. Esta divisão inclui a divisão de Turismo, a Promoção Cultural e a divisão de Cultura, sendo que a representação das bibliotecas também se encontra na mesma.

Após a apresentação de um plano de estágio, a interação com os colegas começou naturalmente.

2. Contextualização

2.1.Caracterização do Concelho do Montijo

O concelho do Montijo está situado na margem Sul do Rio Tejo, a aproximadamente 25Km de Lisboa, a qual se alcança em cerca de 20 a 30 minutos, utilizando as pontes Vasco da Gama, 25 de Abril ou os transportes fluviais. O Montijo também se encontra relativamente perto de Setúbal, a sua capital de distrito que fica a cerca de 25Km. A Auto-estrada (A12) é o principal acesso a Setúbal.

Dividido em duas partes distintas, uma rural e outra urbana, é constituído por oito freguesias: Montijo, Afonsoeiro, Sarilhos Grandes, Alto Estanqueiro/Jardia, Atalaia, Pegões, Canha e Santo Isidro. Estando interseccionado por outros dois concelhos, Alcochete e Palmela, é um concelho demasiado disperso pois a freguesia que se encontra mais distante do centro da sede do Município está a cerca de 40Km.

A proximidade com a capital, principalmente depois da construção da Ponte Vasco da Gama, gerou um aumento na população da cidade, que contribuiu para o crescimento da comunidade escolar.

No Montijo os equipamentos culturais existentes são poucos. Mais signitivamente, destaca-se o Cinema Teatro Joaquim de Almeida, o Museu Municipal – Casa Mora, a Galeria Municipal, o Museu Agrícola da Atalaia e o Museu Etnográfico de Canha.

2.2. Caracterização da Instituição

A 6 de Junho de 1930, a vila e o concelho de Aldeia Galega do Ribatejo passaram a denominar-se Montijo vindo, a 14 de Agosto de 1985, ser elevada à categoria de cidade.

O município toma a si a responsabilidade de promover actividades ligadas à promoção da educação e formação, à requalificação de espaço urbano e paisagístico do concelho, à dinamização do património, ambiental e desportivo, ao aprofundamento da modernização administrativa e tecnológica e ainda às parcerias com entidades públicas e privadas.

A instituição pretende prosseguir a sua actividade de bom relacionamento com todos os seus interlocutores.

No que diz respeito às relações com as empresas prestadoras de bens e serviços que pretendem fixar-se no concelho e com os municípios da Área Metropolitana de Lisboa, tenciona manter uma relação institucional dialogante, sincera e aberta.

Futuramente a autarquia pretende apostar no ordenamento do território e na revisão do *Plano Director Municipal*¹. Ambiciona por uma nova requalificação urbana disponibilizando novas áreas de serviços e tecnologias de ponta. O ordenamento rural, surge como um novo caminho de desenvolvimento, desenvolvendo actividades agrícolas e florestais valorizando desta maneira a cultura que o concelho tem para oferecer recuperando e preservando o património e implementando novos centros de actividades, reunindo os valores tradicionais com novas formas de arte.

A estruturação orgânica da Câmara Municipal de Montijo é a seguinte:

O Departamento da Presidência e de Administração Geral está subdividido pelas seguintes unidades orgânicas:

- Divisão de Informática,
- Divisão Jurídica e da Administração Geral,
- Divisão de Comunicação e Relações Públicas e Gabinete de Planeamento e Auditoria Interna.

¹ Uma componente do plano municipal de ordenamento do território, ou seja, um documento regulamentador do planeamento e ordenamento do território de um dado município em Portugal. O PDM é elaborado pela Câmara Municipal e aprovado pela assembleia municipal.

O Departamento de Ordenamento do Território e Urbanismo está subdividido pelas seguintes unidades orgânicas:

- Divisão de Ordenamento do Território,
- Divisão de Gestão Urbanística,
- Divisão de Gestão Administrativa,
- Divisão de Habitação e Reabilitação Urbana.

O Departamento de Obras e Meio Ambiente está subdividido pelas seguintes unidades orgânicas:

- Divisão de Obras Municipais,
- Divisão de Equipamentos, Energia e Ambiente.

O Departamento de Desenvolvimento Social, Cultural e de Saúde está subdividido pelas seguintes unidades orgânicas:

- Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo,
- Divisão de Solidariedade e Promoção da Saúde, Divisão de Desporto e Juventude.

O Departamento de Recursos Humanos e Financeiros está subdividido pelas unidades orgânicas:

- Divisão de Recursos Humanos
- Divisão de Gestão Financeira.

Divisão de Educação

2.3. Caracterização dos Serviços

a) Departamento de desenvolvimento social, cultural e de saúde

Este Departamento enquadra a acção das unidades flexíveis que o integram, por referência às áreas de intervenção do Departamento, ou seja compete-lhe organizar e impulsionar as iniciativas de cariz cultural, turístico, desportivo e social, velando pela melhor inclusão e conciliação das actividades propostas e por uma maior igualdade de oportunidades no acesso às mesmas.

O Departamento poderá ainda integrar as subunidades orgânicas que venham a ser criadas por Despacho da Presidente da Câmara.

b) Divisão de cultural, Bibliotecas e Turismo/Gabinete de Promoção Cultural

À Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo (DBCT), compete-lhe, para além do definido por lei, as seguintes atribuições:

- Gerir o património municipal, criando e mantendo actualizada a respectiva base de dados;
- Assegurar a gestão dos equipamentos culturais municipais, designadamente o Cinema Teatro Joaquim de Almeida;
- Apoiar a criação de museus e núcleos museológicos;
- Fomentar e coordenar as acções culturais municipais, constituir parcerias que permitam uma melhor optimização de meios e recursos;
- Colaborar com outros serviços da autarquia ou com outras entidades na organização de eventos de carácter cultural, visando a dinamização das diferentes estruturas culturais existentes no município;
- Gerir de forma integrada o Arquivo Municipal, assegurando a sua valorização e divulgação;
- Promover e generalizar o acesso à leitura, garantindo (assegurando para este efeito) a gestão da Biblioteca Municipal e dos diversos pólos;
- Promover e apoiar a produção de documentos e outras formas de informação sobre o património municipal cultural, artístico e/ou histórico;
- Coordenar a actividade do posto turismo;
- Definir e implementar medidas de promoção, divulgação e valorização da imagem turística do concelho;
- Dinamizar iniciativas que integrem os valores culturais, monumentais, artísticos e paisagísticos municipais;
- Apoiar actividades e manifestações artesanais e etnográficas de interesse municipal;
- Promover, através do Centro de Saberes, a formação dos cidadãos
- O Gabinete de Promoção Cultural para além de outras atribuições tem como missão integrar os cidadãos no património local, alertando-os para a importância

da valorização patrimonial e artística de acordo com uma lógica de afirmação identitária.

- Os propósitos deste gabinete consistem em promover a acção cultural dos vários espaços museológicos existentes na cidade, regular a comunicação com os diversos públicos e desenvolver programas no âmbito da educação patrimonial e artística, com actividades adaptadas aos diferentes públicos – alvo.

3. Projectos

No decorrer do estágio colaborei em diversos projectos e actividades, conjuntamente com os colegas da divisão. Os quais seguidamente descrevo. Contudo, é de salientar que algumas das actividades apresentam mais que uma designação no seu título. Isto deve-se ao facto de estas actividades estarem desenhadas para diferentes faixas etárias e consequentemente, apesar de a base de informação ser a mesma, tomarem sentidos diferentes e serem efectuadas actividades também elas diferentes.

3.1. *Arte pública: um percurso pelo concelho*

“Toda a estátua é escultura mas nem toda a escultura é estátua”
(SYNEK, 2010, p. 8)

A minha primeira colaboração nesta equipa deu-se com o projecto *Arte pública: um percurso pelo concelho*, onde me foi pedido que através de uma pesquisa bibliográfica, encontrasse monumentos distintos presentes no concelho.

Tal projecto estava inicialmente pensado a ser patenteado apenas como exposição livre, contudo é possível ter acesso a ele através do *website* da câmara Municipal do Montijo. Pretendeu-se, e pretende-se ainda visto esta ainda estar patente, oferecer uma visão sobre um conjunto de obras “que possuem a sua própria especificidade”², algumas delas executadas por conceituados artistas, grandes nomes na esfera nacional e internacional.

No Montijo, a arte pública, começou no âmbito da escultura monumental por ter um carácter mais comemorativo, de homenagem e de comemoração. Contudo as obras mais

² In *Proposta de Exposição para a arte publica* .Pp. 2

recentes são, já entendidas como peças de arte na cidade, pretendendo evocar a modernidade e a ascensão do concelho.

Esta exposição, no exterior, gira à volta de esculturas (peças abstractas), estátuas e bustos (referentes a uma figura) de grande variedade de formas e géneros. Dão-se a conhecer obras que se emolduram no conceito de Arte Urbana, algumas delas resultantes do protocolo celebrado entre a Autarquia e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A exposição abrange trabalhos pertencentes, visivelmente, ao género figurativo e outros a linguagem mais abstracta e até detentora de alguma obscuridade.

Arte Pública e Arte Urbana? Muitas designações e teorias têm emergido para definir as obras de arte colocadas em espaços urbanos, nova categoria artística, levando a que se crie uma certa confusão do que é Arte Pública e Arte Urbana. Tomando em conta que tal confusão viesse depois a pairar pela cabeça dos nossos visitantes, propusemo-nos a descobrir as suas diferenças. Com a Arte Pública entende-se a obra de arte emancipada dos constrangimentos de uma galeria ou do estatismo do museu. Trata-se de uma ingerência no quotidiano da população, pretendendo levar a arte contemporânea ao grande público, através da apropriação de espaços públicos. Ao contrário do que antes acontecia, é ela agora que vai ao encontro das pessoas que percorrem a via pública podendo estas “viver a arte” diariamente.

Já a Arte Urbana, urbanografia ou *streetart*, é a expressão que se refere a ostentações artísticas desenvolvidas no espaço público, à margem das instituições públicas ou empresariais, na qual poderemos mesmo incluir além dos *graffiti*, estátuas vivas, malabaristas, músicos, palhaços, peças de teatros ou puro e cru vandalismo.

Todavia, os intervenientes na concepção deste projecto, crêem que, colocadas em espaços públicos, estes monumentos e obras, constroem uma relação entre a arte e o meio que envolve o público. Cremos ainda que a dimensão estética destas práticas de embelezamento e animação dos espaços, contribui para uma melhoria da qualidade de vida do indivíduo

Após uma longa pesquisa, efectuada não só por mim como também com os colegas da divisão foram identificados os monumentos a serem reportados, os quais abaixo descrevo.³

³ Mais detalhes sobre estes monumentos urbanos estarão presentes no anexo n.º 1

Montijo

- As Portas da Cidade: da criação dos autores Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) e Irene Buarque (escultora) feito em Betão Branco encontra-se localizado na Rotunda das Portas da Cidade e foi inaugurado a 14 de Agosto de 2001.

“A suave escadaria de amplos patamares convida enfaticamente à entrada”.

Nuno Teotónio Pereira

“Não tem altura o silêncio das pedras”.

Irene Buarque

- *Curled sculpture*: da autoria de Sérgio Vicente (escultor) está situado na retunda do Centro Comercial Fórum Montijo. O material aqui utilizado foi a chapa de aço Cor-tem. A sua inauguração deu-se aquando da inauguração do Fórum Montijo, dia 8 de Abril de 2003.

Esta peça “assume a sua geometria harmoniosa (...) imbuindo o espectador numa busca permanente das formas encontradas nos elementos naturais”.

Sérgio Vicente

- Coluna modular: Autoria de Leonor Pêgo (escultora) que utilizou o Grés refractário e engobe, nas peças pretas. Localizado na Praça da Paz – Bairro da Bela Vista (Afonsoeiro), foi inaugurado a 8 de Março de 2004.
- Monumento ao trabalhador corticeiro: da autoria de Virgínia Fróis (escultora). Os Materiais utilizados foram o Tijolo burro, fabricado na Cermon- Cerâmica do Montijo, um sobreiro, vidro espelhado e mamoa relvada. Localizado na Rotunda da Mundet (rua Vasco da Gama – Circular Externa – Montijo).

“Uma árvore, um sobreiro como evocação da natureza, do trabalho e da tenacidade”.

Virgínia Fróis

- Homenagem ao Comandante Laginha: Criação de Bruno Marques (escultor) que utilizou o Bronze para elaborar o busto. A sua localização é patente na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Montijo (quartel dos bombeiros do Montijo) e a sua inauguração deu-se a 27 de Novembro de 2011.
- Busto de Izidoro Sampaio de Oliveira: da autoria de António Vidigal (escultor). Os Materiais utilizados foram o bronze. Encontra-se localizado na Av. Da Olivença (recinto da fábrica Izidoro) (Montijo). Apesar de não se encontrar no espaço público, a sua acessibilidade é feita sem restrições.
- Comunicação: Criação da escultora Sara Inácio. Utilizou o cimento refractário para elaborar estas peças que se encontram localizadas na Quinta do Saldanha, e que foram inauguradas a 8 de Março de 2003.
- Monumento ao Doutor Manuel da Cruz Júnior (1853-1924): de autoria de Anjos Teixeira seu filho e escultor. Os materiais utilizados foram o Bronze e a pedra e está localizado no Largo Doutor Manuel da Cruz Júnior na Av. Dos Pescadores a sua inauguração deu-se a 23 de Agosto de 1936.

“Socorria com a nobreza do seu dever profissional os que não tinham saúde e amparava monetariamente com a sua bolsa os que não tinham dinheiro”. (Manuel Giraldes da Silva *in*, Citadino: 1992; p.11)

- Monumento a Santos-Dumont (1873-1932): peça ofertada pela Embaixada do Brasil à câmara Municipal em 1973 no âmbito das comemorações da Descoberta do Brasil. Os materiais utilizados foram o Bronze, o calcário e o mármore. Está agora Localizado na Praça de Brasília, contudo o seu local inicial foi o salão Nobre dos Paços do Concelho.

Busto de bronze com a inscrição – ”Pai da Aviação deu asas ao mundo e glória ao Brasil”.

- Baixos-relevos do centro de saúde
 - Salineiro: da autoria do Mestre Domingos Soares Branco, que utilizou o Calcário Lioz para a sua concepção. Está localizado na Av. Luís de Camões, nº 21 mais concretamente no edifício do Centro de Saúde do Montijo.

“Neste ideal familiar (...),o homem aparece normalmente à esquerda e associado a uma função laboral que exige maior compleição física, neste caso o trabalho nas salinas; a mulher, em segundo plano e com a cabeça voltada para o marido, tem à cabeça uma pequena canastra e ambos seguram as mãos de uma criança que, no canto inferior direito, dá os primeiros passos, afastando-se dos pais.

A cena é completada com pequenos apontamentos sobre a identidade alcochetana: um barco à vela e as pirâmides de sal. (Museu de Mafra)”

- Pelicano: Tal como o anterior é da autoria do Mestre Domingos Soares Branco. Os materiais e localização são os mesmos.
- Monumento ao Pescador Montijense: da autoria de Bernardino Traquete (artesão). O material utilizado foi o Marfinite. A sua inauguração deu-se a 25 de Julho de 1999. Está localizado no Largo Conde Ferreira, na Av. dos Pescadores - em frente à Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense (S.C.U.P.A.).
- Baixos-relevos do palácio de justiça: Da autoria do escultor Euclides Vaz que utilizou o Calcário Lioz para os cinzelar. A sua inauguração deu-se em 1959. Estão localizados na Av. Paulino Gomes, na fachada do Palácio de Justiça (junto ao parque municipal do Montijo)
- Monumento de homenagem ao bombeiro: da autoria do escultor António Vidal Os materiais utilizados foram o bronze e o granito. A sua inauguração deu-se a 29 de Junho de 2001 e está localizado na Rua Manuel Neves Nunes de Almeida (junto aos Paços do Concelho do Montijo)

- Tágide: Autoria de Lagoa Henriques (escultor). Os materiais utilizados são a pedra, o betão armado/aço inox. Foi inaugurado a 25 de Abril de 2004 e está localizado na Praça da Republica.

“E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente”

Camões

- Calçada portuguesa:
 - Rua Joaquim de Almeida: um projecto que estava a cabo do arquitecto Pedro Damas e contou a habilidosa mão de Elisabete Duarte no desenho. Compostos por calcário negro e claro, a sua planta de pavimentos data de 1999.
 - Rua Almirante Cândido dos Reis (Rua Direita): Do arquitecto Rogério Dias. Utiliza o calcário negro e o calcário claro. Data de 1989.
 - Praça da Republica: da autoria de Rogério Dias ao encargo do Projecto do arquitecto Pedro Damas e novamente com o desenho de Elisabete Duarte. Utiliza os mesmos materiais e a sua planta síntese data de 1999.
 - Frente Ribeirinha do Montijo: da autoria das arquitectas Catarina Assis Pacheco e Filipa Cardoso. Utilização do Calcário negro e claro sendo a sua inauguração de 24 de Novembro de 2007, aquando da inauguração da Frente Ribeirinha.

O “(...) espaço físico da calçada, garante a dinâmica dos nossos próprios passos (sendo que são passos com olhos – olhos que passeiam)”.

João Lima Incarnada.

- Musas das artes: da autoria de Martins Correia, mestre, escultor e pintor e do escultor José Farinha. O material utilizado foi o bronze e estão datadas de 1957. Podemos encontra-las na fachada do Cinema-Teatro Joaquim de Almeida na Rua Joaquim de Almeida.

Sarilhos Grandes

- Monumento à Passagem do Milénio: da autoria do escultor João Duarte que utilizou o inox escovado, o mármore e a pedra. Inaugurou-se a 25 de Abril de 2001.

Atalaia

- Monumento a Álvaro Tavares Mora: da autoria do pintor e escultor Laureano Ribatua. Foram utilizados o bronze e o calcário moleanos para a sua concepção. Foi inaugurada a 24 de Agosto de 2001. Está localizada na Praça dos Operários.

Sto. Isidro de Pegões

- Pereira Caldas (engenheiro agrónomo) 1895 — 1958): da autoria do Arquitecto Eugénio Correia, está localizada junto ao edifício da Junta de Freguesia de Sto. Isidro de Pegões. O material utilizado foi o bronze.
- Homenagem à agricultura: da autoria de Artur Bual, artista plástico, foi inaugurado a 8 de janeiro de 1967 e encontra-se localizado no Parque de Material Agrícola de Pegões.

"A Arte é para mim, um meio eficaz de comunicação, o acto libertador, significante, e autêntico que encerra uma verdade alheia a preconceitos ou favores de todo e qualquer "ilustre" limitador do seu diálogo. Daí a minha arte antidesestino, única via de luta consciente que prescinde os louros". (*Artur Bual, 1994*).

Pegões

- Rotunda de Pegões: a sua confecção deveu-se primeiro a uma doação feita em 2004 à Junta de Freguesia por parte dos herdeiros de Humberto Cardoso - proprietário de várias herdades, vinhas e adegas - de uma pipa recuperada. Em segundo a uma intervenção, um ano depois, da empresa Discoverdi – Plantas e Jardins que a enriqueceu com uns arcos em ferro decorados de folhas e cachos de uva alusivos à vinha. Já em 2006 a Vivarte, empresa de jardinagem de Pegões, completa o conjunto com um arranjo de seixos que forma a palavra Pegões. Devido a estas intervenções teve diversas inaugurações.

- Escultura da praça da portagem: Da autoria do escultor Jorge Vieira foi inaugurada a 29 de março de 1998, aquando da inauguração da Ponte Vasco da Gama, sendo que a sua localização está patente nas imediações da Praça da Portagem da mesma. O material utilizado foi o ferro.

Como se pode então constatar, neste vasto leque, foram incluídos também alguns baixos-relevos, peças com elevada importância artística, a bem amada calçada portuguesa, cuja riqueza e originalidade é, talvez, a maior contribuição do nosso país em matéria de qualidade dos espaços urbanos pois supera a sua função utilitária, criando elementos decorativos bastante originais e dignos de conservação.

Após encontrada a arte urbana/ arte pública, o próximo passo foi elaborar os textos que não só os descreviam e complementavam, como também informariam o visitante da sua importância. Seguiu-se então uma longa jornada pelas pesquisas bibliográficas e por documentos arquivados, como foi o caso do Monumento a Santos-Dumont. Tendo-se apurado que no dia da sua inauguração, 12 de Dezembro de 1973, no salão nobre dos Paços do Concelho, esteve presente o embaixador do Brasil e uma brasileira, piloto de aviação, tornou-se necessário consultar o livro de visitas da época para ver o que eles haviam escrito.

Em trabalho conjunto com os colegas da divisão, suplementado com visitas aos locais onde a dita “arte” se encontrava, os textos formaram-se.

Como já tinha referido acima, este projecto estava inicialmente desenhado para apenas complementar a Frente Ribeirinha da cidade, contudo o sítio da Câmara Municipal do Montijo também o destaca.

A arte pública tem o poder de trazer para a rua, a expressão do artista, em espaço aberto, permitindo a todos, sem excepção, visualizá-la a todo o tempo. O facto de não estar confinada a um local fechado, permite que cada um, retenha um pouco do artista, da sua obra, numa perspectiva democrática de acesso gratuito e constante

Projectada em grandes painéis espalhados pelo passeio ribeirinho, esta exposição ao ar livre proporciona assim, tanto aos visitantes como aos moradores do concelho, uma aprazível viagem, não só pelo percurso do rio, como também pelo conhecimento da arte que o completa.

Esta exposição inaugurou a 25 de Fevereiro, numa visita acompanhada por funcionários da câmara, e habitantes da cidade.

3.2. *Círculo de Autores*

Entrelaçado com o projecto anterior, colaborei ainda no projecto *Círculo de Autores*, conjuntamente com os colegas da promoção cultural. Este projecto pretende dar a conhecer não apenas os autores portugueses, como também todos aqueles que transportam a língua portuguesa consigo pelo mundo, em todas as suas únicas, preclaras e diferentes formas.

Esta minha contribuição prendeu-se, entre outros aspectos, com a montagem e disposição da exposição, a decorrer no espaço da Biblioteca Municipal de 9 de Novembro a 7 de Janeiro. A figura destacada foi Cesário Verde.

Os elementos para esta exposição, foram cedidos pela Câmara Municipal de Odivelas. Inserida no ciclo de exposições sobre alguns dos grandes vultos da Literatura Portuguesa, esta exposição desenha a vida do poeta português do século XIX, através de um conjunto de textos biobibliográficos, ilustrados com imagens, convidando o público a descobrir ou a redescobrir esses autores.

Juntamente com a colega Ana Reis limpei e organizei os painéis a serem colocados. Toda a disposição foi pensada de modo a que o visitante pudesse, desde o momento da sua entrada na arcada da porta principal da biblioteca, ser convidado a visitar a exposição. Como introdução, cartazes embelezados não apenas com o semblante do autor, eram completados com as palavras *Descubra*, *Leia*, *Reencontre*, *Perca-se*, *Releia*, termos simples mas fortes convocando os visitantes a conhecer este grande escritor. No átrio da biblioteca, os dispositores brancos foram adornados com trechos das obras do autor, incentivando mais um pouco o espectador. Cronologicamente dispostos, os painéis, começavam a contar a sua história. Abaixo destes, uma vitrina dispunha exemplares de diversas obras do autor. Continuando por este espaço expositivo, o visitante encontrava, entre as estantes de conhecimento, os restantes painéis sobre a vida e obra deste escritor.

Foi deveras interessante tentar aplicar nesta exposição o que teoricamente havia aprendido no decorrer do mestrado. Contudo nem só de teoria se monta uma exposição, especialmente quando o espaço disponível apresenta impasses estruturais. Porém, e apesar de em alguns pontos ter podido realmente aplicar o que sabia - como no caso das vitrinas expondo as obras do autor, acessíveis tanto a crianças, adultos e deficientes motores, noutros tal não foi possível. Porém, aprendi imenso sobre como adaptar a

exposição ao espaço disponível e como arranjar alternativas quando enfrentados com algumas necessidades materiais.

No dia 9 de Novembro de 2011, por voltas das 17h30 a inauguração decorreu. Após um breve convívio entre ilustres convidados, deu-se início a um momento de leitura de poemas de Cesário Verde, pela técnica Georgina Miranda, que muito ecleticamente os declamou. Seguiu-se a visita à exposição com a técnica Ana Reis como guia e terminou no primeiro andar, aonde os visitantes foram convidados a assistir a uma conferência orientada por uma professora desta casa, dra. Serafina Martins. Aqui foi debatida a vida do autor, das suas obras e da sua mestria. Finda a intervenção da interlocutora, houve um momento de debate com os assistentes, seguido dos tradicionais agradecimentos. No final houve mais uma vez um momento de convívio trivial entre os convidados.

Ainda no âmbito do Ciclo de autores de língua Portuguesa a este projecto, foi-me pedido que elaborasse uma proposta para um novo autor a ser apresentado na próxima exibição. Contudo, estando ligada a outro projecto na altura já não participei nesta exposição onde figurou Érico Veríssimo, um dos nomes de maior destaque da Literatura Portuguesa.

3.3. Poemas à volta dos Moinhos

Em conjunto com o serviço educativo da divisão, estive envolvida em inúmeros projectos educacionais, designados *Poemas à Volta dos Moinhos*. Estes, direccionados para a promoção e desenvolvimento da educação patrimonial e artística, contêm actividades adaptadas aos diferentes públicos – alvo.

O objectivo desta actividade consistiu em manter uma conversa com os participantes sobre o molinologia e relembrar os antigos moinhos edificadas na zona.

No decorrer da actividade, entre o despertar de memórias e histórias, foi lido um conto do autor José Vale Moutinho, *Frei João Sem-Cuidados* e um poema de Maria Fernanda Reis Esteves. A leitura desta história, além de se enquadrar na temática apresentada, serviu também para proporcionar aos participantes um bom momento de lazer e alegria.

Inspirados pela actividade, e no final desta, alguns participantes agradeceram os restantes com a declamação de poemas.

Esta actividade foi feita não só no pólo da biblioteca de Pegões, como também no de Canha. Contou com a participação do Centro de Dia das Faias, com o Projecto Saudável 65 com o Lar de S. Sebastião e ainda com a Casa do Povo.

3.4. À descoberta do Património do Concelho – Conhecer e Preservar

Educar para a cidadania não é apenas difundir o conhecimento dos direitos e deveres fundamentais de cada cidadão, mas, também, desenvolver sentimentos de pertença, de identidade, a vários níveis, que promovam ambições e condutas sociais que favoreçam a coesão, a segurança, a justiça e a solidariedade.

Através da presente actividade, dirigida às instituições do município, pretende-se que cada participante se torne consciente da sua própria identidade e do sentido de pertença a uma comunidade. Este projecto tem como objectivo desencadear um processo de desenvolvimento de idoneidades de salvaguarda e conhecimento do Património Cultural do Município, nas crianças e jovens que frequentam os jardins de infâncias e escolas do concelho.

O meu papel nesta actividade consistiu em organizar os questionários, respectivas capas e ainda acompanhar a visita ajudando os participantes. As crianças são divididas em grupos, aos quais é atribuído um número e escolhido um chefe de equipa que detêm a responsabilidade do grupo.

Este projecto pode divide-se em dois percursos, Montijo, Atalaia e Sarilhos-Grandes, ao qual normalmente se consegue que a Junta de Freguesia do Montijo ceda o autocarro, e outro, já necessitando de transporte por um período mais longo, logo não o mais solicitado, ou executado, divide-se entre Canha, St. Isidro de Pegões e Pegões.

- Montijo

Dentro da cidade os visitantes são levados a conhecer locais como, a Igreja do Divino Espírito Santo, como é mais conhecida, igreja Matriz. Nesta parte da visita entra-se para o guarda-vento e o técnico explica os detalhes deste, tais como a imagem que a sua abobada apresenta, o ano que em foi construída, entre outros pormenores. Entramos depois para dentro da Igreja. Com as Paredes cobertas de azulejos figurativos, é explicado a sua história e o ano em que foi edificada. Concluída a visita as crianças são então convidadas a responder à primeira parte do questionário, atestando não apenas a sua compreensão do explicado como também a sua atenção. A próxima paragem nesta

visita leva-nos à actual Galeria Municipal. Primeiro edifício dos paços de Concelho, foi ainda mercado municipal e tribunal. Situada na Rua Almirante Cândido dos Reis, também conhecida pelos seus habitantes como Rua Direita. Aqui é explicado aos participantes o porquê dos seus habitantes designarem esta rua como direita, visto que o seu ordenamento é tudo menos isso. Seguidamente explicava-se o edifício em si, o antes e o depois, a sua designação e serviços. Após esta etapa é mais uma vez pedido aos grupos que se reúnam e que respondam à segunda parte do questionário. Na cidade a visita termina nos Paços do Concelho - Antigo tribunal, Cartório Notarial, Conservatória do Registo Civil e Predial, Repartição de Finanças e cadeia. Após a construção do novo tribunal e da nova cadeia, o edifício fica ao abandono sendo que na segunda metade do século XX vem a acolher a Escola Comercial e Industrial. Mais uma vez, com a construção de uma nova escola, o edifício foi readaptado e em 1967 nele se instalaram os Paços do Concelho. Tudo isto é explicado aos nossos participantes numa linguagem mais adaptada à faixa etária.

Todavia, e como já havia referido anteriormente, esta actividade abarca ainda uma visita mais longa que percorre o concelho. É neste ponto de encontro que entramos para o autocarro e seguimos viagem para Sarilhos Grandes.

- Sarilhos Grandes

Igreja de São Jorge é a primeira paragem nesta freguesia. Construída no século XV, é da reconstrução da época de D. João V que a Igreja guarda a casual feição. Apresenta uma cruz de Santiago na fachada, atestando a sua filiação à Ordem do mesmo nome. O seu interior é de uma só nave, com abóbada de berço. As paredes encontram-se revestidas a azulejos azuis e brancos, de 1740, figurando cenas da vida do orago. Mais uma vez pedimos aos visitantes para preencher o questionário.

Adossada à parede norte da igreja de São Jorge, a Ermida de Nossa Senhora da Piedade é a nossa próxima paragem. Mandada construir em 1512 pelo Doutor João Cotrim, para panteão da família deste apelido, como atestam as armas existentes na pedra de fecho da abóbada, possui um alpendre de arco duplo com cúpula de recorte octogonal terminada em bico e cordame como ornamento decorativo do seu interior.

É coberta por abóbada de nervuras com bocete no fecho e quatro estribos terminados em base recamada e boleada.

Entramos novamente no autocarro e dirigimo-nos para a nossa próxima paragem, Atalaia.

- Atalaia

Na freguesia da Atalaia, os participantes conhecem um pouco da sua história, o Cruzeiro – mor e ainda a Igreja Matriz.

Mandado erigir em 1551, pela Confraria da Alfândega de Lisboa, como atesta a inscrição existente na base do cruzeiro, está coberto por uma cúpula que assenta sobre quatro colunas. O cruzeiro apresenta, no lado nascente, uma imagem do Redentor crucificado e no lado poente uma Nossa Senhora da Piedade.

Delimitando a área do Santuário, foram erigidos dois outros cruzeiros em proporções mais modestas: um do lado poente, junto à estrada que liga a Freguesia da Atalaia a Alcochete; outro do lado nascente, próximo à via que do Montijo segue para Pegões.

A segunda parte desta Visita-Jogo abarca as restantes freguesias: Santo Isidro de Pegões, Pegões e Canha.

- Santo Isidro de Pegões

A Igreja de Santo Isidro, peculiar na sua aparência, destaca-se no meio das árvores que a cercam. Inaugurada em 1957 pela Junta de Colonização Interna, faz parte do conjunto edificado no âmbito do projecto de colonização do planalto de Pegões, conhecido como Colónia Agrícola de Pegões. Da autoria do arquitecto Eugénio Correia estabelece um exemplar de linhas inovadoras para a época. O interior, de uma só nave, despojado de qualquer tipo de decoração, é marcado pelo grandioso fresco da capela-mor dedicado a Santo Isidro, agricultor, da autoria de Severo Portela Júnior (1898-1985).

O Fontanário de Pegões, ultima paragem nesta freguesia, é uma construção do século XVIII, ao gosto barroco, animada por inúmeras polutas e que apresenta uma cruz de secção sextavada. O fontanário faz parte de um conjunto de quatro, mandados edificar por D. João V em 1728, para uso dos viajantes e do serviço da Posta, aquando das obras de conservação e melhoramento da estrada real que de Aldeia Galega seguia para a fronteira.

- Canha

Já em Canha, a igreja de Nossa Senhora da Oliveira com orientação canónica, nascente – poente, constitui um repositório de intervenções distintas, do século XVI ao século XX. O templo foi pertença da Ordem de Santiago, tal como atestam a cruz e a vieira da

fachada principal. As paredes laterais da capela-mor encontram-se revestidas a azulejos seiscentistas tipo padrão; as da nave com igual modelo copiado no século XX.

- Pegões

No que diz respeito à freguesia de Pegões, os visitantes são levados a conhecer a Igreja Paroquial de Pegões.

Consagrada a Nossa Senhora de Fátima, a igreja apresenta um tríptico de Artur Bual, abstratizante e colorido, visível no altar-mor.

3.5. As tradições da Quinta Nova da Atalaia – A Quinta Mágica – Uma Aventura na Quinta

Vestígios do património construído fazem remontar a origem desta Quinta ao século XVIII, tornando-a num importante testemunho do passado rural do concelho.

Este projecto tem como objectivo dar a conhecer as tradições agrícolas, apresentando através de uma visita guiada, o processo de elaboração do vinho e do azeite, bem como o seu cultivo e venda.

O núcleo museológico da Quinta Nova da Atalaia é assim dedicado à ruralidade da região reunindo grande parte do acervo etnográfico do Museu Municipal do Montijo, fruto de dádivas dos habitantes ou particulares.

O trajecto museológico desenvolve-se em torno dos lagares de azeite e vinho, adega, reservas com inúmeras alfaias e ainda do pomar e da horta, os quais passo a descrever.

a) Sala de Exposições:

Esta contém instrumentos agrícolas rudimentares desde as tradicionais, mas ainda hoje utilizadas, enxadas, arados, charruas ou carroças. Encontramos também alguidares e tábuas de lavar roupa, doados por generosos particulares habitantes da região. Ainda patente nesta sala, encontramos vídeos que possibilitam ao visitante um melhor entendimento, quer acerca do plantio das terras, quer sobre a apanha da azeitona e da uva, a manufactura do vinho e do azeite.

Estes suportes digitais têm como objectivo ilustrar o que já foi proferido pelo técnico que acompanha a visita.

Nem sempre é possível que esta visita comece por esta sala, dado o número de visitas em simultâneo. Este facto ocorreu por duas vezes durante o meu tempo com este projecto. Contudo, quer se comece pela sala de exposições, quer se comece pelos lagares, os conhecimentos adquiridos acabam por se fundir num saber uniforme.

O futuro, também se constrói com as memórias do passado. Os objectos expostos, fazem parte da memória colectiva de um povo e de um conjunto de práticas agrícolas, características de um concelho eminentemente rural.

Transmitir essas memórias às gerações futuras, faz parte de uma estratégia de aprofundamento do passado para uma melhor compreensão do futuro. As visitas efectuadas ao local, com alunos das várias escolas e anos lectivos, são disso testemunho.

b) Lagar de Azeite:

Ostenta a planta de um lagar de pequena produção. Aqui podem-se observar as galgas para a moenda da azeitona. É explicado ao visitante todo o processo que acontecia desde a chegada da azeitona ao local. Composto por moinho de galgas e duas prensas em conjunto com diversos equipamentos e utensílios utilizados no fabrico do azeite.

Em algumas das visitas que acompanhei, as crianças tiveram Não só o prazer em ver o moinho em funcionamento, como também o gosto em serem eles próprios a mover depois a prensa manualmente.

O visitante encontra-se assim perante um exemplar de Arqueologia Industrial, em muito bom estado de conservação, que pode didacticamente mostrar todo o processo de produção do precioso líquido. O cultivo do olival na região, era muito superior ao actual. As oliveiras e a produção de azeite, foram muito importantes na economia local, contudo, o abandono a que foram votados, fruto da supremacia dos óleos vegetais que relegaram o azeite para um plano secundário, fizeram com que um país com condições excelentes para a produção de azeite, se tornasse deficitário. Até há bem pouco tempo, apenas produzíamos 50% do que consumimos. Felizmente o sector e a realidade dos novos consumos virados para práticas alimentares mais saudáveis, retomaram a realidade e deram novamente poder às ditas gorduras saudáveis. O facto de a Autarquia ter preservado uma infra-estrutura deste valor histórico, é bem demonstrativo de como o

passado e o presente muitas vezes se tocam, criando assim condições para uma melhor compreensão tanto de um, como de outro.

c) Lagar de Vinho e Adega:

Estando o concelho integrado numa região da margem sul do Tejo, produtora de vinho desde épocas muito remotas leva a que a musealização destes espaços permitam dar a conhecer aos visitantes, não só a arquitectura rural singular deste tipo de actividade, como também todo o processo de produção e conservação do vinho e aguardente.

Começando pelo vinho. É explicado ao visitante todo o processo que outrora era executado de modo a conseguir o saboroso vinho que hoje nos chega tão mudamente à mesa.

Quando se entra na fria sala reservada a esta produção, o que salta mais à vista são as lagariças e as grandes janelas por detrás delas. Grandes e robustas portas de madeira adjacentes a igualmente grandes e fundos tanques caiados a branco. Era por estas primeiras que as uvas entravam para as lagariças. Pisadas por uma marcha de homens o ainda sumo de uva passava então para os depósitos de fermentação existentes na parede oposta. Mas nem só de lagariças se faz o vinho e para poder patentear tal expressão, estão também patentes nesta sala duas prensas, uma mais pequena e outra de tamanho mais significativo. Estas prensas continuam a representar a manufacturação vinícola, mostrando-a agora um pouco mais mecanizada.

A Adega encontra-se num edifício adjacente ao que primeiro descrevo. Espaço destinado ao armazenamento do vinho e aguardente aqui produzidos, é detentora de grandes e pequenos tóneis, bem como de instrumentos necessário para o tratamento do produto.

O vinho, assim como a vitivinicultura, é um dos sectores que mais cresceram em Portugal nos últimos anos. A nossa região, outrora rica em vinho, perdeu praticamente todo o seu peso. O Montijo tinha uma Adega Cooperativa que durante anos, congregou todos os produtores da região. Actualmente, salvo a região de Pegões, a produção de vinho foi substituída pela horticultura. O crescimento da cidade e as dificuldades de sobrevivência da agricultura, ditaram o abandono de muitos terrenos outrora dedicados à viticultura. O Bastardo, uma das castas características da região de Montijo, quase que se extinguiu, não fosse alguns produtores da região de Setúbal que, num esforço de preservação de castas autóctones, têm vindo a recuperar a sua linha genética. A Adega,

transmite a história do vinho no concelho e dos seus métodos de produção. Os processos de vinificação actuais, modernos e dotados de alta tecnologia, possibilitam a produção de vinhos de grande qualidade. Contudo, se hoje quiséssemos produzir vinho com métodos tradicionais, quase que seria possível na antiga adega. Essa realidade visitável, permite perceber a evolução dos métodos de produção praticados e comparar com métodos actuais cada vez melhores e mais sofisticados.

d) Alambique:

Actualmente instalado numa pequena sala de ligação entre a sala de exposições e o lagar de azeite, este exemplar semelhante ao original foi adquirido pela autarquia de modo a poder dar a conhecer todo o processo que leva desde o bagaço à aguardente. Composto por uma caldeira, uma fornalha, um refrigerador, um prato e dois vasos. A aguardente, ainda utilizado na paragem da fermentação dos vinhos generosos, era também consumido nas tabernas como “mata bicho”.

O bagaço, era utilizado nos canteiros de cebolo, como herbicida natural. Deitavam-se as sementes à terra e cobria-se toda a superfície com o bagaço impedindo assim, a germinação das ervas mas não a das sementes.

e) Pomar e Horta:

A quinta mantém um pomar de espinho, na sua maioria laranjeiras, já referenciado no século XIX, com um sistema de rega tradicional assegurado por uma extensa rede de canais de irrigação. O pomar permite ainda o acompanhamento do processo de produção dos frutos (floração, crescimento, maturação e apanha). A horta, constituída por pequenas jeiras cultivadas com leguminosas, tem por objectivo sensibilizar da população escolar para o conhecimento e preservação das actividades agrícolas tradicionais.

Existem ainda dois exemplares de Moinhos de tirar água na Quinta. Um no Pátio e outro no pomar. Este último, eleva a água do poço, assegurando a rega da horta e do pomar.

Ainda a complementar esta actividade, e de acordo com as idades dos visitantes são feitos jogos tradicionais, tais como o jogo do saco ou o jogo do sino.

Actualmente a Quinta Nova da Atalaia, alberga o primeiro núcleo museológico dedicado á temática agrícola do concelho; explorando a componente pedagógica, a

quinta conserva as alfaías e equipamentos característicos da casa agrícola de outrora, símbolo representativo do passado económico da região.

3.6. Moinho de Vento - Moinho Misterioso – Moinho Encantado

As visitas ao moinho de Vento do Esteval, o único no concelho recuperado e musealizado, são certamente uma das mais espirituosas.

Inaugurado a 21 de Junho de 2000, o Moinho do Esteval tem vindo a receber visitantes de todas as faixas etárias, firmando o elo de várias gerações.

De carácter essencialmente didáctico, é uma imagem viva de um passado e de uma tradição bem nacionais. Esta unidade museológica, com uma exposição interpretativa e uma maqueta interactiva, apresenta uma estratégia educativa baseada na realização de visitas guiadas, jogos educativos e temáticos de acordo com a faixa etária dos grupos e sempre que possível, privilegiando os aspectos relacionados com os currículos escolares e/ou de projectos.

O ínfimo espaço que acomoda os visitantes, usualmente crianças de diversas idades, dá a conhecer o antigo moinho e o seu engenho, permitindo a circulação por todo espaço. As visitas acompanhadas pelo Sr. César, denominado moleiro da cidade, apresentam um carácter simples e simpático acomodado ao público que o acompanha.

A apresentação da sua estrutura frontal, como as velas, o cata-vento e os búzios são apenas o início de uma viagem pela história.

A primeira sala acomoda não apenas variados exemplares de cereais como ainda uma miniatura pormenorizada e desmontável do próprio edifício.

Subindo as íngremes escadas, chegamos ao sobrado, onde o engenho é apresentado e explicado. As pesadas mós rodam, nos dias de vento favorável, para demonstrar como se produzia a farinha. Para completar esta visita, os mais novos são ainda laureados com a leitura de uma pequena história, glorificando o moinho – a mítica versão da patrona da antiga aldeia (a Alda e o Gaspar, o moleiro), acompanhado por diversos amigos e um final feliz.⁴

⁴ História no anexo 3

“O Moinho Mágico do Esteval”

Como já havia referido, estas actividades tomam por diversas vezes contornos característicos específicos às idades dos visitantes, recebendo assim nomes diferentes. Esta visita guiada destina-se a crianças e jovens dos 4 aos 15 anos, onde através de jogos educativos e fichas temáticas, poderão descobrir a magia da transformação do cereal em farinha, conhecendo o passado para eles desconhecido, aprendendo a preservar o património cultural local e nacional.

Desenvolvem-se ainda, para públicos com necessidades específicas, acções pedagógicas diversas.

3.7. Moinho de Maré – Jogo do Moinho da Maré – Exploradores do Moinho do Cais

O Moinho do Cais foi inaugurado em 29 de Junho de 2005 e situa-se na frente ribeirinha do Montijo, junto ao antigo Cais das Faluas.

À luz do elevado estado de degradação em que se encontrava, resultado das agressões marítimas e abandono a que foi sujeito, a autárquica resolveu intervir na sua recuperação. A reconstrução foi feita tendo por base a sua tipologia e funcionalidade sendo mesmo reaproveitados corpos originais, como podemos atestar no lintel da porta com a representação das armas da Ordem Militar de Santiago. Pressupõe-se que o moinho tenha sido mandado edificar por esta ordem religiosa.

O edifício é constituído por um piso de planta rectangular com quatro moendas e uma ampla caldeira. Pensa-se ter sido um dos maiores equipamentos moageiros de Aldeia Galega, integrando um conjunto de seis moinhos do Estuário do Tejo, que funcionaram, em alguns casos, até ao século XX.

Tais como as outras visitas ou actividades anteriormente reportadas, esta também se adapta a todas as idades, divergindo somente na sua explicação.

Acompanhadas pelo técnico Joaquim Baldrico, e pela dra. Fernanda Pinho e por mim estas visitas têm por norma um agendamento em conformidade com as marés.

Adornando as suas paredes estão painéis explicando a sua arqueologia e processo de recuperação. O seu interior contempla ainda quatro, dos seis originalmente existentes, engenhos de moagem funcionais completos com os seus devidos nomes e utensílios. A reconstrução e reconstituição do moinho esteve não só a cargo de uma equipa de

molinólogos como também de arqueólogos. Aos primeiros coube a reconstituição dos mecanismos de moagem, aos segundos os trabalhos de prospecção no terreno e sondagens arqueológicas. Aqui foram recolhidas diversas mós, um urreiro, uma rela, uma pá de moleiro, uma picadeira e utensílios do quotidiano. O trabalho efectuado pelas equipas foi validado por fontes iconográficas, cartográficas e orais.

Explicar o funcionamento do moinho nem sempre é fácil, especialmente às mentes mais jovens pois grande parte do seu mecanismo encontra-se “escondido”. Contudo tentam-se explicar os seus princípios de funcionamento. Como por exemplo: quando a maré sobe, a água entra pela comporta para a caldeira do moinho, enchendo-a; quando a maré começa a vazar, a comporta é fechada, mantendo o nível de água atingido na maré-alta; é com a maré baixa que o funcionamento do moinho se inicia, pois a diferença entre o nível da água na caldeira e do rio faz funcionar o moinho através da força da gravidade; o pejadouro é então ligeiramente abrandado, pelo moleiro no piso de moagem e o jacto de água vindo da caldeira atravessa o edifício atingindo as penas do rodízio, fazendo-as girar, transmitindo movimento à mó andadeira, ou por outras palavras, a mó de cima – daí a expressão “ficar na mó de cima”.

Estima-se que a média de produção diária para o moinho do Cais fosse de 20/30 kg de farinha por hora.

Com a abertura do Moinho do Cais ao público inicia-se mais uma página de memórias na história da comunidade montijense. Actualmente, este equipamento, é utilizado como suporte didáctico nas visitas guiadas a escolas e/ou grupos de adultos.

No final, aquando destas visitas destinadas a um público mais novo, é executado um jogo, adequado ao número de crianças. Estas têm como objectivo encontrar um engenho – miniaturas de peças representativas do mesmo.

À luz das contínuas marcações, fugindo algumas à concordância com a maré, e ainda facilitando visualmente elementos que poderiam apenas ser explicados e imaginados, foi-me pedido que elaborasse um *PowerPoint*, tendo em mente uma faixa etária mais nova, que facilitasse a compreensão deste núcleo museológico.

3.8. Exposição do azulejo – Azulejos Indiscretos

Inaugurada a 28 de Junho de 2011 e em exibição até 13 de Julho de 2012, a exposição pretendeu dar a conhecer aos seus visitantes o património azulejar mais significativo do concelho. Ambicionou ainda contribuir, para a preservação da arte do azulejo, uma manifestação artística tão portuguesa e rica nas suas dimensões estéticas e históricas que, hoje em dia, merecia um pouco mais de atenção.

Esta exposição foi concebida com base no estudo de Isabel Pires e Rosário Salema de Carvalho, com coordenação científica de Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, que originou a obra “O património azulejar do concelho do Montijo” da colecção de Estudos Locais, editada pela Câmara do Montijo.

Através de quatro salas, uma delas audiovisual, o visitante é apresentado a um percurso pela história do azulejo, desde o século XVI ao século XX – as suas origens, influências e utilidades.

Na primeira sala, dedicada ao século XVI descobre-se que apenas uns poucos fragmentos subsistem e estes encontram-se in situ. Como é o caso da Capela da Nossa Senhora de Piedade, localizada em Sarilhos Grandes. Os vestígios identificados nesta capela, muitos deles por mero acaso, atestam a tipologias utilizadas durante toda esta centúria, revelando desta forma um esforço e uma vontade de actualização estética. Esta capela testemunha ainda a actualidade estética e o prestígio social que tais azulejos, importados de Sevilha, comportavam.

Em Aldeia Galega, ao contrário do que se passava a nível nacional, os revestimentos quinhentistas estavam mais presentes nas quintas. Isto porque se nobreza mantinha afastada da localidade, mesmo apesar do seu grande desenvolvimento económico.

Já no século XVII, e seguindo agora para a segunda sala. A colecção seiscentista chega ao Montijo em maior número que a anterior descrita, mantendo contudo a inclinação religiosa que a sua antecessora já possuía.

A sua variedade admite acompanhar a história da azulejaria, desde os esquemas enxaquetados mais simples, até aos de casquilho composto e ainda os revestimentos de padrão policromos, organizados em módulos de variadas dimensões sem contudo deixar de lado os painéis figurativos policromos.

Os revestimentos surgem agora como “invasores” dos espaços dos templos, contudo ainda sem condicionar o seu interior.

Pela primeira vez a Igreja da Misericórdia vai ostentar um painel exterior na sua fachada. Este painel é ainda hoje muito característico desta igreja visto que os seus azulejos foram montados incorrectamente. Tanto esta como a igreja Matriz, apresentam registos de várias campanhas distintas, realizadas em períodos diferentes por vários requisitantes.

Chegado o século XVIII, descobrimos que há já varias décadas que a ostentação na azulejaria havia sido abandonada. Contudo, o início desde século manifestar-se na em Aldeia Galega através de um conjunto de azulejos azuis e brancos, que vão revestir o espaço central da Igreja Matriz. Tira assim partido da conjugação das duas formas artísticas neste período – a talha e os azulejos figurativos.

A importância destes azulejos prende-se com o facto do elevado número de iliteracia que acompanhava a população. Estes azulejos contavam então uma história, permitindo às gentes da aldeia uma melhor compreensão acerca das lições episcopais.

Na transição do século XIX para o século XX, a azulejaria que até aí tinha tido uma característica grandemente religiosa, sai agora à rua adornando as fachadas das moradias. A narratividade que havia caracterizado a produção barroca e rococó, e que havia na fase pombalina perdido alguma importância, desfez-se quase por completo, nos padrões oitocentistas, de inspiração geométrica e fitomórfica. O gosto pelos padrões, característico do século XVII, retornam agora mas com uma diferença substancial ao nível do suporte, visto que eram aplicados em grande escala no exterior dos edifícios.

O aumento do comércio e da indústria começava agora a trazer a este território uma burguesia com interesses políticos e administrativos. É a esta nova classe que se deve a renovação da malha urbana, que se manifestou, quer no aumento do piso das então casas térreas, quer na remodelação das fachadas, recorrendo aos já falados azulejos de padrão, mas também aos gradeamentos de ferro e às platibandas de cerâmica, determinando assim, uma unidade arquitectónica que caracterizou as principais artérias da vila. Esta tendência para as fachadas azulejadas prolongou-se pelas primeiras décadas do século XX. Já neste século, a utilização do azulejo toma outras formas. Tal como tinha acontecido no século XVIII com os azulejos figurativos, este toma agora contornos publicitários, feitos muitas vezes por encomenda.

Com o avanço do tempo, o azulejo manteve o seu destaque nas fachadas do Montijo, contudo torna-se evidente a deturpação da sua essência.

Auxiliar nestas visitas, mesmo apenas na qualidade de acompanhante e de repórter fotográfico, engrandeceu em grande parte o meu conhecimento por este património.

3.9. Percurso Civil e Religioso Azulejar

Agregado a este projecto estão os percursos Civil (séculos XIX e XX) e Religioso (séculos XVI, XVII e XVIII) azulejar⁵. Estes percursos podem ser feitos logo após a visita à exposição, ou então como visita singular. São normalmente efectuados com acompanhamento de um técnico. Para um melhor entendimento deste passo a descrever as suas paragens e as suas características.

a) Percurso Civil:

Este percurso pode ser feito livremente ou através de uma visita guiada sujeita a marcação prévia.

Saindo do Museu Municipal, ponto de encontro para tal visita, encontramos na mesma rua, Praça 5 de Outubro n.º 7 um edifício com um padrão azulejar, vegetalista em forma de quadrifólio de contornos verde-escuro, sobre um fundo verde mais claro. Envolvendo e delimitando os vão, encontram-se frisos de meandros em tons de verde-escuro.

Já na Av. João de Deus, no n.º 15, o edifício de esquina detêm um padrão azulejar policromo e regular, destacando-se sobre janelas, os frontispícios triangulares e curvos com interior revestido por azulejos com a representação de flores Arte Nova.

Ainda na mesma rua, o n.º 13 apresenta uma fachada integralmente revestida por azulejos de vidro monocromático, de cor verde, retangular e biselado, interrompido ao nível das bandeiras das janelas de ambos os pisos, por duas barras policromas, Arte Nova, com motivos florais representando um cravo envolto por folhas e ramos.

O edifício n.º 15/15A na Rua Almirante Cândido dos Reis, detona uma fachada com um revestimento de azulejos rectangulares, biselados, monocromos, cor mel. A barra Arte Nova, apresenta andorinhas na zona que antecede a platibanda.

O n.º 30 desta mesma artéria apresenta azulejos de padrão geométrico, que recordam os enxaquetados compósitos do século XVII, aplicado sem o complemento de qualquer barra ou friso. Já o n.º 90 e o n.º 92 ostentam fachadas por azulejos policromos e geométricos. O padrão é construído a partir de um sólido rectangular de secção quadrada, em perspectiva que se forma a partir do elemento de ligação, um triângulo. O

⁵ Ambos os percursos em folheto no anexo 5

resultado final são linhas de pequenos quadrados sobre o vértice, em verde, alternadas, amarelos, branco e azul.

O n.º 120 e o n.º 122 apresentam o mesmo padrão em toda a fachada, com pequenas variantes incluindo a barra superior e a platibanda. Ao longe, a cadência que sobressai é uma quadrícula diagonal mas, à medida que nos achegamos, é visível a riqueza decorativa do padrão, muito pormenorizado e delicado.

Na Rua Joaquim de Almeida, os n.ºs 48 e 50 alardeiam um revestimento azulejar na fachada amarelo e branco, com moldura azul. Estrutura-se num ritmo de diagonais que conferem grande dinamismo ao alçado que envolve através de um friso de elementos fitomórficos.

A Rua Bulhão Pato, o edifício de gaveto, n.º 65, apresenta duas fachadas revestidas por azulejos de estampilha, com um padrão muito comum na transição para o séc. XX.

Mais à frente, na Rua José Joaquim Marques, os n.ºs 28 e 30 apresentam uma fachada que denota o seu carácter eclético, exibindo três padrões diferenciados. O primeiro a destacar é constituído por um hexágono com dois lados muito alongados, sendo que todos os elementos são moldurados e revelados. Já o segundo, reveste a fachada e a platibanda em tons monocromáticos azul e branco. É uma representação figurativa, representando uma cegonha a voar e outra, sobre juncos, junto a um nenúfar.

Mais próximo da zona ribeirinha, na Rua Miguel Pais, mais um edifício de gaveto apresenta uma azulejaria circunscrita às zonas definidas pelas molduras de cantaria, com motivos em florões em tons de salmão. Do padrão principal, dos n.ºs 18 e 20, corresponde a uma barra, Arte Nova de motivos florais estilizadas em tons de verde, azul e rosa, colocada junto à cornija.

Chegamos por fim ao último edifício deste percurso civil, e talvez o mais conhecido pela população – A Casa de Izidoro Maria de Oliveira, importante industrial da cidade. Situado na Rua Conde Paçô Vieira, compreendendo os n.ºs 13 e 17, a sua fachada é composta por um esquema de enxaquetados azuis e brancos que procura imitar os padrões seiscentistas. O tímpano, com azulejos figurativos, acusa a influência de uma linguagem Arte Nova ao nível das cercaduras. De um dos lados encontramos uma representação de um ambiente piscatório e, do outro, um ambiente de pastoreio, em azul e branco, ambos inscritos em molduras policromos de motivo.

b) Percurso Religioso

Atendendo a que os azulejos se encontram no interior dos edifícios, este percurso está sujeito a marcação prévia.

Significativamente menor que o anterior, este percurso não peca por tal.

Saindo do mesmo ponto que o anterior, chegamos prontamente a nossa primeira paragem, à Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.

No interior desta, podemos observar o progresso da azulejaria religiosa em Portugal, com exemplares desde os séculos XVI, XVII e XVIII, representativos de cada uma das correntes decorativas existentes na época deste painel decorativo até ao historiado.

Não muito longe daqui encontramos a igreja da Misericórdia. As suas paredes interiores estão revestidas com azulejos policromos do séc. XVII do estilo tapete.

Seguidamente, encontramos-nos perante a Capela de Santo António, situada na Quinta do Pátio d'Água. O seu interior é revestido por azulejos historiados, estilo rococó, da primeira metade do séc. XVIII, representando cenas da vida do santo.

Após alguma distância do local final deste nosso percurso, situa-se a capela de Nosso Senhor dos Aflitos, na Quinta do Saldanha. Esta apresenta, sobre porta principal em moldura de cantaria, um registo representado a Nossa Senhora das Dores.

4.0. *Vamos Falar de Memórias...*

Destinado a um público mais adulto e sénior, esta actividade pretende criar uma ponte entre o passado e o presente, através de conversas informais e descontraídas. Deseja assim avivar e partilhar memórias passadas. Desenvolvidas por norma nos Pólos de Leitura da Biblioteca Pública do concelho, também com o objectivo de os dar a conhecer, acabam por se transformar num elo de convívio entre amigos. A aprendizagem acaba por ser mútua e gratificante.

Todas estas actividades foram feitas com o auxílio de uma apresentação de *PowerPoint* de modo a facilitar uma projecção visual aos participantes.

a) *Vamos Falar de Memórias ...Páscoa*

Esta actividade foi organizada na sala audiovisual do Museu agrícola da Atalaia. Contou com a participação do Gabinete Sénior e a Divisão de

Solidariedade e Promoção da Saúde na companhia das técnicas Carla Borbinha e Catarina Tobias. O objectivo desta actividade foi relembrar esta época festiva religiosa. Foi apresentado um *PowerPoint* acentuando alguns dos aspectos importantes da Páscoa, bem como as suas tradições. Depois deu-se início a uma troca de ideias, de histórias e de conhecimentos.

b) *Vamos Falar de Memórias...* Dia do trabalhador e da Espiga

Feita em colaboração com outra estagiária desta divisão, Matilde Manso, à luz do seu próprio projecto de licenciatura. Vendo-se chegar a comemoração destes dias, pensou-se ser uma mais valia sobre eles.

- Dia da Espiga: Foi por mim elaborado um *PowerPoint* focando o significado do ramo, e cada uma da flora que o constitui. No fim da apresentação, foi completado pelas assistentes a construção de um ramo. Os materiais foram trazidos pelas monitoras da actividade. Juntamente com o fio que prendia este ramo, um pequeno cartão com os mesmos significados acima referidos. As participantes deste projecto foram, não só o Gabinete Sénior e a DSPS, como também, a Academia Sénior “Junto de si” e o Centro de Dia das Faias desdobrados por dois pólos, o de Pegões e o do Alto-Estanqueiro e por dois dias diferentes, o dia 10 de Maio e o dia 31 de Maio.

- Dia do Trabalhador: mais uma vez, focando os pontos fulcrais deste dia num *PowerPoint* – tais como a sua origem, o seu porquê – seguido por uma amigável conversa com os participantes. Estas duas actividades foram efectuadas conjuntamente, logo os participantes e os locais são os mesmos.

c) *Vamos Falar de Memórias...*Santos Populares:

Com a chegada das festas populares por todo o país, e estando as desta cidade às portas da sua realização, o tema foi sem dúvida o mais apropriado. Desta vez não se utilizou somente a visualização *PowerPoint*, o qual elaborei, sendo também empregado outro conceito visual tal como imagem A4 impressa com as imagens dos Santos. Prosseguiu-se com a história da vida dos Santos e o porquê da sua celebração, bem como as origens das festas populares e a sua enfatização. Foram lembradas algumas histórias engraçadas reflectindo desejos de casamentos e namoros vindouros, como por exemplo, o saltar da fogueira na noite de S. João ou o “meter” da mesa para dois por uma moça solteira

esperando pela meia-noite para saber se o nome do seu futuro namorado. As assistentes acabaram por também elas contribuir com as suas próprias histórias, provenientes, algumas, das suas aldeias. No final passou-se ainda um trecho de um filme figurando Beatriz Costa marchando nas marchas de Lisboa.

4.2. Conversa à volta dos livros

Com a preocupação em proporcionar à população um envelhecimento activo, e à luz do conhecimento de que as actividades de lazer são um meio enriquecedor de ocupação do tempo livre, e tendo ainda em mente o público sénior, foi criada esta actividade. Contudo não se pode deixar de parte a noção de memórias colectivas e da sua importância quando adereçando este público. Elas assumem assim um carácter libertador deixando para trás a sacralização para passar a ganhar entre o grupo, um carácter libertador de criatividade, debate e interacção.

O objectivo deste projecto tem como finalidade desencadear um processo de desenvolvimento de troca de experiências e de avivar memórias, contudo, sem deixar de lado a aquisição de novos conhecimentos para ambas as partes. Para tal, se não necessário, é indispensável uma deslocação aos centros de dia e aos lares deste concelho.

Neste ciclo foram então escolhidos alguns autores portugueses, de forma a permitir uma conversa sobre os seus livros e as suas vidas. Exemplos disso foram Florbela Espanca e Bocage.

As histórias contadas com o auxílio da coordenadora do serviço educativo da Biblioteca Municipal, a técnica Georgina Miranda foram e continuarão a ser divertidas, elucidastes e resplandescentes trazendo sempre aos olhos dos que a observam uma luz de graça e alegria. As ligações entre o passado e o presente, como a ilustração da adaptação das palavras poéticas de Florbela Espanca para a música ou ainda os engraçados percalços da vida de Bocage, conduziram não só a um momento de regozijo, como a leitura das obras dos respectivos autores levaram a um momento de troca de quadras antigas, músicas passadas e vivências valiosas.

Outros autores falados foram:

- António Torrado: nasceu em Lisboa em 1939. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra. É um escritor português voltado para a literatura infanto-juvenil.

- António Aleixo: Nasceu em Vila Real de Santo António a 18 de Fevereiro de 1899 e faleceu em Loulé a 16 de Novembro de 1949. Foi um poeta popular português.
- José Joaquim Mota Caria: Nasceu a 14 de Dezembro de 1926, em Aldeia Galega. Escreveu para a Gazeta e para a Província. Humorista. Criou letras para as músicas de Humberto Sousa. No início dos anos 60 foi vereador da Câmara Municipal de Montijo. Fez parte da comissão das Festas de São Pedro. Para além de tudo isso é poeta e editou três livros.

4.3. Da Aldeia Galega do Ribatejo ao Montijo. Exposição Permanente Museu Municipal do Montijo

Desde muito nova sempre senti um grande apelo pela História e pelo que com ela poderemos aprender. Tal como sempre me ensinaram a respeitar as nossas origens e não menosprezar aquilo nos faz sentir parte de uma família e mais ainda, parte de uma comunidade. Apesar de o não saber na época, foi muito provavelmente o que me levou a uma licenciatura em História, e mais tarde a inscrever-me neste Mestrado.

A crescer numa cidade como o Montijo este sentimento de pertença não é difícil de encontrar. Apesar do seu título, esta cidade mantém muito ainda a sua noção de “aldeia”, com os seus bairrismos e tradições, vizinhanças de muitos anos e amizades de igualdade familiar.

Logo quando me propuseram este estágio enfatizando que este seria um projecto inclinado a manter e dar a conhecer as raízes desta cidade, não foi necessário muita ponderação para o aceitar.

Desde logo me foi dito que trabalharia com uma equipa dinâmica e empreendedora que certamente ajudariam em tudo o que necessitasse.

A primeira reunião ocorreu no dia 07 de Dezembro de 2011. Estavam presentes para além de mim, os seguintes colegas, Fernanda Pinho, Joaquim Baldrico, Lara Costa, Ana Reis e José Martins.

Foram discutidos inúmeros factores relevantes sobre a exposição e acertados aspectos decisivos. Uma das discussões prendeu-se com o facto de uma das salas do museu ser ou não deixada para as exposições temporárias, elemento que logo em concordância foi desaprovado devido à falta de espaço e material. Deliberou-se ainda sobre a estrutura da exposição, a disposição das peças, a divisão das salas e dos temas. Em conclusão, saímos

desta primeira reunião com uma data em mente, abertura das Festas de São Pedro, uma estratégia preparada e uma proposta para elaborar.

Propôs-se então um circuito museológico que incluía 5 salas temáticas muito diversificadas, com alusões que iam desde os primórdios até à actualidade, permitindo desta forma, ao museu, ser a resposta ou deter a resposta às perguntas das suas gentes numa abrangência em que a exposição vá ao seu encontro.

- 1ª Sala: Da Pré-história ao Medieval: pretende-se conceber uma base de conhecimento reportada aos primeiros vestígios do aparecimento do homem na área do concelho até ao seu apogeu no séc. XVI.
- 2ª Sala: Montijo e o Rio: Com o objectivo de criar uma base de conhecimento ligada à importância que o Tejo teve na vida económica e social da localidade nas suas múltiplas vertentes: salinas, moinhos, transporte de mercadorias e passageiros
- 3ª Sala: Do Município à Republica: Pretende-se criar uma base de conhecimento reportada ao aparecimento do município e ao seu desenvolvimento político e social até ao séc. XX
- 4ª Sala: Montijo século XX: Pretende-se criar uma base de conhecimento reportada à indústria da cortiça, da transformação de porcos e das estufas alertando assim para a salvaguarda e valorização do património industrial.
- 5ª Sala: Montijo e a Arte: Pretende-se criar uma base de conhecimento reportada a personalidades ligadas ao concelho de Montijo na área das artes com vista à divulgação e ao desenvolvimento cognitivo, artístico e interpretativo das artes.

Esta distribuição teve, em linha de conta não só a necessidade de articular os diferentes espaços disponíveis bem como os recursos museológicos existentes como também os visitantes. Um dos objectivos era criar uma multidisciplinaridade, ou seja, um cruzamento de múltiplas disciplinas e pontos de vista para uma apreensão, tão rica quanto possível, da realidade do concelho.

Pensou-se desde logo que o visitante, quando confrontado com esta disposição, independentemente da sua idade, conseguiria ter uma melhor noção do que estaria a ver e a apreender se a disposição focasse épocas específicas da história. Levaria ainda a que

um elo de identificação comunitária fosse vinculado mais rapidamente, especialmente nas salas de história mais recente.

Este percurso expositivo deveria ser virado para o passado mas com os olhos postos no futuro, funcionando como ponto de encontro de múltiplas manifestações culturais – de carácter local. O objectivo era tornar este espaço museológico num ponto de reencontro dos habitantes do concelho, num encontro de gerações com a sua própria terra.

Com a proposta⁶ delineada para entrega a 13 de Janeiro, todos os envolvidos tomaram parte na sua concessão. Deveria assim assumir-se como foco aglutinador de tudo o que sobre e do Montijo a tradição foi fortalecendo, tornando-se dessa forma como que o cartão de apresentação do concelho nas suas múltiplas vertentes históricas.

Diversas reuniões foram efectuadas, explorando os textos que já tínhamos por base, as peças de que dispunha-mos e o delineamento da exposição. Foram discutidas peças, lugares, expositores entre outros elementos relevantes. Foram enfatizados todos os aspectos positivos que esta exposição traria à cidade e aos seus visitantes e habitantes.

*A exposição permanente é o cartão-de-visita da Casa Tavares Mora. Firmava a proposta apresentada. Deverá consolidar um trabalho profundo, rigoroso e criativo em torno de vários aspectos, acontecimentos ou personalidades marcantes da realidade cultural do concelho.*⁷

A 16 de Janeiro chega então a notícia que a nossa proposta havia sido aceite primeiro pela chefe de divisão, posteriormente pelo chefe de departamento e por fim pela Senhora Presidente da Câmara.

Depois de um *feedback* positivo seguiram-se novas reuniões, desta vez, para operacionalizar a exposição.

No decorrer destas reuniões foram elaborados os contactos necessários para a obtenção das peças pertencentes a particulares, a nível de empréstimo, a organizar as que já estavam na posse da câmara, bem como discutir o melhor planeamento.

Os textos a serem manifestos na exposição foram divididos entre todos. Como já havia elaborado no âmbito do mestrado um trabalho referente à indústria Montijense, coube-me então o texto centrado nesta temática e destinado à sala nº 4.

Sempre tive grande interesse nesta área e foi com natural prazer que aceitei a parte da missão de que fui incumbida.

⁶ Proposta no anexo n.º 2

⁷ in *Proposta de proposta para a concessão de uma exposição permanente dedicada à história do concelho Casa Tavares Mora/ Museu Municipal do Montijo*.pp2

A indústria no Montijo constitui uma grande base da sua história. O seu povo cresceu com ela e muitos nela. As fábricas, muitas delas hoje paradas no tempo foram outrora a base económica desta região. Cresci a ouvir as histórias dos meus avós que durante anos trabalharam na cortiça e na indústria porcina e de como haviam conhecido a realidade dos seus pais a trabalhar na indústria da cerâmica. Sempre considerei que a câmara estava a negligenciar grande parte da história da cidade, deixando ao abandono as grandes fábricas que marcaram a história da cidade. Apesar de uma transformação destas em espaço museológico não estar num futuro próximo, vi que pelo menos um primeiro passo estava a ser dado com esta exposição.

Organizando o meu tempo entre o trabalho e estágio, desloquei-me por diversas vezes à Biblioteca Municipal para mais pesquisas e após algumas visitas, consegui por fim elaborar o meu texto.

Seguiu-se ainda o acompanhamento gráfico da exposição. Foi construída uma maquete, enfatizando todos os pormenores e criando diversos percursos por prevendo e evitando assim possíveis percalços.

Como já tinha referenciado foram feitos contactos de modo a conseguir angariar o maior número possível de materiais significativos para esta exposição. Consequência disso foi depois uma deslocação aos locais de forma a os obter, e transporta-los para reparação, caso fosse necessário, para a oficina na Quinta Nova da Atalaia e consequentemente para o Museu municipal.

No entrando, por razões alheias ao meu conhecimento a data da exposição foi alterada para dia 14 de Agosto, dia da cidade.

Tendo em vista que o meu estágio acabaria no fim do mês de Junho, e que a exposição já não se enquadrava na data inicialmente estipulada, pedi à chefe de Divisão se poderia continuar a colaborar com os colegas, visto que tinha apresentado a exposição como o grande projecto do meu relatório. Ela concordou e eu continuei a cumprir o horário previamente estabelecido, auxiliando não só com este projecto, mas continuando a colaborar com os restantes.

Coube-me ainda, auxiliar o técnico Joaquim Baldrico na averiguação e recolha dos artefactos projectados para a sala da Pré-história.

Foi um processo moroso que levou dois dias, visto que muitas das peças não se encontravam por ordem numérica. Contudo foi uma experiencia gratificante.

Neste ponto da explicação, sinto que um pequeno reparo deve ser feito respeitando o projecto.

A verdade é que apesar de me ter dado um imenso prazer trabalhar nele, devido a razões internas a inauguração desta exposição foi adiada para data ainda a determinar. Contudo, para que haja um melhor entendimento do seu resultado final, em anexo disponibilizo fotografias da maquete.

A verdade é que todo o processo burocrático e legal que decorre por detrás da cortina de um projecto desta dimensão, não acompanha muitas vezes o passo que a que os intervenientes executam as suas tarefas.

4. Pequenos projectos

4.1. *Figuras da nossa terra:*

No âmbito das exposições *Figuras da Nossa Terra* iniciadas com Domingos Tavares, colaborei com a Dra. Fátima Contramestre na exposição referente a Luís Calado Nunes.

Natural de Montijo e aqui nascido a 19 de Junho de 1866, distinguiu-se no meio literário como poeta e tradutor, sendo mesmo amigo de algumas das grandes figuras que marcaram a nossa arte e literatura, como Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro. Foram solicitados ao Museu Columbano Rafael Bordalo Pinheiro, peças e documentos, posteriormente foram analisadas pela técnica da Autarquia e a minha colaboração.

Entre as fontes documentais pertencentes ao poeta encontramos um Auto-retrato, uma carta de sua mãe, Antónia Calado Nunes, Poemas e desenhos. Destacou-se ainda uma carta d Junho de 1866 onde este faz referencia ao seu local de nascimento, AldeGalega do Ribatejo.

Na continuação deste projecto foi-me ainda requisitado pela Dra. Fátima que colaborasse com ela na elaboração dos textos e na montagem da exposição.

Patentes nesta exposição a decorrer no Centro de Documentação do Museu Municipal estiveram expostos os seguintes elementos:

- Um retrato do tradutor pintado por Felix da Costa
- Auto-retrato, uma oferta a D. Julieta Serrão;
- Um postal dirigido a Cruz de Magalhães;
- Um retrato de Antero de Luís Calado Nunes (supõe-se terem sido amigos);
- Duas obras poéticas;
- Obra traduzida da Ode a Anacreonte;
- Cartas diversas;

Inaugurada a 2 de Fevereiro de 2012, foi apresentada pela Dra. Fátima, que demonstrou um exemplar conhecimento sobre a vida e obra desta figura. A exposição esteve aberta ao público durante dois meses, tendo terminado a 2 de Abril do mesmo ano.

4.2. Elaboração de *PowerPoint's*

No decorrer do estágio, foi-me solicitada a elaboração de várias apresentações em *PowerPoint* adequados às várias faixas etárias que visitavam a exposição.

Ao fazê-lo tentei ter em consideração, a concisão dos textos apresentados, a ligação entre texto e imagem a objectividade do tema apresentado.

Destaco assim, os seguintes:

- Páscoa: Usei cores vivas para sobressair a festividade do dia. Contrastei com imagens também elas coloridas, e usei animações simples para ajudar a manter a atenção do público.
- Dia do Trabalhador: Com cores de fundo vibrantes, e imagens apelativas alusivas ao dia, elaborei este PowerPoint querendo fazer passar mensagem da importância da data comemorada. Foram ainda lembradas profissões que ou se extinguíram ou tomaram outros contornos mais actuais. Como aliciante introduzi um vídeo sobre o primeiro 1º de Maio.
- Dia da Espiga: Usando um fundo alusivo ao dia, tentei combinar texto e imagens para que as mensagens fossem transmitidas mais adequadamente. A escolha das cores foi tida em conta de acordo com as cores representadas no ramo.
- Santos Populares: Inspirando-me nos balões de S. João, elaborei um fundo festivo e alegre próprio da quadra. Depois tentei enquadrar a já antiga tradição nas suas origens, trazendo-a até aos nossos dias. Falei ainda da vida dos santos e liguei cada um às suas festividades e tradições. O trecho de filme apresentado no fim, contrastava com as marchas que os visitantes partilhavam connosco.
- Moinho de Maré

Durante o período de estágio, a ideia de um projecto individual não se apresentava possível, pois a concessão inicial era integrar um projecto que já estava em fase de andamento. Elaborei um *PowerPoint* mais completo e acessível não apenas aos mais novos, como também às necessidades especiais, que explicasse de forma mais laica o funcionamento do Moinho de Maré.

A minha ideia inicial foi simplificar ao máximo o aspecto do moinho, ou seja, retirar-lo das suas formas arquitectónicas reais, transformando-o num desenho. Assim, mexendo com linhas simples e cores neutras, e brincando ainda com as sombras, cheguei ao conceito que depois apresentei.

O primeiro diapositivo apresenta uma imagem desenhada do Moinho e o título da apresentação “ Vamos Conhecer o Moinho de Maré”. Começamos por ver um dos lados do moinho, o lado da caldeira. Depois passamos para uma visão da parte frontal do moinho, onde aparece à porta uma simpática *stick figure*, chamei-lhe, Manuel o Moleiro, a convidar-nos a entrar no seu moinho de maré. Uma vez lá dentro, ele apresenta-nos ao seu moinho e pergunta se queremos saber como ele funciona. Depois do que espero que seja uma resposta positiva por parte dos visitantes. Vimo-lo então ao pé do pejadouro, o aparelho, com que se faz parar ou começar a trabalhar o moinho, cortando a água que lhe gera força. Nesta altura o técnico explica todo este processo e então vemos o Manuel a levantar o pejadouro, se a maré tiver favorável também o técnico o fará, e a água que antes estava na caldeira passa agora a sair do lado oposto permitindo ao rodízio, do qual vemos um grande plano rodar e fazer mover a mó de cima, ou mó andadeira. Manuel o moleiro pega então numa saca de cereal e deita-a no tegão. Esta com o rodar da mó começa a desfazer-se e a farinha começa a cair. Vemos então, Manuel o moleiro todo feliz com uma saca que diz farinha.

4.3. Dia Nacional da Protecção Civil

No dia 1 de Março, foi montada no auditório da biblioteca municipal uma pequena peça comemorando o dia Mundial da Protecção Civil.

Esta peça, actuada pelas técnicas da biblioteca, alertavam às crianças presentes na plateia como agir e reagir em casos de emergência, tais como terramotos, incêndios ou ainda para casos actuais como a solidão sénior, tão presente nos noticiários deste inverno, enfatizando a necessidade de comunicação, de uma casa segura e de uma família preocupada.

A resposta das crianças a esta peça foi bastante positiva. A aquisição dos novos conhecimentos foi conseguida. Quando questionados por membros dos bombeiros voluntários do Montijo todos responderam correctamente.

4.4. Visita ao Centro Histórico do Montijo

Após o término do meu estágio, fui contactada pela divisão com a proposta de acompanhar uma visita ao Centro Histórico do Montijo, a ser feita dia 23 de Julho a sete turistas norte-americanos.

O circuito efectuado englobou uma mistura do percurso civil do roteiro do azulejo, como também o percurso elaborado dentro da freguesia na actividade *À Descoberta do Património Concelho*. Acrescentou-se ainda uma visita à Igreja da Misericórdia, à casa Mora e ao seu jardim e ao Moinho de Maré.

Apesar desta visita já não estar englobada nas datas determinantes do estágio, não queria deixar de referi-la, visto que a sua experiência foi muito gratificante.

4. Reflexão

Lançando um olhar retrospectivo sobre este Relatório, pondero positiva não só aquisição de novos conhecimentos, como a colaboração inestimável de todos os intervenientes que, de alguma forma me ensinaram e ajudaram a percorrer este caminho.

Um estágio de longa duração, como foi o caso deste, permitiu-me uma integração plena numa equipa activa e rigorosa ajudando-me assim a colaborar em diversas actividades que me possibilitaram um maior aproveitamento das aprendizagens não só no decorrer do mesmo, como também no decorrer do Mestrado.

No decorrer do estágio adquiri e desenvolvi ainda competências relacionadas com o conhecimento e funcionamento da divisão, tais como apoiar a criação de museus e núcleos museológicos, fomentar e coordenar as acções culturais municipais, promover e generalizar o acesso à leitura, promover e apoiar a produção de documentos assim como outras formas de informação sobre o património municipal cultural, artístico e/ou histórico. Adquiri ainda competências em dinamizar iniciativas que integrem os valores culturais, monumentais e artísticos municipais e através do Centro de Saberes, a formação de integrar os cidadãos no património local, alertando-os para a importância da valorização patrimonial e artística de acordo com uma lógica de afirmação identitária. Promover a acção cultural dos vários espaços museológicos existentes na cidade e regular a comunicação com os diversos públicos e programas no âmbito da educação patrimonial e artística, com actividades adaptadas aos diferentes públicos – alvo fizeram também parte das competências.

O estágio permitiu-me ainda, através da participação em reuniões, compreender melhor o significado do trabalho em equipa e o balanço das diferentes actividades realizadas, como analisar o desenvolvimento de uma programação diversificada e transversal. O estágio foi ainda um espaço de reflexão, diálogo e debate. Desenvolvi também métodos de trabalho em equipa através da organização de actividades com a DCBT, tais como *Vamos falar de Memórias*, onde contribui para a criação de ajudas visuais e de compreensão orientadas para o desenvolvimento comunitário.

O contributo dos meus colegas da divisão, e deve admitir por consequência de ordens de actividades, uns em especial, nomeadamente na transmissão de conhecimentos, programação das acções, metodologias adoptadas e orientação para os resultados, foi imprescindível para a execução do estágio de forma plena e produtiva.

Para além das elevadas competências capacidades técnicas e profissionais demonstradas, pelos colegas, não posso deixar de referir a forte componente humana da Dra. Perpetua de Jesus, quer na disponibilização de conhecimentos quer ainda no relacionamento interpessoal, marcado pela simpatia e a disponibilidade.

Anexo 1

Proposta para a elaboração da Exposição *Arte Pública, um percurso pelo concelho.*

«O espaço público é o mais sensível de todos os espaços»

Rui Chafes, in Manuela Synek, *Arte Urbana* (2010), Lisboa: mtg; p. 8

A arte pública rodeia os espaços onde vivemos, trabalhamos ou temos os nossos momentos de lazer. As obras de arte estão lá e o contacto diário influencia a nossa atitude perante elas.

Pretende-se com esta exposição, oferecer uma visão sobre um conjunto de obras "que possuem a sua própria especificidade", algumas delas executadas por conceituados artistas, grandes nomes na esfera nacional e internacional.

A arte pública no Montijo, no âmbito da escultura monumental, começou por ter um carácter comemorativo, de homenagem e de celebração. Obras mais recentes são, no entanto, já entendidas como peças de arte na cidade, pretendendo evocar a modernidade e a ascensão do concelho.

"Toda a estátua é escultura mas nem toda a escultura é estátua"

Percorrem-se esculturas (peças abstractas), estátuas e bustos (referentes a uma figura) de grande variedade de formas e géneros.

A exposição abrange trabalhos pertencentes, visivelmente, ao género figurativo e outros com uma linguagem mais abstracta e até detentora de alguma ambiguidade.

"Cada escultor possui na maior parte das vezes, um estilo pessoal, muito próprio" (SYNEK, 2010, p. 8)

Dão-se a conhecer obras que se enquadram no conceito de Arte Urbana, algumas delas resultantes do protocolo celebrado entre a Autarquia e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Arte Pública ou Monumento? Optámos por incluir algumas intervenções que, pelo seu valor histórico, têm a função de “evocar, de exaltar e não de questionar”. Por este facto, certos autores acham que deverão ser apelidados de *monumentos* e não de *arte pública*. Falamos de *escultura monumental* - estátuas ou bustos, que perpetuam factos ou personalidades notáveis.

Neste vasto leque, incluímos também alguns **Baixos-relevos**, peças com elevada importância artística.

Não podíamos deixar de referir a **calçada portuguesa**, cuja riqueza e originalidade é, talvez, a maior contribuição do nosso país em matéria de qualidade dos espaços urbanos. Ultrapassa a sua função utilitária, criando elementos decorativos bastante originais e dignos de conservação.

A arte está na rua, nas praças, nos jardins e rotundas da cidade e alastra-se pelo concelho.

É um bem comum a todos.

É um convite à reflexão.

Merece ser preservada!

Venha daí!

Se estivermos atentos, as obras surgem diante dos olhos.

Arte Pública e Arte Urbana

Ao longo dos tempos, muitas designações e teorias têm surgido para definir as obras de arte colocadas em espaços urbanos, nova categoria artística, o que tem contribuído para uma certa confusão do que é **Arte Pública e Arte Urbana**.

Com a **Arte Pública**, a obra de arte emancipou-se dos constrangimentos da galeria ou do estatismo do museu o que originou uma revisão de conceitos e de valores. Trata-se de uma intromissão no quotidiano da população, pretendendo levar arte contemporânea ao grande público, através da apropriação de espaços públicos.

Ela vai ao encontro das pessoas que percorrem a via pública, sem necessidade da sua deslocação a locais específicos para "viver a arte".

A **Arte Urbana**, urbanografia ou *streetart*, é a expressão que se refere a manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público, à margem das instituições públicas ou empresariais, bem como do mero vandalismo.

Este género plástico evidencia "a cidade como organismo vivo que se constrói e cria de uma forma espontânea, natural e livre". Inclui, além do *graffiti*, estátuas vivas, malabaristas, músicos, palhaços ou peças de teatros.

De acordo com alguns historiadores, entre os quais se cita a historiadora e crítica de arte, Manuela Synek, "a maior parte das peças artísticas que se encontram na via pública não podem ser consideradas" arte pública. Para a mesma autora, este conceito pertence a um campo específico de intervenção, tratando de problemáticas da época contemporânea".

Para outros, toda a obra concebida para ser instalada num lugar público, de livre acesso - seja rua, praça, jardim, fachada de edifício ou rotunda -, é arte pública. Fazem parte das deslocações diárias da maioria dos habitantes de uma cidade e, muitas vezes, não nos apercebemos da sua existência.

Colocadas em espaços públicos, privilegiam a relação entre a arte e o meio que envolve o público. Acreditamos que a dimensão estética destas práticas de embelezamento e animação dos espaços, contribui para uma melhoria da qualidade de vida do indivíduo.

ARTE PÚBLICA

MONTIJO

AS PORTAS DA CIDADE

Autores: Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) e Irene Buarque (escultora)

Materiais: Betão Branco

Dimensões: 14 metros de altura

Inauguração: 14 de Agosto de 2001

Localização: Rotunda das Portas da Cidade - Junto à Circular Externa (Montijo)

Pretendeu-se colocar na entrada na cidade, uma escultura monumental, “de forte sentido escultural”, “como que a dar as boas vindas aos visitantes”, demonstrando hospitalidade e acolhimento franco sem reservas.

Concretizou-se.

Trata-se de um pórtico (referência aos tradicionais arcos nas entradas das cidades), em que uma porta com os batentes abertos de par-em-par, segundo a intenção dos autores, expressa o lema “Montijo – Uma cidade de portas abertas”.

“A suave escadaria de amplos patamares convida enfaticamente à entrada”.

Nuno Teotónio Pereira

“Não tem altura o silêncio das pedras”.

Irene Buarque

Em termos de composição, os artistas procuraram executar “uma estrutura dinâmica, como contraponto à veloz giração dos carros na rotunda”. A “disposição dos batentes é (...) assimétrica, por forma a que as portas se abram acompanhando o movimento de quem entra na cidade”. A leitura da obra é “variável ao longo do dia, consoante a incidência dos raios solares”.

A base dá-lhe as boas-vindas com letras feitas de plantas de folha amarela que, rodeadas de relva verde, ostentam as cores do Município.

Arquitecto Nuno Teotónio Pereira

- Nasceu em Lisboa, em 1922
 - Participou no I Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948, apresentando a comunicação Habitação Económica e Reajustamento Social.
 - Em 1949, torna-se arquitecto pela Escola de Belas Artes de Lisboa, obtendo 18 valores.
 - De 1948 a 1972, foi consultor de Habitações Económicas na Federação das Caixas de Previdência.
 - Autor e co-autor de conjuntos de habitação social e de moradias em vários pontos do País – entre muitos, os Planos de Urbanização do Crato, Fronteira e Castelo de Vide.
 - Apresentou o primeiro plano sectorial de Habitação - Plano Intercalar de Fomento - documento oficial que, pela primeira vez, descreve as necessidades habitacionais do país.
 - Em conjunto com alguns artistas plásticos e arquitectos, em 1952, fundou o Movimento para a Renovação da Arte Religiosa, que “propunha uma arte religiosa de cariz pastoral, moderna”, contrária aos modelos tradicionais da época.
 - A nível internacional foi o primeiro delegado português no Comité do Habitat da União Internacional dos Arquitectos em Bucareste, 1966.
 - Foi resistente durante a ditadura e preso em 1967, 1972 e 1973. Foi libertado da prisão de Caxias depois do 25 de Abril.
 - Mais recentemente, é co-autor do Estudo de Recuperação e Revitalização do Palácio Nacional de Mafra e de projectos para Vila do Conde, Barcelos, Lisboa e Universidade de Aveiro.
 - Autor de múltiplos estudos, ensaios e numerosos artigos sobre Arquitectura, Urbanismo, Património e Desenvolvimento Regional.
 - Ao longo da sua vida, recebeu inúmeras menções honrosas e prémios. Mencionamos alguns deles - menção honrosa no Concurso para o Centro Cultural de Belém; 1.ºs prémios do concurso do Elevador de Santa Justa, com Irene Buarque; nos projectos para o Complexo Tivoli; para as estações do Metropolitano e da Transtejo, no Cais do Sodré e para conjuntos habitacionais em Oeiras e na Covilhã.
- 2º Prémio Nacional de Arquitectura da Fundação Gulbenkian em 1961, Prémios Valmor de 1968, 1971 e 1975, com menções honrosas em 1987 e 1988, Prémio Aica em 1985, Prémio Instituto Nacional de Habitação em 1992, Prémio Espiga de Ouro da Câmara Municipal de Beja em 1993 e Prémio Municipal Eugénio dos Santos em 1995.

Escultora Irene Buarque

- Nasce em S. Paulo, no Brasil.
- Escultora pela Faculdade de Artes Plásticas – Fundação Álvares Penteado, em 1967, em S. Paulo.
- Em 1973 torna-se bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian mudando-se para Lisboa.
- De 1977 a 1990 – Fotografia e Cerâmica no AR.CO, em Lisboa.
- Centro Internacional de Escultura, em Pêro Pinheiro.

CURLED SCULPTURE

Autor: Sérgio Vicente (escultor)

Materiais: Chapa de aço Cor-tem

Dimensões: Círculo de aprox. 7 metros de diâmetro e cerca de 3 metros de altura.

Peso: Aprox. 1250 Kg

Inauguração: 8 de Abril de 2003 (aquando da inauguração do Fórum Montijo)

Localização: Fórum Montijo (Montijo)

Conjunto escultórico composto por seis módulos metálicos, "geometricamente iguais, dispostos em planos verticais, equidistantes, que se desenvolvem em torno de um eixo perpendicular ao plano horizontal da base". Sérgio Vicente

Esta peça "assume a sua geometria harmoniosa (...) imbuindo o espectador numa busca permanente das formas encontradas nos elementos naturais". Sérgio Vicente

Sérgio Vicente Pereira da Silva

- Sérgio Vicente nasce em Lisboa, em 1969.
- É Licenciado em Artes Plásticas – Escultura, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Tem vindo a desenvolver a sua prática profissional como escultor em plena harmonia com a docência na mesma Universidade, desde 2001.
- Mestre em Design Urbano pela Facultat de Belles Arts da Universitat de Barcelona.
- Frequenta o programa de doutoramento "Espacio Público y Reneración Urbana: Arte y Sociedad", tendo obtido o grau de Suficiência Investigadora [DEA] no Departamento de Escultura da mesma Faculdade.
- Tem vindo a preparar a sua tese sobre a Arte Comunitária e Renovação Urbana neste biénio.
- Frequentou ainda, pós-graduação em Escultura na Universidade de Belas Artes e Música de Tóquio e pós-graduação em Design Urbano organizada por Centro Português de Design em parceria com a Universidade de Barcelona.
- Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), da Fundação Oriente (Lisboa/ Quioto), e do Ministério da Educação do Governo do Japão (Tóquio).
- Desde 1996, realiza obras e projectos de arte para espaço urbano.
- Tem ganho prémios em concursos públicos - a título individual, de colaboração ou em equipas interdisciplinares, para entidades públicas e privadas -, para a promoção de arte na cidade.

- Tem obras instaladas nos espaços públicos de diferentes cidades, como Almada, Vale de Cambra, Montijo, Coimbra, Beja ou Lisboa e na cidade espanhola de Barcelona. Ao mesmo tempo que tem realizado exposições individuais e colectivas em espaços institucionais.

- Está ligado a projectos de investigação na Universidade de Lisboa e Universidade de Barcelona relacionados com Arte Pública, Participação Cidadã e Regeneração Urbana: a arte pública como motor de requalificação urbana.

COLUNA MODULAR

Autor: Leonor Pêgo (escultora)

Materiais: Grés refractário e engobe (nas peças pretas)

Dimensões: 360 cm X 60 cm X 40 cm

Escala: 300 x 300 mm cada módulo

700 x 700 x 6000 mm na montagem final

Inauguração: 8 de Março de 2004

Protocolo: Câmara Municipal do Montijo e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Localização: Praça da Paz – Bairro da Bela Vista (Afonsoeiro)

Escultura cerâmica, de grandes dimensões, resulta do protocolo celebrado, em 2000, entre a Câmara Municipal do Montijo e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, com o intuito promover um concurso de esculturas, junto dos alunos finalistas e recém licenciados, desta faculdade.

A Coluna Modular, título desta obra, foi desenvolvida, em 2003, nas instalações da fábrica de grés refractários em Abrigada, Abrigada SA, tendo participado, neste *workshop*, seis alunos finalistas da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa.

A preferência recaiu na proposta de Leonor Pêgo que apresentou uma estrutura articulável, tendo sido a escolha deste formato de montagem a que melhor se adequava a este espaço,

O objectivo foi criar um módulo, que pudesse ser repetido e que originasse diferentes composições.

As peças foram construídas a partir de moldes especiais para este material tão específico. Foram feitos oitenta múltiplos, alguns estão nesta composição na Praça da Paz, outros integram exposições de âmbito mais íntimo em diferentes formatos de composição e montagem.

Em termos de leitura lúdica, esta torre interminável leva-nos a caminho do céu.

Leonor Pêgo

- Nasce em Lisboa, em 1979.
- Escultora, licenciada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 2004.
- Em 2003/4 realiza o Programa Sócrates/Erasmus, na Faculdade de Bellas Artes de Granada, em Espanha.
- Professora do Departamento de Escultura no AR.CO desde 2009.
- Desde 2008, é professora de Expressões plásticas do 1.º Ciclo, no âmbito das actividades de enriquecimento curricular.
- Programa e orienta *ateliers* de expressão plástica, em várias instituições entre elas a Fundação Gulbenkian, o CCB e o Museu do Chiado.
- Em 2004, recebe uma Menção honrosa no Concurso D. Fernando II, em Sintra e o Prémio de Escultura da Galeria M.A.C., em 2005
- Participa no Festival Festa Redonda, nos Açores, com cinco esculturas de cariz público, onde está representada, na ilha terceira, com a escultura, "Aos avós".
- Desde 2005, membro do grupo de escultura "D´forma4", com quem tem participado em várias exposições de escultura ao "ar livre".
- Exposições individuais desde 2009, entre elas na galeria municipal Lagar de Azeite em Oeiras, na Galeria Municipal de Proença-a-Nova e no Centro da Cultura de Alfandega da Fé.

MONUMENTO AO TRABALHADOR CORTICEIRO

Autor: Virgínia Fróis (escultora)

Materiais: Tijolo burro, fabricado na Cermon- Cerâmica do Montijo. Um sobreiro. Vidro espelhado. Mamoa relvada

Data: 2004

Protocolo: Câmara Municipal do Montijo e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Localização: Rotunda da Mundet (rua Vasco da Gama - Circular Externa – Montijo)

A "Mundet" foi uma das primeiras fábricas de cortiça a laborar no Montijo, estabelecendo-se em 1923.

O conjunto preservado/erigido no local, chaminé (fábrica), forno (estrutura em tijolo) e sobreiro (cortiça), fazem recordar a laboração desta fábrica de transformação de cortiça.

A concepção da obra teve em conta os seguintes factores: O espaço ser numa rotunda, um local de circulação rodoviária; a encomenda pedir a evocação da indústria corticeira, havendo no local elementos da antiga fábrica da Mundet, uma chaminé; e a possibilidade do transplante de um sobreiro que deveria ser deslocado pela necessidade do alargamento de uma estrada. Virgínia Fróis.

"Uma árvore, um sobreiro como evocação da natureza, do trabalho e da tenacidade". Virgínia Fróis

O projecto desenvolveu-se em torno da ideia de deslocação.

A mamoa de relva, referindo a modelação orgânica da paisagem rural, de onde uma construção emerge, replicando a base da chaminé. A construção cúbica é interceptada por um plano oblíquo, um corte como sinal de um tempo em mudança, este é coberto com vidro espelhado, reflectindo de dia o céu e a luz solar e de noite iluminando a base da copa do sobreiro transplantado. Virgínia Fróis.

Virgínia da Conceição Oliveira Ferreira Fróis

- Nasce em 1959, em Rio Maior.
- Licenciada em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde desenvolve actividade docente no Curso de Escultura, desde 1989.
- Em 1996, funda a Associação Cultural de Arte e Comunicação Oficinas do Convento em Montemor-o-Novo.
- Desenvolve actividade como Escultora.
- A sua investigação plástica realiza-se no âmbito da Cerâmica expondo com regularidade.
- No domínio da Arte Pública realizou projectos para os Municípios de Almada, Montijo e Caldas da Rainha, e para o Ministério da Justiça.
- Colaborou na recuperação do espólio da Escultura Barroca em Terracota do Mosteiro de Alcobaça, onde coordenou e desenvolveu projecto artístico no âmbito da Exposição E-Vocações.
- Coordenou projectos na Companhia Nacional de Refractários da Abrigada na Fábrica Bordalo Pinheiro e na SECLA nas Caldas da Rainha, em programas de extensão da actividade docente.
- Em 2005 inicia o Projecto Guardar Águas, investiga no campo da Etnocerâmica em Cabo Verde e no Brasil.

HOMENAGEM AO COMANDANTE LAGINHA

Autor: Bruno Marques (escultor)

Materiais: Bronze

Inauguração: 27 de Novembro de 2011

Localização: Avenida dos Bombeiros Voluntários do Montijo (quartel dos bombeiros do Montijo)

A Corporação de Bombeiros Voluntários de Aldeia Galega ganha estrutura própria em 1909, tendo como comandante **Álvaro Valente**.

Foi-lhe prestada homenagem, através de um busto colocado à porta do quartel, entretando furtado.

Em 2011, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Montijo, assim denominada desde 1924, decide homenagear o seu comandante, Vítor Manuel Ferreira Pires, mais conhecido por **Vítor Lagina**, quando este decidiu retirar-se e passar ao Quadro de Honra.

Foi o comandante que mais tempo seguido esteve em funções, cerca de vinte anos.

Pessoa muito dedicada, teve um papel fundamental na recuperação do prestígio da associação, à época, desacreditada.

Renovou totalmente o parque automóvel da instituição através de uma gestão rigorosa, disponibilizando muito do seu tempo e recursos pessoais.

Actualmente, perdura a sua ligação à corporação, continuando a prestigiar a instituição, tanto a nível local como nacional.

O antigo quartel, inaugurado, em 1929, localizava-se num edifício, hoje inexistente, junto aos Paços do Concelho. No local, encontra-se, hoje em dia, uma peça escultórica homenageando o Bombeiro, obra também incluída neste percurso.

Bruno Marques é natural de Grijó.

No seu entender, “quando se faz uma obra pública, uma obra para estar exposta ao cidadão que passa, pesa-nos como premissa inicial a completa consciência de que se está a ‘obrigar’ as pessoas a conviver com a obra”.

BUSTO DE IZIDORO SAMPAIO DE OLIVEIRA

Autor: António Vidigal (escultor)

Materiais. Bronze

Localização: Av. da Olivença (recinto da fábrica Izidoro) (Montijo)

Do mesmo autor do Monumento de Homenagem ao Bombeiro, esta peça, apesar de não se encontrar no espaço público, merece uma “espreitadela”.

É resultado de uma colecta feita entre os trabalhadores, que assim homenageiam o industrial, membro da família fundadora da fábrica Izidoro que, em 1910, se instala em Aldeia Galega.

A família, detentora de múltiplas unidades industriais e explorações em várias zonas do país, centrou-se continuamente na suinicultura, actividade de grande tradição no nosso concelho atingindo dimensão nacional.

Hoje, a família fundadora já deixou a estrutura accionista do negócio.

Izidoro Sampaio de Oliveira

- Filho de Izidoro Maria de Oliveira, fundador da fábrica de transformação de carne de porco – Izidoro.

-Foi um dos quatro empresários responsáveis pelo financiamento da construção do Cinema-Teatro Joaquim de Almeida, inaugurado em 1957.

Escultor António Vidigal

- Licenciado em escultura pela E.S.B.A.L.

-Professor associado da faculdade de belas artes da universidade de Lisboa.

- Autor de diversos monumentos e esculturas públicas, medalhas comemorativas e retratos

- Actualmente representado em diversos museus.

COMUNICAÇÃO

Autor: Sara Inácio (escultora)

Materiais: Cimento Refractário

Dimensões: 150 (diam. máximo) x 50 (diam. mínimo) x 100 cm

Inauguração: 8 de Março de 2003

Protocolo: Câmara Municipal do Montijo e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Localização: Quinta do Saldanha (Montijo)

Duas formas colocadas frente a frente.

Formas em diálogo. Diálogo entre as formas e o espectador.

Uma é aberta, a outra é fechada.

Uma é clara, a outra é escura.

Uma cabe no interior da outra.

Entre elas, dentro delas, à sua volta – Espaço.

Remetem-nos para complementaridades ancestrais:

luz sombra; masculino feminino, visível invisível, centro periferia; dentro fora; matéria espaço.

Este trabalho foi realizado na Fábrica de Refractários Abrigada, SA, produzida pelo Núcleo de Cerâmica e Escultura da Faculdade de Belas Artes –U.L. e adquirida pela Câmara Municipal do Montijo em 2003.

Sara Cardoso Inácio

- Nasce em Lisboa, em 1977.

- Licenciada em Artes Plásticas/Escultura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 2002.

- Bolseira do Programa Erasmus na Faculdade de Belas Artes de Atenas, na Grécia, em 2000.

- Em 2002 foi co-criadora e membro da direcção da Associação Cultural Nextart onde tem vindo a leccionar Desenho, Escultura em Barro e a produzir eventos que estabelecem pontes entre a Arte e a Natureza.
- Desde 2003, colabora com o serviço educativo do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, na concepção e orientação de actividades pedagógicas.
- Expõe desde 1999 (Portugal e Espanha) e é autora de vários projectos em espaços públicos e intervenções na paisagem: *Comunicação* - Câmara Municipal do Montijo (2003); *Nem só de Pão vive o Homem* - C. M. de Mértola e Associação de Defesa do Património de Mértola (2005); *A Caminho da Luz*- Parque Natural de Sintra, C. M. de Sintra (2008).

MONUMENTO AO DOUTOR MANUEL DA CRUZ JÚNIOR (1853-1924)

Autor: Anjos Teixeira (filho) (escultor)

Materiais: Bronze e pedra

Dimensões: Aprox. 3 metros de altura

Inauguração: 23 de Agosto de 1936

Localização: Largo Doutor Manuel da Cruz Júnior – Av. dos Pescadores (Montijo)

Esta peça, de bronze em pedestal, homenageia, a título póstumo, o ilustre médico benemérito “que aos pobres dispensou, a par do valioso auxílio da sua elevada sciencia, o melhor do seu bondoso coração”.

“Socorria com a nobreza do seu dever profissional os que não tinham saúde e amparava monetariamente com a sua bolsa os que não tinham dinheiro”. (Manuel Giraldes da Silvain, Citadino: 1992; p.11)

Após a sua morte, a Câmara Municipal abriu uma subscrição pública para a execução de um busto do médico.

A homenagem prestada foi de tal forma solene, que o local escolhido para a colocação da peça foi o centro do então recente, e motivo de grande orgulho na época, Parque Municipal – “*melhoramento (...) fundamental para a vida da localidade (...), pois uma vila como Montijo, não tinha um tão útil recreio*” (BALDRICO: 2006; pp. 42)

Em 1994, a obra é transferida para o largo Doutor Manuel da Cruz Júnior, onde se encontra até hoje.

Para além deste arruamento, a autarquia atribui igualmente o seu nome a uma rua e a um beco.

Manuel da Cruz Júnior nasce em Alcochete, em 1853.

Irmão mais velho do Padre Cruz, conclui o curso de medicina e fixa residência no Montijo.

Ficou conhecido pelo médico dos pobres, dado o número de consultas que praticava gratuitamente, nomeadamente, no número 44 da Praça da República.

Segundo Manuel Giraldes da Silva, poeta e seu amigo íntimo, Manuel da Cruz Júnior,

Era inconfundível na sua figura. Magro, alto, de passo lento e cadenciado, de longas barbas brancas bem cuidadas, de olhar perscrutador de águia, de chapéu negro e largo, cingindo sempre sobre os ombros descarnados uma capa escura e trazendo sempre, quer de Verão ou de Inverno, um chapéu de chuva aberto. (Citadino: 1992; p.11).

Portador de alguma fobia aos contágios, tinha por hábito dizer aos seus doentes que "só um braço ou uma perna partidos não eram contagiosos". (Citadino: 1992; p.11)

Morreu aos 70 anos na sua residência, no Montijo.

Escultor Pedro Augusto Franco dos Anjos Teixeira

- Conhecido por Anjos Teixeira (filho), nasce em Paris em 1908, chega a Portugal com 6 anos de idade.
- Começa a trabalhar com 16 anos, no Atelier de Lisboa, em colaboração com o pai.
- Frequenta a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de 1952 a 1953.
- Professor de Modelação e de Desenho, lecciona nas Escolas António Arroio, Pedro de Santarém e Francisco Arruda.
- Em 1959, depois de divergências com o regime de Salazar, decide "auto-exilar-se" no Funchal, onde é docente, escultor, músico e jornalista.
- Regressa a Sintra em 1980, onde vem a falecer.
- De grande sensibilidade artística e grande rigor técnico, é notável na representação estética naturalista, tanto humana como animal, apresentando um grande conhecimento de anatomia humana.
- Deixou-nos um legado de mais de 900 obras.

MONUMENTO A SANTOS-DUMONT (1873-1932)

Materiais: Bronze, calcário e mármore

Dimensões: Aprox. 2 metros de altura

Data da oferta: 1973

Localização: Praça de Brasília (Montijo)

Busto de bronze com a inscrição - "Pai da Aviação deu asas ao mundo e glória ao Brasil".

Homenagem a Alberto Santos-Dumont, considerado um dos pioneiros da aviação e patrono da aeronáutica Brasileira, que "deu asas ao mundo e glória ao Brasil".

Esta peça foi ofertada à Câmara Municipal do Montijo, no âmbito das comemorações da Descoberta do Brasil.

A oferta foi feita pelo representante diplomático da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil em Portugal ao presidente da época, José Maria Barros Martins, tenente-coronel da Força Aérea.

A cerimónia de entrega, no dia 12 de Dezembro de 1973, deu-se no Salão Nobre dos Paços de Concelho, onde estiveram presentes as altas individualidade da época, nomeadamente, o embaixador do Brasil e uma brasileira, piloto de aviação, que deixaram o seu registo no livro de honra da autarquia.

A obra permaneceu no Salão Nobre dos Paços de Concelho, até ser transferida para a Praça de Brasília, onde se encontra até hoje.

Alberto Santos-Dumont

- Nasceu em Palmira, no Brasil, a 20 de Julho de 1873.

- Foi aviador, inventor e engenheiro.

- Herdeiro de uma família de prósperos fazendeiros, produtores de café, no interior de São Paulo, estudou em Paris.

- Considerado um dos grandes, e mais jovens, inventores da história, Santos-Dumont, baptizava as suas obras por números e não por nomes. No entanto, tinha uma superstição em relação ao n.º 8, não o utilizando. Assim, a invenção n.º 7 dava lugar à n.º 9.

- Tornou-se famoso mundialmente, quando contornou a Torre Eiffel com o seu balão dirigível n.º 6, conquistando assim o Prémio *Deutsch*, em 1901.

- Contrariamente a outros aeronautas da época, deixava as suas pesquisas no domínio público, sem registar patentes.
- De 1898 a 1909, projectou, construiu e experimentou mais de vinte invenções, entre os quais, os primeiros balões dirigíveis dotados de lemes e motores a gasolina.
- Em 1906, realizou o primeiro "voo mecânico" do mundo, no "14 Bis", provando que o ser humano pode voar num aparelho mais pesado que o ar. Valeu-lhe a Taça Archedeacom.
- Em 1915, participou do 11º Congresso Científico Pan-Americano nos Estados Unidos, tentando reforçar a utilização do avião como forma de facilitar o relacionamento entre os países da América. No entanto, o avião estava a ser utilizado para fins militares: "nos Estados Unidos eram produzidos 16 aviões militares por dia".
- Em 1926, apelou à Liga das Nações para que se impedisse a utilização de aviões como armas de guerra.
- Em 1930, foi condecorado pelo Aeroclube da França com o título de Grande Oficial da Legião de Honra da França.
- Em 1973, centenário do seu nascimento, no dia 20 de Julho – seu nascimento e data em que o homem pisou a Lua pela primeira vez –, Santos-Dumont, dá nome a uma das crateras da Lua. A homenagem foi-lhe prestada pelo Comité da União Astronómica Internacional,

BAIXOS-RELEVOS DO CENTRO DE SAÚDE

SALINEIRO

Autor: Mestre Domingos Soares Branco

Materiais: Calcário Lioz

Dimensões: 54 x 36 x 2,5 cm

Cronologia: 1962 (Período Contemporâneo)

Localização: Av. Luís de Camões, 21 (edifício do Centro de Saúde do Montijo)

A Família de Salineiros foi originariamente concebida para a vila de Alcochete, dada a sua ligação à produção de sal, "desde a Idade Média até aos nossos dias". No entanto, acabou por ser aplicada na fachada lateral do edifício do Centro de Saúde do Montijo.

Na década de 60, Soares Branco realizou vários projectos em torno do ideal de família – especialmente aquando da sua própria constituição de família - e da sua relação com as actividades produtivas locais.

Neste ideal familiar (...), o homem aparece normalmente à esquerda e associado a uma função laboral que exige maior compleição física, neste caso o trabalho nas salinas; a mulher, em

segundo plano e com a cabeça voltada para o marido, tem à cabeça uma pequena canastra e ambos seguram as mãos de uma criança que, no canto inferior direito, dá os primeiros passos, afastando-se dos pais.

A cena é completada com pequenos apontamentos sobre a identidade alcochetana: um barco à vela e as pirâmides de sal. (Museu de Mafra)

Na vasta produção do escultor, a cronologia deste pequeno painel e, sobretudo, a composição “conferem-lhe um lugar de comprovada importância no conjunto geral”.

Em relação ao baixo-relevo, artisticamente, existem algumas dominantes da obra de Soares Branco:

- Dois ou três planos a hierarquizar os temas a tratar e sua importância, remetendo para a mensagem global.
- Disposição das figuras de perfil.
- Tratamento do corpo masculino valorizando a perfeição anatómica e o cânone.
- O moldar do corpo humano na procura de um ideal de perfeição.

PELICANO

Autor: Soares Branco

Materiais: Calcário Lioz

Data: 1961

Localização: Av. Luís de Camões, 21 (edifício do Centro de Saúde)

Esta obra representa “o pelicano em sua piedade”.

Este animal “ao constatar a morte dos seus filhotes, bica furiosamente o seu próprio peito”, alimentando-os com o seu sangue que, assim, os faz regressar à vida.

Esta peça, reproduzida numa das paredes exteriores do edifício do centro de saúde, alude ao espírito de assistência, ao supremo sacrifício e ao despojamento do seu bem mais precioso em prol dos outros.

Domingos Soares Branco

- Nasce em Lisboa em 1925.
- De 1944 a 1953, faz o curso de escultura na Escola de Belas Artes de Lisboa, tendo como mestres Simões de Almeida (sobrinho) e Leopoldo de Almeida.
- Em 1951, alcança o 2.º Prémio de Escultura Soares dos Reis atribuído pelo Secretariado Nacional da Informação (SNI).
- Em 1958, torna-se docente na escola onde estudou, terminando a sua carreira como professor jubilado, em 1996.
- Com inúmeros trabalhos espalhados por todo o país, a "Escultura Pública é uma faceta fundamental" da sua obra, que inclui estatuária, bustos ou baixos-relevos esculpidos para fachadas de edifícios, para além da sua vertente medalhística.
- Soares Branco tem ainda obras espalhadas pelo mundo - do Japão aos Estados Unidos.

Em Mafra, o Complexo Cultural Quinta da Raposa, oferece ao visitante uma homenagem à sua obra.

MONUMENTO AO PESCADOR MONTIJENSE

Autor: Bernardino Traquete (artesão)

Materiais: Marfinite

Dimensões: Aprox. 2 metros de altura

Inauguração: 25 de Junho de 1999

Localização: Largo Conde Ferreira, na Av. dos Pescadores - em frente à Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense (S.C.U.P.A.) (Montijo)

Homenageando todos os pescadores do Montijo, esta peça foi financiada com fundos angariados por subscrição popular com a colaboração da comunidade.

O agradecimento é feito à "população, comerciantes, industriais e entidades oficiais".

BAIXOS-RELEVOS DO PALÁCIO DE JUSTIÇA

Autor: Euclides Vaz (escultor)

Materiais: Calcário Lioz

Inauguração: 1959

Localização: Palácio de Justiça – Av. Paulino Gomes (junto ao parque municipal do Montijo)

Na fachada do extenso edifício - característico do Estado Novo e erigido por mão-de-obra prisional – encontram-se dois baixos-relevos, “de modulação rígida” e austera.

No painel localizado à esquerda, está representada a doutrina da *juris prudência*. Aqui podemos ver duas figuras de pé, uma delas segura um livro e a outra segura, um pergaminho. Uma terceira figura, sentada, detém a espada e a balança que simbolizam a justiça.

O outro conjunto tem como tema o *Direito Natural e a Lei*. O direito natural é representado por uma família (pai, mãe e filho) e a Lei aparece representada pela figura sentada que exhibe um livro.

Escultor Euclides Vaz

- Nasce em 1916, Ílhavo.
- Nos anos 40, participou na Exposição do Mundo Português.
- Ganhou o prémio Soares dos Reis, em 1949.
- Autor de variada estatuária, muita dirigida às colónias portuguesas da época, o seu trabalho está representado em inúmeras instituições.

MONUMENTO DE HOMENAGEM AO BOMBEIRO

Autor: António Vidigal (escultor)

Materiais: Bronze e granito

Dimensões: Aprox. 3 metros de altura

Inauguração: 29 de Junho de 2001

Localização: Rua Manuel Neves Nunes de Almeida (junto aos Paços do Concelho do Montijo)

Localizado no local onde existiu o primitivo quartel de bombeiros, esta peça em bronze, idealizada pelo escultor António Vidigal, homenageia o papel do bombeiro e simboliza o agradecimento da cidade à corporação local.

A escultura apresenta um bombeiro, de sabor e traços clássicos, onde o escultor pretende evidenciar os elementos que dão origem à sua acção: ar, terra e fogo.

Escultor António Vidigal

- Licenciado em escultura pela E.S.B.A.L.
- Professor associado da faculdade de belas artes da universidade de Lisboa.
- Autor de diversos monumentos e esculturas públicas, medalhas comemorativas e retratos
- Actualmente representado em diversos museus.

TÁGIDE

Autor: Lagoa Henriques (escultor)

Materiais: Bronze | Pedra, betão armado/aço inox

Inauguração: 25 de Abril de 2004

Localização: Praça da República (Montijo)

Peça escultórica de homenagem ao Tejo e a Camões,

Representa a Tágide - ninfa do rio Tejo, "atenta aos sons que o búzio faz chegar" –, invocada por Camões no Primeiro Canto dos "Lusíadas".

"E vós, Tágides minhas, pois criado

Tendes em mim um novo engenho ardente"

Camões

Mestre Escultor Lagoa Henriques (1923-2009)

- Nasce em 1923, em Lisboa
- Iniciou os estudos de escultura na Escola de Belas-Artes de Lisboa e passados dois anos mudou-se para a Escola de Belas-Artes do Porto, onde finalizou o curso com nota máxima de 20 valores, em 1954. Aqui encontrou o professor Barata Feyo que se tornou a principal referência na sua formação artística.
- Estudou em Itália e esteve em França, Holanda, Bélgica, Grécia e Inglaterra, países onde adquiriu uma visão ampla do ensino do desenho e escultura que viria a introduzir em Portugal.
- Regressa a Lisboa, onde, na década de 70, se dá um grande incêndio no seu *atelier* que lhe destrói um grande número de peças.

- O ensino foi outra grande paixão do escultor. Tinha por hábito, levar os alunos de desenho para a rua para que usufríssem do movimento da cidade, das pessoas e dos elementos da natureza, "aliando o ensino das formas clássicas à descoberta da realidade".

- Mestre e motivador de sucessivas gerações de criadores artísticos, continuou a dar aulas e a fazer conferências depois de completar 80 anos, na Escola de Superior de Belas-Artes do Porto e de Lisboa, e na Universidade Autónoma.

- Além da famosa estátua de Fernando Pessoa, no Chiado, deixou muitas obras de arte pública em várias localidades, nomeadamente, a polémica escultura de Alves Redol em Vila Franca de Xira, dado ter retratado o escritor nu, somente com uma boina na cabeça.

- Recebeu vários prémios, entre eles, o Prémio Soares dos Reis, o Prémio Teixeira Lopes, o Prémio Rotary Clube do Porto, o Prémio Diogo de Macedo e o Prémio de Escultura da II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian.

- Morre em 2009.

"Foi um pedagogo extraordinário, que ficará na história do ensino das artes em Portugal".

"Todos os que passaram pelas mãos dele foram influenciados pelo seu dinamismo". "Era um homem fascinado pelas artes e que conseguiu transmitir aos alunos qualquer coisa de dinâmico e válido, em vez do academismo barato que reinava".

Escultor João Cutileiro.

CALÇADA PORTUGUESA

R. Joaquim de Almeida (Montijo)

Projecto: Arquitecto Pedro Damas

Desenho: Elisabete Duarte

Materiais: Calcário negro e calcário claro

Data: 1999 (planta de pavimentos)

O traçado ondulante ora estreito ora largo, quase orgânico como se apontasse caminhos, faz um paralelismo entre o ritmo das ondas e das marés do Tejo.

R. Almirante Cândido dos Reis (Rua Direita) (Montijo)

Autor: Arquitecto Rogério Dias

Materiais: Calcário negro e calcário claro

Data: 1989

Aqui, a calçada decorativa segue a mesma temática da rua anterior – a inspiração do Rio correndo para o Mar.

Outro desenho cria um tapete, como que, a indicar um caminho e ao mesmo tempo a delimitar (veículos motorizados), criando uma zona limpa para assim dar espaço à vida, às portas ao casario.

Praça da República (Montijo)

Autor: Arquitecto Rogério Dias

Projecto: Arquitecto Pedro Damas

Desenho: Elisabete Duarte

Materiais: Calcário negro e calcário claro

Data: 1999 (planta de síntese)

As formas ondulantes avançam para o rio, onde, outrora, se espraiava pelo local.

As ondas “inundaram, com os seus mares de pedra”, a praça principal da cidade.

Av. dos Pescadores – em frente ao Edifício do Museu Municipal (antiga Casa Mora)

Calçada artística em calcário negro e calcário claro

O calçetamento de todos os locais referidos foi efectuado por calceteiros (artistas) da autarquia.

Frente Ribeirinha do Montijo

Autor: Catarina Assis Pacheco e Filipa Cardoso Menezes (arquitectas)

Materiais: Calcário negro e calcário claro

Inauguração: 24 de Novembro de 2007, aquando da inauguração da Frente Ribeirinha

Temática: Decoração moderna

A arte da calçada portuguesa

O “(...) espaço físico da calçada, garante a dinâmica dos nossos próprios passos (sendo que são passos com olhos – olhos que passeiam)”.

João Lima Pinharanda.

A Calçada Portuguesa, aliando a estética à funcionalidade, presenteia-nos com autênticas obras-primas nas áreas pedonais.

Estamos perante uma forma de arte milenária constantemente em exposição pública.

Especialmente utilizado na pavimentação de passeios e dos espaços públicos, consiste no “calçamento com pedras de formato irregular, geralmente de calcário e basalto, que podem ser usadas para formar padrões decorativos”.

As mais famosas e antigas, são as calçadas romanas, executadas por escravos.

A calçada portuguesa, como a conhecemos, foi utilizada pela primeira vez, em 1842, em Lisboa. Depressa se expandiu por todo o país e colónias, aliada a um ideal de moda e bom gosto, com apurado sentido artístico. Rapidamente ultrapassou fronteiras, sendo, hoje, solicitados mestres calceteiros portugueses para executar e ensinar esta arte no estrangeiro.

As temáticas são variadas – “caravelas, caranguejos, golfinhos, sereias, estrelas-do-mar, rosetas, lagartos fantásticos, florões e tapetes dos mais variados formatos”

Características e vantagens da calçada portuguesa

- Possibilidade e facilidade de restauro com mesmo material natural (granito, calcário, basalto).
- Durabilidade. Correctamente executada tem uma enorme durabilidade, especialmente quando comparada com materiais artificiais, como o asfalto, produtos de cimento ou mosaicos).
- Absorve parcialmente as águas da chuva, ajudando a evitar cheias.
- Cada calçada é única. O tipo de assentamento e o corte da pedra, feito manualmente, dependem do mestre e da sua equipa. Também a natureza geológica dita a sua singularidade.
- Muito rica artisticamente. A beleza das formas e da malha, e o cuidado colocado nos desenhos assim o provam.

MUSAS DAS ARTES

Autor: Martins Correia e José Farinha

Materiais: Bronze

Data: 1957

Localização: Cinema-Teatro Joaquim d'almeida - Rua Joaquim de Almeida (Montijo)

Executada por José Farinha e Martins Correia, esta peça escultórica, é um excelente exemplo da ligação, na altura muito comum, entre a arquitectura e as artes plásticas.

Associa o Talento às Artes.

As cinco figuras femininas representam as musas inspiradoras, cada uma delas com o seu atributo:

- O Teatro apresenta a máscara
- A Poesia segura o pergaminho
- A Dança, dança
- A Música toca lira
- O Talento ostenta a estrela do sucesso

Martins Correia (Mestre escultor e pintor) (1910-1999)

- "Homem dos 7 ofícios", nasce na Golegã, em 1910.
- De origem camponesa, os seus pais faleceram com "pneumónica".
- Órfão, entrou para a Casa Pia, em 1922 onde concluiu o curso industrial.
- Ganhou uma bolsa de estudo para frequentar a Escola de Belas Artes de Lisboa, ingressando no curso de desenho, em 1928, no entanto diplomou-se em escultura.
- Foi professor das Escolas Técnicas e, posteriormente, assistente na Escola Superior de Belas-Artes.
- Em 1940, a sua obra "O Cruzeiro do Minho" exposta em Viana do Castelo, vale-lhe a primeira página do jornal *O Século*.
- Começou, então, a realizar várias exposições e recebe vários prémios.
- Longa carreira no campo do desenho, pintura e escultura torna-se conhecido nacional e internacionalmente, não só em Portugal como também na Índia, no Japão, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

- Em 1999, aos 89 anos, o Mestre morre na Golegã.

"O artista sente quando a sua obra está completa porque há uma voz interior que lhe diz - Pára! A obra não se pode considerar mal feita nem bem feita, mas sensivelmente feita".

José Farinha (escultor) 1912-1979

Artista no âmbito do retrato escultórico, de alguma forma ligado ao neo-realismo.

MONUMENTO À PASSAGEM DO MILÉNIO

Autor: João Duarte (escultor)

Materiais: Aço inox escovado, mármore e pedra

Inauguração: 25 de Abril de 2001

Localização: Rotunda da Lançada (Sarilhos Grandes – Montijo)

Procurando um espaço de liberdade e um monumento aberto ao futuro, este conjunto escultórico visa, na concepção do escultor, representar o desabrochar de uma flor.

Simultaneamente, faz lembrar a proa das faluas do Tejo, enquanto os seus seixos rolados, oriundos da beira-rio, nos remetem para a intemporalidade.

Escultor João Duarte

- Nasce em Lisboa, em 1952.

- Licenciado em Escultura pela Escola de Belas Artes de Lisboa, em 1978.

- Professor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

- Membro da Federação Internacional da Medalha (F.I.D.E.M.).

- Membro da Sculptors Guild, Inc., New York - Estados Unidos da América

- Membro fundador do Grupo Anverso / Reverso - medalha contemporânea.

- Fundador do Centro de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea

- Galardoado com a "J. Sanford Saltus Award for Distinguished Achievement in the Art of the Medal", pela American Numismatic Society, em Novembro de 2011. Este prémio "visa premiar escultores cujos trabalhos se destacam, a nível mundial, no âmbito da medalhística" contemporânea.

- Convidado pela British Art Medal Society, do British Museum de Londres, para elaborar a medalha de 2012 desta instituição.

ESCULTURA DA PRAÇA DA PORTAGEM

Autor: Jorge Vieira (escultor)

Materiais: Ferro

Inauguração: 29 de Março de 1998 (data de inauguração da Ponte Vasco da Gama)

Localização: Imediações da Praça da Portagem da Ponte Vasco da Gama

Esta peça escultórica é "formada por elementos que representam a imagem das naus e simbolizam a Ponte. A balestilha, elemento vertical, é uma forma de projectar o futuro, um olhar sobre o infinito", conforme se referencia na placa de inscrição.

Composta por dois tripés ligados e por um elemento vertical. Os dois tripés, em forma de caverna e proa de um barco, simbolizam as duas margens do Tejo ligadas por um elemento – a Ponte.

Completando esteticamente a obra base, o componente vertical faz a síntese de uma balestilha - instrumento náutico, de orientação no mar, utilizado nos Descobrimentos Portugueses.

Jorge Ricardo da Conceição Vieira (1922-1998)

- Nasce em Lisboa, a 16 de Novembro de 1922.

- É o pai que o matricula na Escola de Belas-Artes de Lisboa, que frequenta desde 1941, obtendo o curso de Arquitectura e depois de Escultura.

- Em 1953, ganha o Concurso Internacional de Escultura de Londres e vê a sua obra "O Prisioneiro Político Desconhecido"- exposta na Tate Gallery.

- Escultor e desenhador, foi o único escultor português presente na Feira Internacional de Bruxelas, em 1958, onde é seleccionado para integrar a exposição "50 ans d'Art Modern".

- Em 1961, obtém o 1.º Prémio de Escultura na 2.ª Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian.

- Em 1976 é 1.º Assistente na Escola de Belas-Artes do Porto.

- Em 1981 transita para a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde permanece até 1992.

- "Desenvolveu um percurso artístico marcado pelo primitivismo, abstracção e surrealismo. Embora não tenha participado em nenhum grupo e defendido um movimento em particular, o seu trabalho percorreu livremente várias poéticas, procurando o caminho da escultura moderna."
- Os temas animalistas e humanos, tal como as composições geometrizadas, estão bem patentes na sua obra.
- A Casa das Artes Jorge Vieira, em Beja, é inaugurada em 1995.
- Com uma vasta carreira, o escultor Jorge Vieira, autor desta peça, é responsável por inúmeras obras - quem não se lembra do monumental "Homem-Sol" erguido no Parque das Nações, para a Expo98 ou da escultura "Grade" sita na Praça do Município da Câmara de Lisboa.
- Morre, em Estremoz, a 23 de Dezembro de 1998.

ATALAIA

MONUMENTO A ÁLVARO TAVARES MORA

Autor: Laureano Ribatua(escultor e pintor)

Materiais: Bronze e calcário Moleanos

Inauguração: 24 de Agosto de 2001

Localização: Praça dos operários - Atalaia

Este busto, em bronze, é uma homenagem da população da Atalaia ao autarca da Câmara Municipal do Montijo - Álvaro Tavares Mora -, benemérito que, em 1947, mandou construir dois chafarizes resolvendo o problema de abastecimento de água à população.

Laureano Eduardo Pinto Guedes

- Nasce em S. Mamede de Ribatua, em Alijó, em 1938.
- É conhecido por Laureano Ribatua, nome artístico que adoptou dada a sua origem.
- Em criança já surpreendia com os seus desenhos e óleos, no entanto, fez os primeiros estudos artísticos na Escola Soares dos Reis.
- Matricula-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1958, onde foi aluno de nomes como, Barata Feyo, Júlio Resende, Lagoa Henriques, Eduardo Tavares, Gustavo Bastos, Artur Nobre de Gusmão, Flório de Vasconcelos ou Pais da Silva.
- Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, durante o curso, recebe os seguintes prémios: "Legado Ventura Terra", "Congregação das 3 Artes", "1º Prémio de Desenho – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra", "Menção Honrosa de Escultura" – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.
- Termina a licenciatura em 1963 com 19 valores.

No ano de 1969 fez o Curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi convidado a leccionar na ESBAP.

- É um dos sócios fundadores da Cooperativa Árvore, no Porto..

- Em 1966 conhece o escultor Marino Marini, em Roma e mantém contacto com os professores James Madroudís e Rosina Florio, 1970, em Nova York.

- A sua vida é dedicada, não só à escultura, mas também, à pintura, às intervenções arquitectónicas, à cerâmica artística, à estatuária religiosa, à medalhística, à tapeçaria e à encenação.

STO ISIDRO DE PEGÕES

PEREIRA CALDAS (engenheiro agrónomo) 1895 — 1958

Materiais: Bronze

Inauguração: 3 de Julho de 1968

Localização: Em frente ao edifício da Junta de Freguesia de Sto. Isidro de Pegões

Esta obra foi uma homenagem, em agradecimento a este engenheiro agrónomo que, entre 1941 e 1948, foi presidente da *Junta de Colonização Interna*, entidade responsável pelo projecto arquitectónico de fixação de colonos - o Colonato de Pegões, da autoria do Arquitecto Eugénio Correia.

Este organismo oficial, criado em 1936, dependia do Ministério da Economia e tinha como objectivo fomentar a agricultura em Portugal continental e ultramarino, colonizando “os baldios, terrenos públicos e propriedades privadas beneficiárias de infra-estruturas hidráulicas”.

José Garcês Pereira Caldas

- Engenheiro agrónomo e político ligado ao regime do Estado Novo, era conhecido por Pereira Caldas.

- Em 1921, licencia-se no Instituto Superior de Agronomia.

- Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém.

- Inicia funções políticas em 1931, quando é nomeado governador civil do Distrito de Santarém que exerce até 1935

- De 1933 a 1937, exerce funções de Delegado do Governo, junto da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal.

- Presidente da Junta de Colonização Interna, entre 1941 e 1948.

- Em 1948 foi nomeado Sub-secretário de Estado da Agricultura.
- Enquanto docente e dirigente da Junta de Colonização interna, participou em estudos na Itália, Espanha e Suíça e realizou várias conferências.

HOMENAGEM À AGRICULTURA

Autor: Artur Bual (artista plástico)

Materiais: Peças em metal soldadas

Inauguração: 8 de Janeiro de 1967

Localização: Pegões (Parque de Material Agrícola de Pegões)

"A Arte é para mim, um meio eficaz de comunicação, o acto libertador, significante, e autêntico que encerra uma verdade alheia a preconceitos ou favores de todo e qualquer "ilustre" limitador do seu diálogo. Daí a minha arte antidesestino, única via de luta consciente que prescinde os louros". (Artur Bual, 1994).

Ao passar a placa que anuncia Pegões, vire à direita nos pinheiros e, na entrada do Parque de Material Agrícola de Pegões. Encontrará esta escultura de grandes dimensões, datado dos finais dos anos 60. O seu autor foi Artur Bual, considerado o pai da arte gestual em Portugal.

A escultura presta homenagem à fonte de riqueza local - a Agricultura.

É composta por inúmeras peças soldadas umas às outras, restos de alfaías e outros utensílios agrícolas.

Este trabalho insere-se num conjunto de outras obras - quadros e pinturas murais, executados na altura em que trabalhou para a Junta de Colonização Interna, em Pegões.

A Amadora acolhe o Círculo Artístico e Cultural Artur Bual, que lhe prestara homenagem.

Na localidade das Faias não deixe de visitar a capela-mor, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, que acolhe uma pintura de 1965, da sua autoria.

Já em Pegões, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima destaca-se um tríptico de pintura abstracta, assim como, alguns elementos litúrgicos bastante originais, dentro da temática, Agricultura.

Artur Mendes de Sousa Bual (1926-1999)

- Nasce em Lisboa, em 1926.
- Foi funcionário na antiga Junta de Colonização Interna, entidade responsável pelo projecto de colonização de Pegões.
- Elaborou algumas obras, sobretudo de pintura, no colonato de Pegões.
- Em 1959 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris.
- Artista plástico português que influenciou de forma determinante a arte em Portugal na segunda metade do século XX.
- Ganhou o prémio da Bienal de São Paulo, em 1957 e o prémio Sousa Cardoso dois anos depois.
- Em 1958, iniciou o Gestualismo na pintura portuguesa.
- Morre em 1999, na Amadora.

É um artista abstracto e a sua pintura é a primeira, e a mais importante, referência do gestualismo.

PEGÕES

ROTUNDA DE PEGÕES

Materiais: Madeira, ferro, seixos e flores

Inauguração: 2004 a 2006

Localização: Pegões

Em 2004, os herdeiros de Humberto Cardoso, proprietário de várias herdades, vinhas e adegas, doam à Junta de Freguesia, uma grande pipa, então recuperada, símbolo da produção vinícola. (Este benemérito cedeu terrenos para a construção do cemitério e da escola EB 23).

No ano seguinte, a empresa Discoverdi - Plantas e Jardins, segue a mesma temática, enriquecendo a obra com uns arcos, em ferro, decorados de folhas e cachos de uva, alusivos à vinha.

Em 2006, a Vivarte, empresa de jardinagem de Pegões, completa o conjunto com um arranjo de seixos que forma a palavra Pegões.

A pipa e a ornamentação de ferro representam a actividade dominante na região - a vitivinicultura. As flores simbolizam outro negócio em ascensão na freguesia - a floricultura

Textos escritos de acordo com a antiga ortografia

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALMEIDA, Fernando-António (2004), *Montijo Roteiro do Concelho*, Montijo: Câmara Municipal.

ANÓNIMO (1992), *O Cidadino*, "Quem foi Quem? Manuel da Cruz Júnior", edição de Abril/Junho, Montijo: Junta de Freguesia do Montijo; p. 11.

ANÓNIMO (Set./Nov.2001), "Monumento Homenagem ao Bombeiro", in *Revista Municipal Montijo*: Câmara Municipal.

As Portas da Cidade (2001), Montijo: Câmara Municipal, folheto promocional.

BALDRICO, Joaquim (2002), *Aldeia Galega - Montijo: Memória Fotográfica*, (s.l.): Cygnus Color Design.

BALDRICO, Joaquim (2006), "Parque Municipal Carlos Loureiro", in *Revista Municipal Montijo*: Câmara Municipal; pp. 42 - 43.

CARVALHO, Rosário salema et al. (2009), *Património artístico-cultural do Montijo*, Lisboa: Edições Colibri.

CORREIA, Francisco (2006), *Toponímia do Concelho do Montijo*, Montijo: Câmara Municipal do Montijo

GIL, Ana Carina (s. d.), *Descobrir a Arte Pública na Cidade do Montijo* (trabalho apresentado no IPS- Escolha superior de educação).

Livro de honra da Câmara Municipal do Montijo (texto policopiado).

Livro de actas da Câmara Municipal do Montijo (1973).

MOTA, Arlindo (2009), *Formas de Abril - Monumentos Comemorativos do Distrito de Setúbal*, Setúbal: Edição Associação de Municípios da Região de Setúbal.

Monumento ao Milénio (2001), Montijo: Câmara Municipal do Montijo, folheto promocional.

PINHO, Fernanda (2010), *Descobrir a Arte Pública - Caminhos com Arte* (trabalho apresentado no IPS- Escolha superior de educação).

RIBEIRO, Ana (s. d.), *Montijo, Museu a Céu Aberto* (texto policopiado).

SYNEK, Manuela (2010), *Arte Urbana*, Lisboa: mtg – Edição e Publicidade, Lda.

Tágide (2004), Montijo: Câmara Municipal do Montijo, folheto promocional.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS (INTERNET)

ARQUITECTO NUNO TEOTÓNIO PEREIRA

http://oasrs.org/media/files/NTP_Cat%C3%A1logo_Exposi%C3%A7%C3%A3o.pdf (12.12.2011)

ARTE CAPITAL

www.artecapital.net (12.12.2011)

ARTE PÚBLICA

www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/autores/Paginas/Domingos-Soares-Branco-1925.aspx (14.12.2011)

ARTE PÚBLICA

<http://artepublica.blog.com/2008/04/18/o-homem-sol-de-jorge-vieira-1%C2%BA-parte/>
(22.01.2012)

ARTE URBANA

www.aarteurbana.com.br (19.12.2011)

BOMBEIROS DE PORTUGAL

www.bombeirosdeportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=8014:montijo-homenagem-ao-comandante-laginha&catid=41:noticias&Itemid=50 (03.01.2012)

CALCETEIRO – “A ARTE PÚBLICA”

www.calceteiro.com/default.aspx?id=6 (09.01.2012)

CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

www.cm-mafra.pt/cultura/soares_branco.asp (20.01.2012)

www.cm-mafra.pt/ExpoVirtual/result_cat.asp?titulo=Baixo+Relevo (20.01.2012)

CÂMARA MUNICIPAL DO MONTIJO

www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/municipio/actividades+economicas/Suicultura (04.01.2012)

CENTRO DE ARTE MODERNA - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

<http://www.cam.gulbenkian.pt/index.php?article=60306&visual=2&ngs=1&langId=1> (22.01.2012)

CÍRCULO ARTÍSTICO E CULTURAL ARTUR BUAL

<http://www.circuloarturbual.com/ArturBual/Biografia/tabid/73/language/pt-PT/Default.aspx?PageContentID=5> (03.01.2012)

ESCUADOR MANUEL PEREIRA DA SILVA

<http://pereira-da-silva.blogspot.com/2009/12/jorge-vieira-escultor-e-desenhador.html>
(22.01.2012)

ESTOU NA SESTA

<http://estounasesta.blogs.sapo.pt/2009/10/> (22.01.2012)

EXAME EXPRESSO

<http://aeiou.expresso.pt/salsichas-da-izidoro-e-racoes-da-progado-mudam-de-maos=f629622>
(21.01.2012)

FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

www.fba.ul.pt/portal/page?_pageid=401,1465780&_dad=portal&_schema=PORTAL

<http://www.rotasdeceramica.pt/escolas/fbelasartes.htm> (22.01.2012)

FOZIBER - PORTUGAL A FOZ DA IBÉRIA

<http://fozibercalcada1.no.sapo.pt> (22.01.2012)

GALERIA DE ARTE URBANA

<http://gau-lisboa.blogspot.com> (16.01.2012)

HERÁLDICA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA

www.fam.ulusiada.pt/reitoria/heraldica.html (30.01.2012)

IGESPAR – INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71697/>
(22.01.2012)

IRENE BUARQUE

<http://irenebuarque.com> (10.01.2012)

JORNAL DE GRIJÓ

www.jornaldegrijo.com/fp/bruno-marques-arte-nas-maos-de-um-grijoense.html (21.01.2012)

JORNAL O PÚBLICO - ESCULTOR LAGOA HENRIQUES FOI “PEDAGOGO EXTRAORDINÁRIO DAS ARTES”

www.publico.pt/Cultura/escultor-lagoa-henriques-foi-pedagogo-extraordinario-das-artes-1366262 (04.01.2012)

JORNAL O PÚBLICO - MORREU O ESCULTOR LAGOA HENRIQUES

www.publico.pt/Cultura/morreu-o-escultor-lagoa-henriques-1366239 (04.01.2012)

JUNTA DE FREGUESIA DE ALJUBARROTA

www.jf-aljubarrota.pt/Prazeres/historia/historia_curiosidades.htm (20.01.2012)

MCTI – MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO DO BRASIL

www.santosdumont.14bis.mil.br (17.01.2012)

MISTURA URBANA

<http://misturaurbana.com/2010/11/doc-a-arte-urbana> (04.01.2012)

MUSEO AERONÁUTICO DEL PERÚ

www.incaland.com/MuseoFAP/ALBERTO.htm

<http://www.incaland.com/MuseoFAP/ALBERTO.htm> (20 JAN 2012)

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA - LNEC

www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/NA/arg/ntp/p-ntp.htm (09.01.2012)

O MUSEU MARTINS CORREIA IN MUSEOLOGIA ETN

<http://pt.scribd.com/doc/13406290/O-Museu-Martins-Correia-in-MUSEOLOGIA-ETN> (18.01.2012)

O PORTAL DOS ESCULTORES

www.escultor.com.pt/joaoduarte/0415.htm (23.01.2012)

O PORTO AND "GAIA" MORE "VILA NOVA"

<http://zuluromio.blogspot.com/2010/04/calçada-portuguesa-historia.html> (09.01.2012)

OLHARES – FOTOGRAFIA ONLINE

<http://olhares.uol.com.br/homenagem-a-agricultura-artur-bual-foto3045992.html> (22.01.2012)

PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO DE ESCULTURA CERÂMICA

<http://areas.fba.ul.pt/escultura/index.php> (10.01.2012)

PROJECTO "EQUUSPOLISECOPOLIS" - GOLEGÃ - CAPITAL DO CAVALO

http://cidadescreativas_golega.blogs.sapo.pt/2522.html (08.01.2012)

REAPTE – SERRALHARIA ARTÍSTICA

www.blog.reapte.pt/2010/12/intervencao-de-conservacao-da-escultura_25.html (22.01.2012)

ROTA DE VINHOS DA PENÍNSULA DE SETÚBAL

<http://www.rotavinhospsetubal.com/index.php?section=44> (20.01.2012)

TSF - MORREU ESCULTOR LAGOA HENRIQUES

http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Vida/Interior.aspx?content_id=1151762 (04.01.2012)

UNIVERSIDADE DO PORTO

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001267 (17.01.2012)

WIKIPEDIA

<http://pt.wikipedia.org> (11.01.2012 e 22.01.2012)

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ARTE PÚBLICA, UM PERCURSO PELO CONCELHO

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal do Montijo

COORDENAÇÃO, PROJECTO E CONCEPÇÃO

Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo

Divisão de Comunicação e Relações Públicas

TEXTOS

Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo

FOTOGRAFIA E DESIGN

Eduardo Martins (Divisão de Comunicação e Relações Públicas - C.M.M.)

AGRADECIMENTOS

João Duarte (Escultor e professor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa).

José Maria (Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense - S.C.U.P.A.).

Junta de Freguesia da Atalaia.

Junta de Freguesia de Pegões.

Junta de Freguesia de Sto Isidro de Pegões.

Leonor Pêgo (Escultora e professora no AR.CO).

Luís Inácio (funcionário aposentado da Câmara Municipal do Montijo).

Maria do Carmo e Paulo Almeida Fernandes (Complexo Cultural Quinta da Raposa da Câmara Municipal de Mafra).

Rogério Dias (Arquitecto).

Rui Pimenta (Comandante dos Bombeiros Voluntários do Montijo).

Sandra Azevedo (Marketing & Commercial Assistant do Forum Montijo).

Sara Inácio (Escultora).

Sérgio Pereira (Escultor e professor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa).

Teresa Oliveira (Assessora para a Comunicação Empresarial, Lusoponte, S.A.).

Virgínia Fróis (Escultora e professora da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa).

**Anexo 2 – Proposta para Exposição permanente da Casa
Tavares Mora / Museu Municipal do Montijo**

PROPOSTA PARA A CONCEPÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO PERMANENTE
DEDICADA À HISTÓRIA DO CONCELHO
CASA TAVARES MORA



Os museus municipais devem, pelo seu contexto, assumir claramente as diferenças em relação aos museus nacionais e a outros núcleos museológicos específicos.

Deste modo, o que aqui nos propomos é traçar uma proposta para que o percurso expositivo do piso térreo da Casa Tavares Mora possa estabelecer uma relação mais estreita com a população, tendo em conta, por um lado a especificidade do concelho e, por outro, a adaptação do espaço construído a núcleo museológico.

Neste contexto e tendo em linha de conta que cabe aos museus municipais desempenhar um papel duplo: retrospectivo e prospectivo. Retrospectivo dentro da noção mais tradicional e elementar de museu – a salvaguarda e preservação dos elementos que constituem parte integrante da vida e cultura das gentes do concelho. Prospectivo, porquanto, enquanto instituição viva e dinâmica, deverá ser o pólo potenciador e dinamizador da actividade cultural do concelho.

Deverá assim, o percurso expositivo da Casa Tavares Mora ser virado para o passado com os olhos postos no futuro, funcionando como ponto de encontro de múltiplas manifestações culturais – de carácter local – o espaço museológico deverá ser ponto de reencontro dos habitantes do concelho, num encontro de gerações com a sua própria terra.

Propomos, assim, como ideia orientadora geral para o percurso expositivo do piso térreo da Casa Tavares Mora, o conceito de multidisciplinaridade, devendo assumir-se como foco aglutinador de tudo o que sobre e do Montijo a tradição foi consolidando. Tornando-se dessa forma como que o cartão de apresentação do concelho nas suas múltiplas vertentes históricas.

2. ESPAÇO MUSEOLÓGICO

A exposição permanente é o cartão de visita da Casa Tavares Mora. Deverá consolidar um trabalho profundo, rigoroso e criativo em torno de vários aspectos, acontecimentos ou personalidades marcantes da realidade cultural do concelho.

Deverá ser o momento em que o conceito orientador do percurso expositivo, expresso na introdução deste documento, mais se aplicará. A multidisciplinaridade será aqui, então, o cruzamento de múltiplas disciplinas e pontos de vista para uma apreensão, tão rica quanto possível, da realidade montijense, sempre apoiada num criterioso trabalho gráfico.

Neste sentido, o projecto museológico teve como base uma organização expositiva temática com a preocupação de transmitir os elementos da história local relevantes para a preservação da identidade local.

Propõe-se um circuito museológico que inclui 5 salas temáticas muito diversificadas, com referências que vão dos primórdios até à actualidade, permitindo desta forma, ao museu, ser a resposta ou ter a resposta às perguntas das suas gentes numa abrangência em que a exposição vá ao seu encontro.

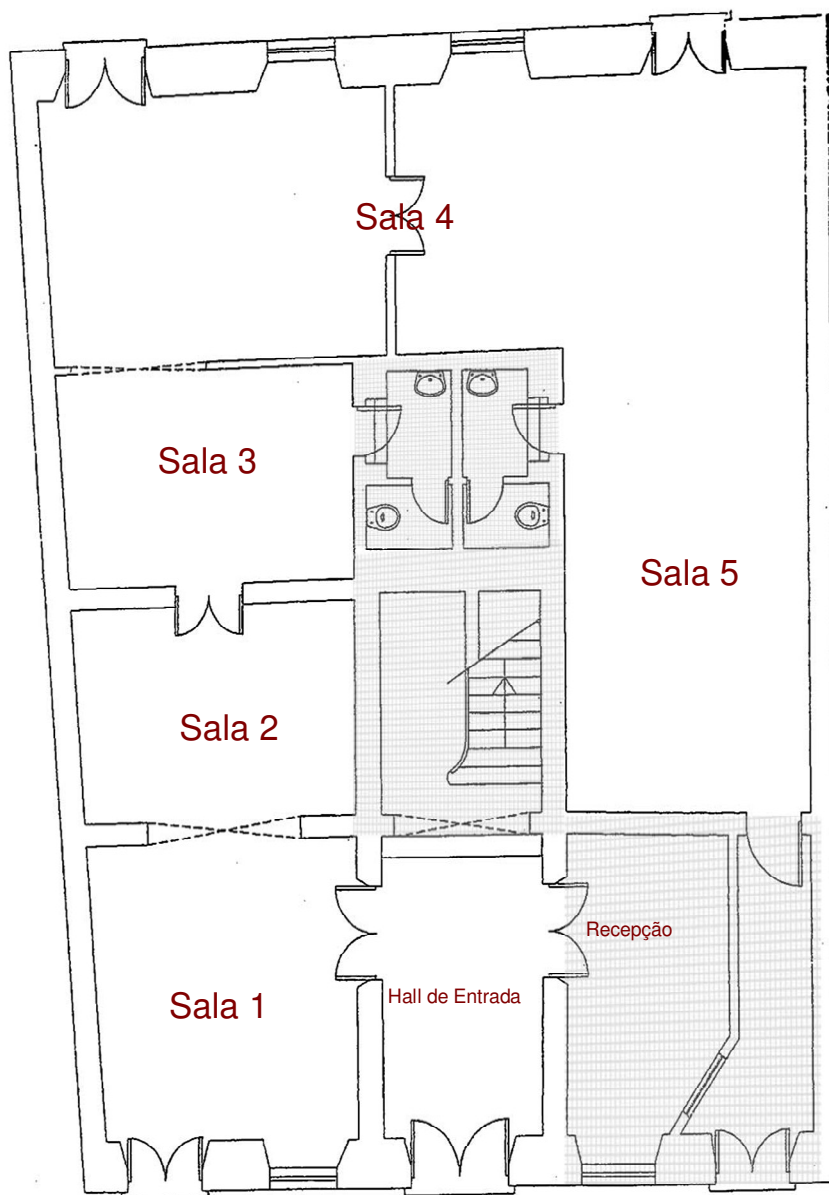
Esta distribuição teve, ainda, em linha de conta a necessidade de articular os diferentes espaços disponíveis bem como os recursos museológicos existentes.

Este percurso expositivo visa ainda, proteger o património do concelho, permitindo assim, interpretá-lo e difundi-lo tendo em vista públicos muito alargados.

Sendo assim propomos a seguinte distribuição:

Salas	Temáticas	Objectivos
1	Da Pré-História ao Medieval	Criar uma base de conhecimento reportada aos primeiros vestígios do aparecimento do homem na área do concelho até ao seu apogeu no séc. XVI.
2	Montijo e o Rio	Criar uma base de conhecimento reportada à importância que o Tejo teve na vida económica e social da localidade nas suas múltiplas vertentes: salinas, moinhos, transporte de mercadorias e passageiros.
3	Do Município à República	Criar uma base de conhecimento reportada ao aparecimento do município e ao seu desenvolvimento político e social até ao séc. XX
4	Montijo e o séc. XX	Criar uma base de conhecimento reportada à indústria da cortiça, da transformação de porcos e das estufas alertando assim para a salvaguarda e valorização do património industrial.
5	Montijo e a Arte	Criar uma base de conhecimento reportada a personalidades ligadas ao concelho de Montijo na área das artes com vista à divulgação e ao desenvolvimento cognitivo, artístico e interpretativo das artes.

PLANTA DO MUSEU MUNICIPAL



Da Pré-História ao Medieval

Das origens aos romanos

O actual concelho do Montijo abrange dois núcleos diferenciados: um oriental, correspondente ao extinto concelho de Canha, zona de charneca, com predomínio da agricultura e da floresta, mais “alentejano”; outro ocidental, zona de estuário, mais “ribatejano”, equivalente ao antigo concelho de Aldeia Galega.

Geologicamente a área do actual concelho do Montijo integra-se na mancha pliocénica situada a sul do Tejo; trata-se de terrenos relativamente recentes, entre 5 e 2 milhões de anos, formados imediatamente antes do aparecimento dos primeiros seres humanos, na sua maioria areais extensos, sem relevo acentuado, muito permeáveis e de espessura variável, assentes sobre camadas de saibro compacto ou greda.

Há evidentes vestígios da presença humana da Pré-História, desde o Paleolítico, documentado através de grande número de bifaces, lascas, raspadores e outros utensílios líticos talhados a partir de seixos rolados, até ao Neolítico, período de sedentarização do Homem que proporcionou o aparecimento da agricultura e da pastorícia, com inevitáveis e profundas transformações na organização social e económica. Neste período da Pré-História aparecem novos artefactos que recorrem à tecnologia da pedra polida, à produção de recipientes cerâmicos e outros utensílios de auxílio à prática da agricultura, da pesca e da pastorícia. A nova dimensão de povoamento leva a que se construam as primeiras estruturas arquitectónicas, mais ou menos monumentais, com conotação mágica religiosa e funerária, como é o caso da Anta identificada em Canha, um dos principais vestígios do Neolítico, até à data, na área do Concelho.

A ocupação romana tem na herdade do Escatelar, situada na actual freguesia de Canha, um importante testemunho arqueológico; nela foram encontrados diversos vestígios,

destacando-se achados de cerâmica fina, comum e de construção, ânforas e mosaicos em *opus tessellatum* e *opus vermiculatum* e uma moeda (*denarius*).

Cronologia

Pré-História

30.000 a 10.000 a.C. – Paleolítico Superior (vestígios da ocupação paleolítica)

9000 a 4000 a. C. – Epipaleolítico / Mesolítico

5000 a 2000 a. C. – Neolítico (vestígios da ocupação Neolítica)

2900 a 1600 a.C. – Calcolítico

Proto-História

2000 a.C a 500 a.C. – Idade do Bronze

Séc. IX /VIII a.C. ao Séc. V a.C. – Idade do Ferro

Romano

Séc. I a Séc. IV – Época Romana (vestígios da ocupação romana)

Sugestão de peças a expor:

Paleolítico

1. Biface em Quartzito.

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 115 mm; Larg. 70 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0001.

2. Pico Micoquense em Quartzito

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 121 mm; Larg. 66 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0002.

3. Picareta / triedro em Quartzito

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 123 mm; Larg. 39 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0544.

4. Núcleo de quartzito

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 97 mm; Larg. 69 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0505.

5. Raspadeira de sílex

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 52 mm; Larg. 34 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0008.

6. Lasca / raspadeira de sílex

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 56 mm; Larg. 40 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0532.

7. Furador de quartzito

Período Cronológico: Paleolítico Inferior.

Dimensões: Comp. 45 mm; Larg. 33 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0545.

Neolítico

8. Fragmento de fundo e parede de recipiente

Período Cronológico: Neolítico.

Dimensões: Diâmetro do fundo 183 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0031.

9. Fragmento de bordo e parede de recipiente

Período Cronológico: Neolítico.

Dimensões: Diâmetro do bordo 316 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0032.

10. Peso de Rede/ Tear de forma discoidal com dois orifícios de suspensão

Período Cronológico: Neolítico (?).

Dimensões: Diâmetro do bordo 45 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0649

11. Enxó de quartzito

Período Cronológico: Neolítico.

Dimensões:

Proveniência: Latadas (Canha).

Nº de Inventário: Empréstimo do Museu Nacional de Arqueologia

Romano

12. Fragmento de bordo e parede de taça *Terra Sigillata* Sudgálica

(forma Drag. 24/25 - Ludovici Ti)

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 150 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0033.

13. Fragmento de fundo de taça (?) com marca de oleiro em *Terra Sigillata* Itálica.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 45 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0038.

14. Fragmento de bordo e parede de taça *Terra Sigillata* Sudgálica.

(Forma Drag. 27)

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 120 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0501.

15. Fragmento de bordo e parede de Pote em Cerâmica Comum.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 138 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0048.

16. Fragmento de bordo e parede de Pote em Cerâmica Comum.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 138 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0752.

17. Fragmento de bordo e parede de *dolium* (Contentor cerâmico).

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 330 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0238.

18. Fragmento de parede de *dolium* com decoração incisa (Contentor cerâmico).

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Espessura 16 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0050.

19. Peso de Rede de forma discoidal com dois orifícios.

Período Cronológico: Romano (?).

Dimensões: Espessura 75 mm.

Proveniência: Base Aérea n.º 6 de Montijo.

Nº de Inventário: MMM.0645.

20. Fragmento de bordo de ânfora *Almagro 51 C*.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 110 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0039.

21. Suporte de ânfora.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro 120 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0042.

22. Fundo de ânfora.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Diâmetro do fundo 68 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0043.

23. Tijolo de quadrante (elemento de coluna).

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Larg. Max. 290 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0052.

24. Later (laje) para pavimento em tijolo com decoração.

Período Cronológico: Romano.

Dimensões: Larg. Max. 292 mm.

Proveniência: Herdade do Escatelar (Canha).

Nº de Inventário: MMM.0053.

Do povoamento medieval aos finais da época moderna

O início do povoamento sistemático da zona do estuário terá ocorrido a partir do século XII, nomeadamente após a queda de Alcácer do Sal, em 1217, importante cidade portuária árabe. Todas estas as terras, hoje dentro da área do concelho, foram entregues à Ordem Militar de Santiago que procurou fomentar o seu povoamento. Samouco, Lançada, Sabonha, Montijo, Sarilhos, Aldeia Galega, Alcochete, são os primeiros topónimos de que há notícia, já no século XIII.

Até ao século XVI, na organização religiosa, a paróquia de Nossa Senhora de Sabonha constituía sede de freguesia, situada no actual sítio de S. Francisco, concelho de Alcochete, integrando os lugares de Alcochete, Samouco, Póvoa do Montijo, Aldeia Galega e Sarilhos. Em termos administrativos, todo este território correspondia ao concelho do Ribatejo.

Neste período formam-se também importantes propriedades agrícolas e morgadios, pertencentes a famílias da nobreza, de que actualmente as casas da Quinta da Lançada, da Quinta do Pátio de Água e da Quinta do Saldanha constituem exemplares preservados.

Cronologia

1370 – 1ª Referência documentada ao Cais de Aldeia Galega.

1514 – Atribuição de Foral, por D. Manuel I, a Aldeia Galega.

1532 – Aldeia Galega conta 106 fogos

1533 – O Correio-mor Luís Afonso instala em Aldeia Galega a sede da principal Posta do Sul, tornando-a ponto de passagem obrigatório do tráfego de pessoas e mercadorias, no sentido Lisboa-Sul ou Lisboa-Espanha e no sentido inverso.

1591/1592 – Tomás Luís pinta o retábulo-mor da Igreja da Misericórdia do Montijo

1595 – Aldeia Galega conta 468 fogos.

1640 - O Duque de Bragança, aclamado Rei D. João IV, viaja para Lisboa, vindo de Vila Viçosa.

1646 – Celebração de contrato, por um ano, entre o moleiro Pedro Alves e Francisco de Novais Casado, proprietário do Moinho do Cais.

Sugestão de peças a expor:

Azulejos do século XVI

Cabeceiras de sepulturas e brasões

Fotografia ampliada do arco manuelino da capela de S. Sebastião

Fotografia ampliada do Cristo do Saldanha

Fotografia ampliada da abóbada da capela-mor da Matriz

Fotografia ampliada do cálice de campainhas ou do cofre

2.ª Sala

Montijo e o Rio

O rio cedo proporcionou a exploração da actividade piscatória, do sal, e a construção de unidades de moagem de cereal, sendo o Moinho da Lançada o mais antigo. O Tejo tornou-se também uma importante via de circulação, quer para o transporte de passageiros, quer de mercadorias, produzidas localmente e escoadas, ou recebidas. Só a dimensão deste tráfego fluvial pode justificar que o 1º Foral atribuído por D. Manuel I, em 1514, seja regulada a passagem entre as duas margens, estipulando que a “Barca” tenha um horário e um preço fixo para passageiros e mercadorias.

A favorável localização de Aldeia Galega permitiu que se tornasse, em 1533, sede da principal Posta do Sul, o serviço que assegurava o transporte de correspondência, por mensageiro ou a cavalo. É esta posição geográfica que justifica a passagem por terras aldeanas de figuras régias e outras igualmente consagradas pela História: Cosme de

Medicis, o Duque de Bragança, a caminho da aclamação, D. João V, D. José I, William Beckford, Henrich Frierich Link.

A Posta já existente, deu origem – em Oitocentos – à Mala Posta que, mantendo Aldeia Galega como ponto de partida e de chegada do Alentejo, transportava correio e passageiros em carruagens apropriadas, alcançando a fronteira do Caia em 26 horas. Por cá continuaram a passar figuras da nossa História, nacional e internacional.

A pesca permaneceu – até meados do século XX - uma actividade económica marcante, constituindo, os bairros de pescadores, conjuntos de arquitectura vernácula indissociáveis da imagem e identidade urbanas.

À actividade agrícola que sempre se desenvolveu na área do concelho, pontuando a produção de cereais, vinha e oliveira, cedo estiveram associadas unidades de transformação: moinhos de maré e de vento, lagares de vinho e azeite.

O Cais, com várias campanhas de obras de modo a responder às necessidades, foi palco de um intenso tráfego de pessoas e mercadorias. Em meados do século XIX apresenta um movimento de 50 mil passageiros por ano e cerca de 10.000 carros de mercadorias. No final de Oitocentos, cerca de 50 barcos de carga asseguram o transporte de bens agrícolas, sal, gado, produtos transformados da chacinaria, telha e tijolo.

Cronologia

1370 – 1.^a referência documentada ao cais da Aldeia Galega;

1533 – A criação da principal Posta do Sul em Aldeia Galega;

1646 – Referências ao arrendamento do moinho de maré do cais;

1669 – 1.^a representação iconográfica conhecida de Aldeia Galega, desenhada por Pier Maria Baldi, arquitecto da comitiva de Cosme de Medicis;

1712 – Referências à existência de seis moinhos de maré;

1729 – D. João V passa por Aldeia Galega, em direcção à fronteira do Caia, para celebrar a cerimónia da “troca das princesas”: a mão da Infanta D. Maria Bárbara de Bragança foi dada ao futuro Fernando VI de Espanha; a mão da Infanta D. Mariana Vitória de Bourbon foi dada ao futuro D. José I;

1823 – A criação da Mala Posta do Alentejo.

Sugestão de peças a expor:

Peças referentes à salinicultura;

Mapas da Estrada Real;

Mapa do estuário do Tejo;

Réplica de uma fragata;

Maquetas do Moinho de Maré.

3.^a Sala

Do Município à República

Politicamente, Aldeia Galega foi, desde logo, dos primeiros concelhos a aderir ao ideário republicano, tendo sido um dos 12 municípios que nas eleições municipais de 1908 elegeu um executivo republicano. Em 6 de Julho de 1930, pelo Decreto nº 18434, a vila e o concelho de Aldeia Galega do Ribatejo passaram a denominar-se Montijo. À época era constituído por três freguesias: Montijo, Sarilhos Grandes e Canha.

O desenvolvimento do concelho e da vila do Montijo tiveram grande expressão nas décadas de 50 e 60; encetaram-se grandes obras públicas e equipamentos: a cadeia comarcã, o palácio da justiça, o mercado municipal, a praça de touros, o cinema-teatro Joaquim de Almeida, entre outros.

Em 1957 foi criada a freguesia de Santo Isidro de Pegões. A 14 de Agosto de 1985, com a Lei nº 32, a vila do Montijo foi elevada à categoria de cidade. Nesse mesmo ano foram criadas as freguesias da Atalaia, Pegões e Alto Estanqueiro-Jardia. E em 1989 nasceu a freguesia mais jovem, Afonsoeiro.

Cronologia

1835 – Sede de Julgado, compreendendo o Julgado de Aldeia Galega os concelhos de Alcochete, Aldeia Galega, Alhos Vedros, Barreiro, Canha, Coina, Lavradio e Moita;

1840 – sede de Comarca;

1852 – por ordem do Governo é construída uma ponte-cais em madeira, mas tarde em cantaria;

1879 – inaugurado o edifício destinado ao tribunal, cadeia e repartições públicas, actuais Paços do Concelho;

1908 – eleição do 1º executivo municipal republicano;

1930 – Aldeia Galega do Ribatejo passa a designar-se Montijo;

1939 – início da instalação da Base Aérea do Montijo;

1954 – a Base Aérea passa a denominar-se BA6;

1956 – o arquitecto paisagista Francisco Caldeira Cabral desenha um novo projecto para o Parque Municipal Carlos, só aprovado três anos mais tarde;

1957 – neste ano é inaugurado o Mercado Municipal, o Cinema-Teatro Joaquim de Almeida e a Praça de Touros;

1959 – é inaugurado o Palácio da Justiça;

1985 – a vila do Montijo é elevada a cidade.

Sugestão de peças a expor:

Tinteiro da Câmara;

Documento de Manuel F Giraldes;

Fotografia de Manuel F. Giraldes;

Estandarte;

Livro de visitantes ilustres;

Fotos diversas;

Estatueta da República;

Prato da República.

4.^a Sala

Montijo e o Séc. XX

Às actividades pré-industriais necessárias à produção do pão, do azeite, do vinho e do sal, desenvolvidas na área do concelho há vários séculos, vieram juntar-se, no último quartel de Oitocentos, a cerâmica, a chacinaria e transformação de carne de porco, e já no século XX as fábricas corticeiras.

A proximidade com o Alentejo conduziu ao investimento em novos sectores da economia, nomeadamente na engorda, abate e transformação da carne de suínos, gerando um intenso fluxo comercial destinado, principalmente ao mercado da capital, mas também ao Brasil e a África.

Um inquérito nacional realizado em 1890, dirigido às indústrias existentes, regista, em Aldeia Galega: 1 cutelaria, 6 funileiros, 6 serralharias, 4 tanoarias, 2 albardas, 8 alfaiatarias, 4 fornos de cal, 32 oficinas de produção de calçado, 4 cerâmicas, 2 conserveiras e 1 cordoaria, sendo a *Cerâmica Violanda* a única unidade fabril a utilizar “máquina a vapor fixa” para a produção de faianças para uso doméstico e cerâmica de barro vermelho para a construção civil: telhas e tijolos.

Em 1910 instala-se a fábrica *Izidoro* e uma década depois a *Tobom*, duas grandes e pujantes unidades de transformação de carne de porco; outras unidades de menor dimensão se seguirão, igualmente importantes na consolidação do tecido social e do desenvolvimento económico local.

Em 1914 estabelece-se a *Pablo*, aquela que virá a ser a maior unidade corticeira da vila de Aldeia Galega do Ribatejo, resultando do investimento de dois industriais algarvios. Começando pela preparação da prancha, logo inicia a produção de rolhas. Em 1945, com 1200 trabalhadores, abre-se ao mercado internacional.

Nos anos 50 do século XX, o Montijo chega a registar 156 empresas, sendo 98 de preparação de cortiça (três delas de aglomerados: *Mundet*, *Infal* e *Sopac*), 32 da indústria porcina, 4 de cerâmica e 22 diversas. O intenso tráfego do Cais das Faluas e do ramal de caminho-de-ferro constituem as vias de saída de toda a produção local e de entrada dos bens inexistentes no concelho.

A partir dos anos 70 de Novecentos, uma nova conjuntura económica, política e social conduziu progressivamente ao desaparecimento do fulgor industrial que durante décadas promoveu o desenvolvimento do concelho, dando lugar à terciarização; as empresas com sede no concelho do Montijo, em 1999, totalizavam 1015, repartidas por sectores de comércio por grosso e retalho, indústrias transformadoras, actividades imobiliárias, construção, actividades financeiras, entre outras.

Cronologia

1848 – Criação da freguesia de Sarilhos Grandes a 18 de Abril;

1908 – Inauguração do ramal de caminho-de-ferro que ligava Aldeia Galega ao Pinhal Novo;

1910 – É criada a fábrica *Izidoro*

1920 – É criada a fábrica *Tobom*

(Expor algumas das máquinas existentes e outros objectos mais pequenos em vitrina)

1957 – Criação da freguesia de St.º Isidro de Pegões a partir da construção do colonato;

1985 – Criação das freguesias de Alto Estanqueiro/Jardia e a de Pegões;

1989 – Criação da freguesia do Afonsoeiro;

Sugestão de peças a expor:

Maquinaria relacionada com as fábricas de chacinaria e cortiça;

Embalagens;

Balança para pesagem de cortiça;

Ferramentas de trabalho utilizadas na cortiça e na chacinaria;

Fotografias.

5.ª Sala

Montijo e a Arte

Ao longo dos tempos a arte tem vindo a ser, uma forma, de o homem expressar as suas emoções, a sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. A arte pode ser representada através de várias formas, na música, na escultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras.

Após o seu surgimento, há milhares de anos, a arte foi evoluindo e ocupando um importantíssimo espaço na sociedade. Algumas representações da arte são indispensáveis, transformando-se num modo de expressar o que sentimos.

No Montijo este conceito não é exceção daí que se pretenda com esta sala dar a conhecer obras e referências de alguns artistas de craveira nacional (ex.: Artur Bual, Marcelino Vespeira e no caso da música Jorge Peixinho) que têm raízes ou estiveram ligados ao concelho de Montijo.

Cronologia

1925 – Marcelino Vespeira

1926 – Artur Bual

1940 – Jorge Peixinho

Sugestão de peças a expor:

Serigrafias do Marcelino Vespeira;

Quadro do Artur Bual;

Espólio do Jorge Peixinho.

Elaborado:

Fernanda Pinho

Joaquim Baldrico

Susana Batista

Lara Costa

Ana Reis

José Martins

Bibliografia

- *ALDEIA GALLEGA A MONTIJO: UMA HISTÓRIA COM FUTURO* [Catálogo]. Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2007.
- ALMEIDA, Fernando-António – *Montijo, Roteiro do Concelho: História, Património, Percursos*. Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2004.
- BALDRICO, Joaquim – *Montijo – Aldeia Galega: Memória Fotográfica*. Montijo: Cygnus-color Design, lda., 2002.
- *MONTIJO, UMA HISTÓRIA COM IDENTIDADE* [Catálogo]. Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2008.
- TINOCO, Alfredo; SOUSA, Élia Maria de Abreu de – *Património Industrial e Pré-Industrial de Montijo: da obra à memória*. Montijo: Câmara Municipal de Montijo/Edições Colibri, 2009
- TORRES, Alcídio; AZEVEDO, Rosa Bela; LEAL, Armando – *Montijo/Aldeia Galega: Cem Anos de História Municipal*. Lisboa: Âncora Editora, 2003
- DE SOUSA, Francisco Correia e DE ABREU, Élia Maria - *Património Náutico-Piscatório de Montijo: História e Oralidade*. Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, 2010.
- PEREIRA, Nuno Teotónio; COELHO, Hélder Paiva; LOPES, Isabel Costa e BUARQUE, Irene BUARQUE – *Santo Isidro de Pegões. Contrastes de um Património a Preservar* 1.^a ed. – Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, 2009.
- CARVALHO, Rosário Salema de, FERNANDES, Paulo Almeida, OLIVEIRA, Catarina, FERNANDES, Clara Varela – *Património Artístico-Cultural do Montijo – I*. 1.^a ed. – Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, 2009
- TINOCO, Alfredo e DE SOUSA, Élia Maria de Abreu – *Património Industrial e Pré-Industrial de Montijo. Da Obra à Memória* - Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, D.L. 2009

- Coord. Científica DA CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago; PIRES , Isabel, DE CARVALHO Rosário Salema – *O Património Azulejar do Concelho de Montijo* 1.^a ed. – Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, 2008
- PEREIRA, Nuno Teotónio; COELHO, Hélder Paiva; LOPES, Isabel Costa e BUARQUE, Irene BUARQUE – *Montijo: Um Património a Preservar. Arquitetura Doméstica de Expressão Proto moderna* – Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, D. L. 2007
- MARTINS, Adolfo Silveira; MIRANDA, Jorge Augusto; DE ABREU, Rogério, ALBINO, Teresa Pacheco – *Moinho de Maré do Cais das Faluas. O Renascer de uma Memória* - Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal
- SERRÃO, Vítor; CORDEIRO, Filipa Cardoso – *Paleontologia e Arqueologia do Estuário do Tejo. Actas do I Seminário* - Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal.
- Dir. Científica: RAPOSO, Luís; Silvério, FIGUEIREDO, Fernanda SOUSA, NOBRE, Luís, COSTA, Jacinta – *Carta Arqueológica do Concelho de Montijo: do Paleolítico ao Romano* Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal.
- SERRÃO, Vítor, CORDEIRO; Filipa Cardoso – *Tomás Luís e o Retábulo da Igreja da Misericórdia do Montijo* - Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal.
- PACHECO, Ana Assis; CALADO; Rafael Salinas – *Quinta do Pátio d' Água. "Entre um Laranjal da China e o Cais das Faluas"* 1.^a ed – Lisboa: Colibri; Montijo: Câmara Municipal, 2005.

Anexo 3 – Histórias lidas nas actividades – Poemas à volta dos moinhos e Moinho Misterioso.

Frei João Sem-Cuidados

O rei ouvia sempre falar em Frei João-Sem-Cuidados como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo. E isso provocava-lhe uma certa inveja:

- Deixa estar, que eu hei-de meter-te em trabalhos - pensou o Rei para consigo.

Mandou-o chamar à sua presença e disse-lhe:

- Vou perguntar-te três adivinhas e se dentro de três dias não me souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

Quanto pesa a lua, quanta água tem o mar e em que é que eu penso.

Frei João-Sem-Cuidados saiu do palácio bastante atrapalhado, pensando nas respostas a dar a cada uma daquelas perguntas.

O velho moleiro encontrou-o no caminho e estranhando ver o frade tão preocupado, dirigiu-se a ele:

- Então Frei-João-Sem-Cuidados, porque é que vai tão triste?

- É que o rei disse-me que me mandava matar se, dentro de três dias, não lhe responder quanto pesa a lua, quanta água tem o mar e em que é que ele pensa.

O moleiro desatou a rir e disse-lhe que não se preocupasse, que lhe emprestasse o seu hábito de frade, porque iria ele disfarçado dar as respostas ao rei.

Passados três dias, o moleiro, vestido de frade, foi ao Palácio e logo o rei lhe perguntou:

- Então quanto pesa a lua?

- Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, pois todos dizem que ela tem quatro quartos.

- E quanta água tem o mar?

- Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quer saber a água do mar, é preciso primeiro mandar tapar os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido, mas, zangado de ver Frei João-Sem-Cuidados a escapar-se às dificuldades, afirmou:

- Agora, se não souberes em que é que eu penso, mando-te matar!

O moleiro então respondeu calmamente:

- Ora, Vossa Majestade pensa que está a falar com Frei João-Sem-Cuidados mas afinal está é a conversar com o seu moleiro.

O velho moleiro deixou então cair o capucho de frade e o rei ficou pasmado com a esperteza dele e a do João-Sem-Cuidados, que tão bem soube fazer-se substituir.

Moinho de Vento

Meu moinho moi o trigo loiro
que alimenta o povo d'el Rei.
Se há fome por estas bandas, não sei!
Quem trabalha deveria ser pago a preço d'ouro

Sete dias na semana, ou serão oito?
A labutar pela vida como um mouro,
inda se ao menos encontrasse algum tesouro...
poderia ser se eu fosse mais afoito!

Meu Senhor só gosta da minha farinha!
e eu lá a vou moendo pr'ó agradar,
só eu lhe satisfaço o paladar!

Sou moleiro, trabalho desde menino
meu destino tem sido, apenas, moer...
e só o vento me devolve a alegria de viver!

Actividade Moinho Misterioso:

Há muitos anos, viveu e trabalhou neste moinho um senhor chamado Gaspar. Era conhecido como “Ti Gaspar o moleiro”. O Ti Gaspar era um homem muito sozinho e triste. Tudo o que tinha era este moinho, não tinha amigos. De dia fazia farinha e à noite ficava sozinho sem ninguém para conversar.

Certo dia, um passarinho entrou no moinho e viu o Ti Gaspar muito triste e sozinho. Com pena dele, o passarinho resolveu ir falar com o seu amigo, o burro Zacarias e contar-lhe a história do moleiro. Zacarias teve muita pena do solitário Ti Gaspar e

chamou os seus amigos – o gato Tomé o cão Faísca – podia ser que todos juntos tivessem uma ideia para ajudá-lo.

Depois de muito falarem, decidiram juntar o Ti Gaspar com a dona deles, a Alda, que era uma rapariga muito bonita e solteira. Mas como? Como é que eles iam fazer isso? Pensaram e pensaram, até que o gato Tomé teve uma ideia.

A Alda ia todos os dias ao mercado com o Zacarias comprar comida para a estalagem. O que o burro tinha de fazer era fingir que se enganava no caminho e iria ter ao moinho de vento, assim os dois poderiam conhecer-se.

Todos gostaram da ideia, e assim foi feito. Na manhã seguinte o burro Zacarias levou a Alda até ao moinho de vento e ela conheceu o Ti Gaspar. Começaram logo a conversar e gostaram muito um do outro. A Alda começou a ir ao moinho muitas vezes e o Ti Gaspar estava agora muito feliz já não se sentia sozinho. Sendo assim, resolveu pedi-la em casamento. Ela ficou muito feliz e aceitou casar com ele.

Depois de casarem, a Alda veio morar para o moinho de vento com o TI Gaspar e trouxe também os seus grandes amigos – o burro Zacarias, o gato Tomé e o cão Faísca – pois, se não tivessem sido eles, ela nunca teria conhecido o seu marido.

Viveram todos muito felizes no moinho. Mais tarde nasceu um menino a que puseram o nome de Gaspar, como o pai. O menino aprendeu o ofício do pai e tornou-se moleiro do mesmo moinho.

O passarinho teve sempre com eles. Nunca se esqueceu desta família.

Anexo 4 – Registo Diário

REGISTO DIÁRIO⁸

Semana 01	02 a 04 de Novembro de 2011 (Quarta a Sexta)
-----------	--

<u>Data: 02 de Novembro (quarta-feira)</u>
Actividade: 09h00 – Fui recebida pela minha orientadora de estágio - Dra. Perpétua de Jesus Abelhinha Visita às instalações – local de permanência e conheci a equipa técnica da Divisão Cultura Bibliotecas e Turismo Reunião com a orientadora de estágio
<u>Data: 03 de Novembro (quinta-feira)</u>
Actividade: Elaboração de uma pesquisa relativa aos Monumentos comemorativos do Distrito de Setúbal Elaboração de uma proposta para a apresentação da arte Urbana para o <i>website</i> da CMM.
<u>Data: 04 Novembro (sexta-feira)</u>
Actividade: Recolha de informação e imagens dos artistas e obras relativas à arte urbana no Montijo

⁸ Tendo em conta as horas mínimas requeridas pelo regulamento do Mestrado, contracenado com o meu horário laboral, foi de comum acordo entre mim e a entidade de acolhimento que eu fizesse entre dois ou três dias de estágio dependendo das actividades agendadas e da minha disponibilidade. Logo houve semanas em que eu trabalhei mais que os dias requeridos e outras em que trabalhei menos de modo a compensar. Em dias de folga laborais, fiz diversas vezes as 8 horas diárias.

Semana 02	07 de Novembro a 11 de Novembro (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 07 de Novembro (segunda-feira)</u>
<p>Actividade:</p> <p>Colaboração na montagem da Exposição <i>Círculo de Autores</i> sobre Cesário Verde na Biblioteca Municipal do Montijo. Montagem de placares e disposição de Livros do autor</p>
<u>Data: 08 de Novembro (terça-feira)</u>
<p>Actividade:</p> <p>Trémio da montagem da exposição de Cesário Verde</p> <p>Exposição “O azulejo no Montijo” – Roteiro Religioso com a participação da Escola Secundaria Jorge Peixinho.</p>
<u>Data: 09 de Novembro (quarta-feira)</u>
<p>Actividade:</p> <p>Inauguração da exposição de Cesário Verde.</p> <p>Iniciou-se por um momento de Leitura de poemas de Cesário Verde seguido pela visita à exposição</p> <p>Conferencia orientada pela professora Dra. Serafina Martins da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.</p>

Semana 03	14 a 18 de Novembro (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 14 de Novembro (segunda-feira)</u>
<p>Actividade: (manhã)</p> <p>Ida à galeria Municipal para planeamento da montagem da exposição de Marcelino Verpeira.</p> <p>Actividade: (tarde)</p> <p><i>À Descoberta do Património do Concelho</i> Circuito entre as Freguesias de Montijo, Sarilhos Grandes e Atalaia, com a participação da EB1 Ary dos Santos. Alunos da Professora Ângela Carvalho.</p>

<u>Data: 15 de Novembro (terça-feira)</u>
Actividade: Pesquisas realizadas no âmbito dos autores de língua portuguesa para próxima exposição Círculo de autores
<u>Data: 17 de Novembro (quinta-feira)</u>
Actividade: (manhã) Reunião com o professor orientador da Faculdade, Professor Pedro Barbosa relativo ao estágio. Actividade: (tarde) Cooperação na elaboração e organização das imagens e textos relativos à arte Urbana.

Semana 04	21 a 25 de Novembro (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 22 de Novembro (terça-feira)</u>
Actividade: <i>À Descoberta do Património do Concelho</i> Circuito entre as Freguesias de Sarilhos Grandes e Atalaia, com a participação da EB1 Ary dos Santos. Alunos da Professora Alexandra Fernandes.
<u>Data: 23 de Novembro (quarta-feira)</u>
Actividade: Reunião com a orientadora com o objectivo de lhe apresentar propostas de trabalho em complemento aos trabalhos concernente ao estágio.
<u>Data: 25 de Novembro (sexta-feira)</u>
Actividade: Continuação das pesquisas na documentação em suporte digital do Sector da Educação útil para a minha prestação no sector bem como para a elaboração do meu relatório

Semana 05	28 de Novembro a 2 de Dezembro (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 29 de Novembro (terça-feira)</u>
Actividade: Actividade “ Poemas à volta dos Moinhos” no pólo da Biblioteca de Pegões. Com a participação do Centro de Dias das Faias e Projeto Saudável.
<u>Data: 1 de Dezembro (quinta-feira)</u>
Actividade: Elaboração de um power point referente ao moinho da maré, para apoio às actividades realizadas no moinho e tem como função auxiliar as crianças do ensino básico a compreender o seu funcionamento através das imagens projetadas
<u>Data: 2 de Dezembro (Sexta-feira)</u>
Actividade: Visita às instalações da Câmara Municipal do Montijo de forma a entender melhor as suas funções e ligações à divisão de acolhimento.

Semana 06	05 a 9 de Dezembro (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 05 de Dezembro (segunda-feira)</u>
Actividade: Elaboração de um PowerPoint referente ao moinho da maré, para apoio às actividades realizadas no moinho e tem como função auxiliar as crianças do ensino básico a compreender o seu funcionamento através das imagens projetadas
<u>Data: 07 de Dezembro (quarta-feira)</u>
Actividade: Reunião com os colegas de divisão e com a Chefe de Divisão referente à exposição de Longa Duração sobre a história da cidade a ser patente no Museu Municipal do Montijo
<u>Data: 08 de Dezembro (quinta-feira)</u>

Actividade:

Deslocação ao Arquivo Municipal do Montijo com o objetivo de consultar os Livros do arruamento e das Décimas com o intuito de encontrar informações relativas aos moinhos e às quintas existentes no conselho.

Semana 07**12 a 16 de Dezembro (Segunda a Sexta)**Data: 12 de Dezembro (segunda-feira)**Actividade:**

Reunião com os colegas de divisão referente à exposição de Longa Duração sobre a história da cidade a ser patente no Museu Municipal do Montijo

Data: 13 de Dezembro (terça-feira)**Actividade:**

Cooperação na elaboração de textos referentes à Arte urbana

Data: 16 de Dezembro (sexta-feira)**Actividade:**

Actividade “ Poemas à volta dos Moinhos” no pólo da Biblioteca de Pegões. Com a participação do Lar de S. Sebastião e Casa do Povo.

Semana 08**19 a 23 de Dezembro (Segunda a Sexta)**Data: 19 de Dezembro (segunda-feira)**Actividade:**

Cooperação na elaboração de textos referentes à Arte urbana

Data: 20 de Dezembro (terça-feira)

Actividade: Deslocação ao Arquivo Municipal do Montijo
<u>Data: 23 de Dezembro (sexta-feira)</u>
Actividade: Deslocação ao Arquivo Municipal do Montijo

Semana 09	26 a 30 de Dezembro (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 27 de Dezembro (terça-feira)</u>
Actividade: Cooperação na elaboração de textos referentes à Arte urbana
<u>Data: 28 de Dezembro (quarta-feira)</u>
Actividade: Ida ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro para levantamento de elementos para exposição no Museu Municipal do Montijo, sobre Luís Calado Nunes compreendida num ciclo intitulado “ <i>Figuras da nossa terra</i> ”
<u>Data: 30 de Dezembro (sexta-feira)</u>
Actividade: Pesquisa de informação para os textos referentes à exposição de Luís Calado Nunes

Semana 10	2 a 6 de Janeiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 02 de Janeiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Cooperação na elaboração de textos referentes à exposição de Luís Calado Nunes
<u>Data: 03 de Janeiro (terça-feira)</u>
Actividade: Preparação das pastas e questionários referente à iniciativa “ <i>À descoberta do Património do Concelho</i> ”
<u>Data: 04 Janeiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Cooperação na elaboração de textos para a exposição de Luís Calado Nunes

Semana 11	9 a 13 de Janeiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 09 de Janeiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Preparação das pastas e questionários referente à iniciativa <i>À descoberta do Património do Concelho</i>
<u>Data: 11 de Janeiro (quarta-feira)</u>
Actividade: <i>À Descoberta do Património do Concelho</i> Circuito entre as Freguesias de Montijo, Sarilhos Grandes e Atalaia, com a participação da EB1 do Bairro da Caneira. Alunos da professora Maria Hermínia.
<u>Data: 13 de Janeiro (sexta-feira)</u>
Actividade: Entrega da proposta para a concepção de uma exposição permanente dedicada à história do concelho casa Tavares Mora

Semana 12	16 a 20 de Janeiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 16 de Janeiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Aprovação da proposta pelo chefe de departamento
<u>Data: 18 Janeiro (quarta-feira)</u>
Actividade: À descoberta do Património do Concelho” Circuito entre as Freguesias de Montijo, Sarilhos Grandes e Atalaia, com a participação da EB1 do Bairro da Caneira. Alunos da professora Joaquina Quintal.

Semana 13	23 a 27 de Janeiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 24 de Janeiro (terça-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>As tradições da Quinta Nova da Atalaia</i> com a participação dos alunos da EB2 do Bairro da Caixa.
<u>Data: 25 de Janeiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Delineação prévia da montagem da exposição <i>Figuras da Nossa Terra</i> referente a Luís Calado Nunes
<u>Data: 27 de Janeiro (sexta-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>Conversa à volta dos Livros. Leitura Sénior</i> Montagem da exposição <i>Figuras da Nossa Terra</i> referente a Luís Calado Nunes.

Semana 14	De 30 Janeiro a 03 de Fevereiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 30 de Janeiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Continuação da montagem da Exposição <i>Figuras da Nossa Terra</i>
<u>Data: 01 de Fevereiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Continuação da montagem da Exposição <i>Figuras da Nossa Terra</i>
<u>Data: 02 de Fevereiro (quinta-feira)</u>
Actividade: Inauguração da Exposição referente a Luís Calado Nunes

Semana 15	De 06 a 10 de Fevereiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 06 de Fevereiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Deslocação aos locais onde esta exposta a Arte urbana para o seu estudo físico
<u>Data: 08 de Fevereiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Deslocação aos locais onde esta exposta a Arte urbana para o seu estudo físico
<u>Data: 10 de Fevereiro (sexta-feira)</u>
Actividade: Deslocação ao Arquivo Municipal

Semana 16	De 13 a 17 de Fevereiro de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 20 de Fevereiro (segunda-feira)</u>
Actividade: Preparação do PowerPoint referente ao moinho da maré.
<u>Data: 22 de Fevereiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Vento, com a participação do Colégio Terríveis Aventuras
<u>Data: 24 de Fevereiro (sexta-feira)</u>
Actividade: Leitura Sénior. Leitura da historia <i>Verdade verdadinha</i> e de alguns poemas.
<u>Data: 25 de Fevereiro (sábado)</u>
Actividade: Inauguração da exposição <i>Arte pública: um percurso pelo concelho</i> na Frente Ribeirinha do Montijo

Semana 18	De 27 de Fevereiro a 02 de Março de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 29 de Fevereiro (quarta-feira)</u>
Actividade: Actividade “Moinho Misterioso”. Visita ao Moinho de Vento com a participação do Jardim de Infância <i>Associação Caminho do Bem-fazer</i> . Alunos da educadora Ana Rodrigues. Actividade “Moinho Misterioso”. Visita ao Moinho de Vento com a participação do colégio Terríveis Aventuras com os alunos da professora Vânia Guarda.
<u>Data: 01 de Março (quinta-feira)</u>

Actividade:

Actividade na Biblioteca Municipal com a equipa da Protecção Civil Municipal e a Escola Básica nº3.

Semana 19**De 05 a 09 de Março de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 08 de Março (quinta-feira)**Actividade:**

Ida á Biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Data: 09 de Março (sexta-feira)**Actividade:**

Leitura Sénior com a participação da Santa Casa da Misericórdia do Montijo

Semana 20**De 12 a 16 de Março de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 13 de Março (terça-feira)**Actividade:**

Actividade *Vamos falar de memórias...* a Páscoa com a participação do gabinete Sénior da Técnica Carla Borbinha e Catarina Tobias.

Data: 15 de Março (quinta-feira)**Actividade:**

Actividade “Jogo do Moinho de Maré” com a participação da EB1 nº 3 do Montijo. Alunos da Professora Fátima Correia.

Semana 21	De 19 a 23 de Março de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 20 de Março (terça-feira)</u>
Actividade: Actividade “Conhecer para Preservar” com a participação da EB2 D. Pedro Varela do Montijo. Alunos da professor Isa Santos.
<u>Data: 21 de Março (quarta-feira)</u>
Actividade: Actividade “Moinho Encantado” com a participação do Colégio Terríveis Aventuras. Alunos da educadora Vânia Guarda. Actividade “Exploradores do Moinho do Cais” com a participação da EB1 nº3. Alunos da professora Elvira Martins.

Semana 22	De 26 a 30 de Março de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 26 de Março (segunda-feira)</u>
Actividade: Actividade visita ao Moinho da Maré com a participação do Componente de Apoio à Família – AFPDM. Alunos da professora Romina Gundersen.
<u>Data: 29 de Março (quinta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho da Maré e de Vento com a participação do colégio Mimos da Manhã. Alunos da professora Lígia Condeço.

Semana 23	De 02 a 06 de Abril de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 02 de Abril (segunda-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas
<u>Data: 04 de Abril (quarta-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas
<u>Data: 05 de Abril (quinta-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Semana 24	De 09 a 13 de Abril de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 10 de Abril (terça-feira)</u>
Actividade: Reunião com as colegas com o objectivo de planear os projectos referentes ao Dia do Trabalhador e ao Dia da Espiga a serem desenvolvidos com os seniores do concelho.
<u>Data: 12 de Abril (quinta-feira)</u>
Actividade: Actividade “ Exploradores do Moinho do Cais” com a participação da EB1 nº3 do Montijo. Alunos da professora Elvira Martins.

Semana 25	De 16 a 20 de Abril de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 17 de Abril (terça-feira)</u>
Actividade: Reunião com a colega Matilde para elaboração do power point referente às actividades do Dia do Trabalhador e Dia da Espiga.
<u>Data: 18 de Abril (quarta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho da Maré com a participação de um grupo do Seixal
<u>Data: 19 de Abril (quinta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Museu Agrícola da Atalaia com a participação da EB1 nº3 do Montijo. Alunos da professora Vanessa
<u>Data: 20 de Abril (sexta-feira)</u>
Actividade: Actividade “Quinta Mágica”. Visita ao Museu Agrícola da Atalaia com a participação da EB1 nº3 do Montijo. Alunos da professora Elvira. Leitura sénior no Centro de Dia do Montepio

Semana 26	De 23 a 27 de Abril de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 23 de Abril (segunda-feira)</u>
Actividade: Reunião referente à Exposição permanente com os colegas do departamento. Planeamento delineação do espaço disponível e distribuição de tarefas.
<u>Data: 27 de Abril (sexta-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Semana 27	De 30 de Abril a 04 de Maio de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 01 de Maio (terça-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas
<u>Data: 03 de Maio (quinta-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Semana 28	De 07 a 11 de Maio de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 07 de Maio (segunda-feira)</u>
Actividade: Elaboração de um PowerPoint referente ao projecto <i>Vamos falar de memórias...</i>
<u>Data: 09 de Maio (quarta-feira)</u>
Actividade: Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas
<u>Data: 10 de Maio (quinta-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>Vamos falar de memórias</i> no Pólo do Alto Estanqueiro sobre o <i>Dia do Trabalhador e o Dia da Espiga</i>
<u>Data: 11 de Maio (sexta-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>Conversas à Volta dos Livros</i> com a participação da Santa Casa da Misericórdia

Semana 29	De 14 a 18 de Maio de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 14 de Maio (segunda-feira)</u>
Actividade: Visita à exposição do Azulejo seguido do Roteiro Civil com a participação do Grupo de Seniores
<u>Data: 15 de Maio (terça-feira)</u>
Actividade: Actividade “Uma Aventura na Quinta”. Visita ao Museu Agrícola da Atalaia com a participação da EB1 n.º 2 do Montijo. Alunos da professora Fátima Sobral e Ana Luísa.
<u>Data: 18 de Maio (sexta-feira)</u>
Actividade: Reunião com os colegas do departamento sobre a exposição <i>Conversas à Volta dos Livros</i> no Centro de Dia do Montepio.

Semana 30	De 21 a 25 de Maio de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	---

<u>Data: 21 de Maio (segunda-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Vento com a participação do Jardim de Infância do Bairro da Liberdade
<u>Data: 23 de Maio (quarta-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>Vamos Falar de Memórias</i> . Dia do Trabalhador e Dia da Espiga no Pólo de Pegões
<u>Data: 25 de Maio (sexta-feira)</u>

Actividade:

Actividade “Conversas à Volta dos Livros” no Auditório da Biblioteca Municipal, com a participação do DSPS e do Gabinete Sénior. Autores falados Florbela Espanca e Bocage.

Semana 31**De 28 de Maio a 1 de Junho de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 29 de Maio (terça-feira)**Actividade:**

Actividade “ Tradições da Quinta Nova da Atalaia” Visita ao Museu Agrícola da Atalaia com a participação da EB1 Joaquim de Almeida. Alunos das professoras Vitoria Ledo e Fátima Martins.

Data: 30 de Maio (quarta-feira)**Actividade:**

Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Data: 01 de Junho (sexta-feira)**Actividade:**

Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Semana 32**De 4 a 8 de Junho de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 04 de Junho (segunda-feira)**Actividade:**

Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Data: 05 de Junho (terça-feira)**Actividade:**

Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Data: 06 de Junho (quarta-feira)

Semana 33**De 11 a 15 de Junho de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 11 de Junho (segunda-feira)**Actividade:**

Reunião com dois dos colegas da Divisão – Fernanda Pinho e Joaquim Baldrico - para organização do projecto a ser dinamizado dia 13

Data: 12 de Junho (terça-feira)**Actividade:**

Deslocação à biblioteca Municipal para efetuar pesquisas

Data: 13 de Junho (quarta-feira)**Actividade:**

Actividade *Vamos Falar de Memórias...* Os Santos Populares com a participação do Projecto Caminhar

Semana 34**De 18 a 22 de Junho de 2012 (Segunda a Sexta)**Data: 18 de Junho (segunda-feira)**Actividade:**

Actividade “Azulejos Indiscretos”. Visita à Exposição do Azulejo seguida do Roteiro Civil com a participação do Gabinete Sénior e DSPS

Data: 19 de Junho (terça-feira)**Actividade:**

Visita ao Museu Agrícola da Atalaia com a participação das crianças entre os 3 e os 5 anos do Centro Gymboree.

Data: 21 de Junho (quinta-feira)**Actividade:**

Conversa à volta dos Livros. Pólo de Leitura de Canha, com a participação dos seniores dos centros de Dia da Misericórdia, da Casa do Povo e os seniores inscritos no gabinete Sénior.

<u>Data: 22 de Junho (sexta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Maré do cais na parte da manhã e Visita ao Museu Agrícola da Atalaia na parte da tarde, com a participação dos seniores inscritos na Academia Sénior "Junto de si".

Semana 35	De 25 a 29 de Junho de 2012 (Segunda a Sexta)
------------------	--

<u>Data: 25 de Junho (segunda-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Vento com a participação do ATL Rectas e Letras
<u>Data: 26 de Junho (terça-feira)</u>
Actividade: Actividade <i>Vamos Falar de Memórias...</i> Santos Populares. Local - Pólo de Canha
<u>Data: 27 de Junho (quarta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Maré, com a participação da Academia Sénior de Pegões; <i>Vamos Falar de Memórias...</i> Santos Populares, na Biblioteca Municipal com a participação do Gabinete Sénior
<u>Data: 28 de Junho (quinta-feira)</u>
Actividade: <i>Arte Pública - Um Percurso Pelo Montijo</i> , com a participação de Tu Kontas <i>À Descoberta do Concelho</i> com a participação do MBA
<u>Data: 29 de Junho (sexta-feira)</u>
Actividade: Visita ao Moinho de Maré, com a participação da Biblioteca de Setúbal

Semana 37	De 23 a 27 de Julho de 2012 (Segunda a Sexta)
-----------	---

<u>Data: 23 de Julho (segunda-feira)</u>
Actividade: Visita ao Centro Histórico do Montijo, com a participação de 7 turistas americanos

Anexo 5 – Folheto Informativo sobre o Concelho do Montijo

Anexo 6 – Impresso Informativo sobre o Museu Agrícola da Atalaia

Anexo 7 – Impresso Informativo sobre as Rotas Turísticas no Montijo

Anexo 8 – Folheto Informativo sobre a Gripe A (H1N1)

Anexo 9 – Folheto informativo sobre Medidas de auto-protecção e defesa contra incêndios

Anexo 10 – Folheto Informativo da Protecção Civil

Anexo 11 – Impresso “Roteiro – O Azulejo no Montijo.

Anexo 12 – Questionários À *Descoberta do Concelho*

Anexo 13 - Organograma da Câmara Municipal do Montijo

Anexo 14 – Programa de Estágio

Anexos Digitais

Disco 1

**Fotografias das exposições – Cesário Verde; Luís Calado
Nunes; *De Aldeia Galega a Montijo.***

Disco 2

**Fotografias das Actividades relacionadas com os Moinhos –
Vento e Maré.**

Disco 3

Fotografias e *PowerPoint* das actividades *Vamos Falar de Memórias e Conversas à volta dos Livros.*

Disco 4

Fotografias da Exposição do Azulejo e dos roteiros – civil e religioso.

Disco 5

**Fotografias das actividades no Museu Agrícola da
Atalaia/Quinta Nova da Atalaia.**

Disco 6

Fotografias da actividade *À Descoberta do Concelho; Visita guiada à cidade aos turistas Norte-Americanos.*